

COTRIJORNAL 1º PRÊMIO ABERJE DE JORNALISMO



O COTRIJORNAL foi distinguido pela Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa — ABERJE — com o primeiro prêmio brasileiro na categoria Jornal Externo. A solenidade de entrega dos prêmios, que consistiram em diploma e medalha de prata, ocorreu na noite de 26 de agosto em São Paulo, tendo por local o auditório Ernesto Igel, da ASSOCIGÁS, na avenida Paulista. Na foto o diretor vice-presidente da cooperativa, Arnaldo Oscar Drews, quando recebia das mãos do presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, Audálio Dantas, o diploma conferido ao nosso jornal. Leia reportagem à página 11.

COTRIJUI PESQUISA MERCADO EUROPEU

Tentando o estabelecimento de linhas diretas de venda para países da área do Mercado Comum Europeu e América do Norte, estiveram viajando de 12 a 22 de agosto último para aquelas regiões o diretor-presidente e diretor-superintendente da cooperativa, respectivamente, Ruben Ilgenfritz da Silva e Clóvis Adriano Farina.

Os dirigentes da COTRIJUI estiveram na França e Holanda, onde observaram o funcionamento de cooperativas de produção e estabeleceram importantes contatos com vistas à colocação de produtos primários e em primeiro estágio de industrialização, como é o caso do farelo da soja. Observaram nesses dois países as possibilidades de um franco intercâmbio técnico e de produtos. Segundo o presidente da COTRIJUI, o farelo de soja, que temos tido excedentes, tem possibilidades de colocação em todos os países da área do MCE, todos eles preocupados em manter uma pecuária que necessita de rações concentradas para dar um bom rendimento em leite ou em carne. Nesse setor, foram muito importantes os contatos mantidos pelos dirigentes da cooperativa.

Da Europa, os diretores da COTRIJUI que se faziam acompanhar do sr. Roy Haybittle, operador de mercados internacionais da COTRIEXPORT, viajaram para a América do Norte. Nos Estados Unidos, visitaram a Bolsa de Cereais de Chicago, onde fecharam contrato para receber os informes de pregão da Bolsa no momento em que eles acontecem. Com isso, será bastante facilitada a capacidade operacional da COTRIEXPORT pela agilização das vendas a preços de fechamento dos pregões, que chegarão em Porto Alegre com uma diferença de apenas 15 a 30 segundos.

Dos Estados Unidos viajaram até ao México, país para o qual a COTRIEXPORT vendeu neste ano 175 mil toneladas de soja, em venda direta, furando uma barreira que sempre esteve à feição de outros exportadores, notadamente os Estados Unidos. Este país consome anualmente ao redor de 900 mil toneladas de soja, constituindo-se, portanto, em mercado potencialmente bom para o Brasil.

OS ALIMENTOS E A
INFLAÇÃO. Pág. 2

CONHEÇA O MAL DO
CIGARRO. Pág. 9

“CARMEN” LEMBRA
BIZET. Pág. 19

SAFRA AMERICANA
DE SOJA. Pág. 3

UMA PÁGINA PARA
A MULHER. Pág. 13

SUPERMERCADOS, É
MAIS UM. Pág. 29

PREÇOS MÍNIMOS
AGRÍCOLAS. Pág. 5

O PATROCÍNIO E A
ABOLIÇÃO. Pág. 18

FOGLIATTO, NOME
DE RUA. Pág. 32



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.

CGC ICM - 065/0007700

Inscr. INCRA N° 248/73

CGC MF - 90726506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amá-
ury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Oiderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede) 98.000 T.

Santo Augusto. 77.000 T.

Chiapetta. 60.000 T.

Coronel Bicaco 20.000 T.

Vila Jôia 60.000 T.

Tenente Portela 60.800 T.

Augusto Pestana. 30.000 T.

Ajuricaba. 30.000 T.

Rio Grande 220.000 T.

* Breve mais 66.000 T. de capaci-
dade em Ijuí.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.



Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, eq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

OS ALIMENTOS E A INFLAÇÃO

Estampando títulos na base de "Os cereais pres-
sionam a inflação" e "Ainda maior a pressão dos ali-
mentos no IPA", jornais do centro do país chegaram
ao fim do mês de agosto analisando os percentuais de
aumento do custo de vida.

Não resta a menor dúvida que os produtos alimen-
tícios in natura, isto é, os gêneros agrícolas — segun-
do os jornais, que por sua vez basearam-se em dados
estatísticos da Fundação Getúlio Vargas — têm apare-
cido com peso marcante na formação dos preços ao
consumidor.

Mas o que esses jornais não disseram é que esse
fator de inflação dos gêneros agrícolas não beneficia
em nada ao produtor, quem trabalhou o produto. Mas
bem ao contrário, o prejudica, devido a duas razões
básicas e fundamentais.

Em primeiro lugar, a suba de preço verificada não
ocorreu ao nível da lavoura, mas do intermediário.
Quem comprou o produto ao preço histórico de sa-
fra (digamos, a um índice igual a cem), está colocando
o produto ao consumidor a preços cujo índice, em
certos casos, ascenderam a índices em dobro.

O caso do feijão é típico do que se argumenta nes-
te comentário. Segundo tabelas comparativas publica-
das no "Correio Agro-Pecuário" — edição n° 304,
tendo como fontes as Bolsas de Cereais das principais
praças do país, aquele produto estava cotado em São
Paulo na primeira quinzena de agosto a um mínimo
de 630 e máximo de 660 cruzeiros a saca de 60 qui-
los, conforme a variedade. Pois bem, esse mesmo pro-
duto estava cotado na segunda quinzena de março
na praça em referência, a um mínimo de 365 cruzei-
ros e máximo de 490 cruzeiros para a saca de 60 qui-
los, tudo a nível de atacado. Este segundo período
coincide com época de comercialização da chamada
safrinha. Quando analisamos os preços da segunda
quinzena de agosto, com índices somados em dobro,
constatamos que os preços subiram quando o produ-
to já estava nas mãos do intermediário.

Na praça de Porto Alegre, mesmo período: em
março/abril o feijão-preto estava cotado a 174,50,
valor no atacado, quando o agricultor oferecia o pro-
duto da "safrinha". Mas na segunda quinzena de ago-
sto, quando o produto evidentemente estava de há
muito em mãos de intermediários, o preço no ataca-
do estava cotado em 304 cruzeiros a saca de 60 qui-
los.

Para a futura safra de feijão preto, a colher-se em
dezembro/janeiro, o preço mínimo fixado pelo Con-
selho Nacional de Abastecimento é de 214,80 para a
saca de 60 quilos, e isso graças a um reajuste cujo per-
centual atingiu 75,5% sobre o preço fixado para a sa-
fra anterior. A nível de preço mínimo, força é reco-
nhecer que o quantum fixado é estimulador. Aguarde-
mos, porém, os meses que se seguirão à comercializa-
ção da safra para cotejar-mos os preços mínimos fixa-
dos ao produtor e os preços a serem pagos pelo con-
sumidor, após os "manuseios" feitos pelos interme-
diários.

Analisados por este prisma os preços dos produtos
agrícolas, descobriremos quais são os responsáveis
pela inflação dos gêneros alimentícios.

A SOJA, O TRIGO O TERNEIRO

De acordo com levantamentos estatísticos que
vem sendo divulgados nos últimos anos, o desempe-
nho apresentado pelo setor primário da economia no
Rio Grande do Sul tem sido satisfatório. No biênio
1969/1970, por exemplo, os índices de crescimento
no setor foram de 11,5% e 11% respectivamente. A
lavoura que em 1969 participava com 66,9% da ren-
da agrícola passou para 79,5% em 1973.

Por outro lado, a produção pecuária, analisado
o mesmo período, teve a sua participação relativa di-
minuída de 28,2% para 19%.

Não pode restar dúvidas que este acentuado
crescimento da lavoura deve-se basicamente ao for-
talecimento e crescimento ordenado do movimento
cooperativista e a política de estímulos imprimida
pelo Governo. Estes dois fatores são os principais
responsáveis por nossa pujança agrícola, notadamente
no que se refere ao binômio trigo/soja, que somam
60% do valor global da nossa produção lavoureira.

Parece-nos no entanto, que é chegada a hora de
estruturar-mos nossa agricultura acrescentando-lhe
outro fator econômico de real expressão, que é a pe-
cuária. Este objetivo, segundo a maioria dos técnicos,
deve ser buscado pelos agricultores, quer isoladamen-
te, quer através de suas cooperativas e pelo Governo,
pois a carne é e continuará a sê-lo o produto nobre
por excelência, para qualquer povo e qualquer dieta
alimentar.

Agora mesmo, acaba de ser realizada em Ijuí
mais uma Feira do Terneiro. Apesar do mau tempo
que se fez presente na ocasião, teve público e teve
compradores.

A Secretaria da Agricultura ao criar as Feiras de
Terneiro, paralelamente a faixas especiais de crédito,
abriu possibilidades para que este novo modelo de
produção venha a se tornar realidade em nosso meio
rural.

Segundo o eng. agr. Renato Borges de Medeiros,
MS em forrageiras e responsável por esse setor da CO-
TRIJUI, o casamento agricultura e pecuária encontra
excepcionais condições em toda a região noroeste
do Estado.

Para o técnico, a produção de grãos coexiste per-
feitamente com a produção de carne. E mais. Em
empresas e propriedades racionalizadas, uma atividade
pode completar a outra.

Atualmente, muitos produtores da região já es-
tão se adequando ao casamento do sistema. E a ativi-
dade não constitui nenhuma novidade, pois é sabido
que todo o agricultor próspero na Europa e nos Esta-
dos Unidos é também um pecuarista, no mínimo um
engordador de bovinos.

No nosso caso, podemos constatar que o coope-
rativismo ligado há anos à produção e comercializa-
ção de grãos, também já começou buscar os resulta-
dos econômicos da carne. Até mesmo uma grande
central de carnes no Estado é idéia que começa a ser
discutida pelos dirigentes do setor.

Devemos aderir com maior objetividade para o
engorde de bovinos. Toda a região do Planalto rio-
grandense, incluindo Missões e Alto Uruguai, têm
condições excelentes para a pecuária. Somente na
região da COTRIJUI, para as Feiras deste ano, inscre-
veram-se com opção de compra 31 agricultores. O
número de agricultores que aderem ao engorde de
gado aumenta de ano para ano, numa prova de que
a atividade se constitui num bom negócio.

CAI MESMO PRODUÇÃO AMERICANA DE SOJA?

Até que ponto é lícito aceitar como válidas estatísticas liberadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, sobre safras agrícolas? Mas se esses dados saem da origem prestigiados pela chancela oficial, e são realmente corretos, não correrão o risco de sofrerem adulterações ao serem manipulados para a informação final, digamos, para veiculação na imprensa?

É com restrição, portanto, que focalizamos dados relacionados com estatísticas de produção, principalmente no caso especial da soja, cereal cujo crescimento de produção nos coloca a cada ano mais competitivos em relação ao grande produtor mundial: os Estados Unidos.

Agora mesmo, segundo despacho da UPI, agência oficial norte-americana, o Departamento de Agricultura acaba de calcular que a colheita de soja de 1976 será de 1,344 bilhão de "bushels" (o equivalente a 36,6 milhões de toneladas). Essa produção, se confirmada, será inferior a safra do ano passado em 12 por cento. Ressaltou o Departamento, que peritos comerciais afirmaram que comerciantes do setor foram surpreendidos pela previsão, que "foi um pouco superior ao que esperavam". Mas um economista particular e um especialista do Governo concordaram que a previsão ainda estabelece uma oferta potencial de soja, pois ela é superior em 11 por cento relativamente as safras de 1973 e 1974.

Afirmou Howard Hjort, um economista da firma consultora Schnitker Associates, que a redução do volume físico da safra vai justificar preços "razoáveis, mas não uma mudança muito acentuada, conforme ocorreu recentemente."

De quanto será reduzida a reserva durante a temporada de 1976-1977, afirmou Hjort que esta dependerá da relação entre os preços da soja e do milho.

Os preços prováveis do milho norte-americano foram fortalecidos a 12 de agosto, quando o Departamento de Agricultura calculou a safra do "Cinturão" (Corn Belt) em 6,187 bilhões de "bushels". Se se confirmar essa previsão, os norte-americanos terão colhido a maior safra de milho de todos os tempos. Mas é importante observar que em julho, o mesmo Departamento de Agricultura havia estimado a safra em 6,553 bilhões de "bushel". Conforme se vê, a atual estimativa é inferior em 366 milhões de "bushels" a estimativa de há 90 dias.

Até o começo da colheita, no final deste mês, deverão acontecer ainda diversas estimativas. Mas os técnicos acham que o cálculo de 1,344 bilhão de "bushels" se aproxima muito da estimativa anterior do Departamento, de uma safra de 1.350 bilhão de "bushels".

Como resultado, seria de admirar se realmente se fizessem modificações em previsões anteriores do Governo. As previsões originais diziam que, em consequência do declínio na produção em comparação com a do ano passado, que foi de 1,521 bilhão de "bushels", a soja da atual temporada deve ser "ligeiramente menor que a computação do presente ano agrícola, com pequeno declínio tanto nas exportações como no mercado interno".

O relatório de 12 de agosto terminava dizendo que "os preços mais elevados da soja norte-americana e a concorrência da soja brasileira, poderão diminuir a exportação e restringir a moagem".

Os números são esses. Será interessante que nossos produtores recortem este comentário e o guardem arquivado, para um cotejo futuro. Só assim teremos possibilidades de testar até que ponto as estimativas de safra são divulgadas corretamente.



EUROPEUS CONTRA POLUIÇÃO DO BÁLTICO



KIEL (INB) — Os alemães estão intranquilos: o mar Báltico um dos lugares preferidos para gozar as férias no nordeste da República Federal da Alemanha, consta atualmente, segundo o relatório da FAO — Organização Mundial para Alimentação e Agricultura — como o mar mais poluído do mundo.

Mas não só os dois Estados alemães do Leste e do Oeste sofrem com essa situação, também

outros cinco países limítrofes. Peritos acham que ainda foi assinado há tempo em Helsinque (março de 1974), um tratado internacional sobre a poluição do Báltico. Além da RFA, assinaram-no a República Democrática Alemã (RDA), Dinamarca, Finlândia, Polônia, Suécia e União Soviética.

O tratado para a proteção do ambiente no mar Báltico remonta a uma resolução toma-

da na conferência de Proteção ao Meio, realizada em Estocolmo (Suécia), em 1972. Desde 1974 os países signatários do referido tratado, uns mais outros nem tanto, usam os recursos da técnica e da ciência para recuperar aquele mar interior. Na fotomontagem da "Inter Naciones", a neutralização química de resíduos de óleo na água e detritos retirados do mar, pela própria maré.

TRIGO ARGENTINO PARA URSS?

BUENOS AIRES — Segundo o secretário de Comércio Exterior argentino Alberto Fraquio a União Soviética estaria disposta a adquirir durante dez anos, todos os excedentes de trigo argentino. A notícia foi dada pelo jornal "El Economista", de Buenos Aires. Mas, segundo destacou a agência Associated Press, esta informação não pôde ser confirmada por outras fontes governamentais nem pela embaixada soviética.

"El Economista" afirmou que a União Soviética formulou "uma proposta explosiva que consiste na oferta de adquirir, durante dez anos, todos os excedentes de trigo que a Argentina possua, de acordo com os preços reajustáveis e sua cotação anual. Existe a possibilidade de que o oferecimento possa estender-se a outros produtos agrícolas, afirmou o jornal.

Fraquio afirmou numa reunião de exportadores que "a

Argentina aumentou em cerca de 30% suas exportações de carnes no último semestre, e existe uma tendência favorável para o resto do ano e a primeira metade de 1977".

As vendas de carne — juntamente com os cereais, são as tradicionais fontes de divisas da Argentina — reduziram-se substancialmente a partir de 1974, quando o Mercado Comum Europeu colocou barreiras protecionistas.

CAI MESMO PRODUÇÃO AMERICANA DE SOJA?

Até que ponto é lícito aceitar como válidas estatísticas liberadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, sobre safras agrícolas? Mas se esses dados saem da origem prestigiados pela chancela oficial, e são realmente corretos, não correrão o risco de sofrerem adulterações ao serem manipulados para a informação final, digamos, para veiculação na imprensa?

É com restrição, portanto, que focalizamos dados relacionados com estatísticas de produção, principalmente no caso especial da soja, cereal cujo crescimento de produção nos coloca a cada ano mais competitivos em relação ao grande produtor mundial: os Estados Unidos.

Agora mesmo, segundo despacho da UPI, agência oficial norte-americana, o Departamento de Agricultura acaba de calcular que a colheita de soja de 1976 será de 1,344 bilhão de "bushels" (o equivalente a 36,6 milhões de toneladas). Essa produção, se confirmada, será inferior a safra do ano passado em 12 por cento. Ressaltou o Departamento, que peritos comerciais afirmaram que comerciantes do setor foram surpreendidos pela previsão, que "foi um pouco superior ao que esperavam". Mas um economista particular e um especialista do Governo concordaram que a previsão ainda estabelece uma oferta potencial de soja, pois ela é superior em 11 por cento relativamente as safras de 1973 e 1974.

Afirmou Howard Hjort, um economista da firma consultora Schnitker Associates, que a redução do volume físico da safra vai justificar preços "razoáveis, mas não uma mudança muito acentuada, conforme ocorreu recentemente."

De quanto será reduzida a reserva durante a temporada de 1976-1977, afirmou Hjort que esta dependerá da relação entre os preços da soja e do milho.

Os preços prováveis do milho norte-americano foram fortalecidos a 12 de agosto, quando o Departamento de Agricultura calculou a safra do "Cinturão" (Corn Belt) em 6,187 bilhões de "bushels". Se se confirmar essa previsão, os norte-americanos terão colhido a maior safra de milho de todos os tempos. Mas é importante observar que em julho, o mesmo Departamento de Agricultura havia estimado a safra em 6,553 bilhões de "bushel". Conforme se vê, a atual estimativa é inferior em 366 milhões de "bushels" a estimativa de há 90 dias.

Até o começo da colheita, no final deste mês, deverão acontecer ainda diversas estimativas. Mas os técnicos acham que o cálculo de 1,344 bilhão de "bushels" se aproxima muito da estimativa anterior do Departamento, de uma safra de 1.350 bilhão de "bushels".

Como resultado, seria de admirar se realmente se fizessem modificações em previsões anteriores do Governo. As previsões originais diziam que, em consequência do declínio na produção em comparação com a do ano passado, que foi de 1,521 bilhão de "bushels", a soja da atual temporada deve ser "ligeiramente menor que a computação do presente ano agrícola, com pequeno declínio tanto nas exportações como no mercado interno".

O relatório de 12 de agosto terminava dizendo que "os preços mais elevados da soja norte-americana e a concorrência da soja brasileira, poderão diminuir a exportação e restringir a moagem".

Os números são esses. Será interessante que nossos produtores recortem este comentário e o guardem arquivado, para um cotejo futuro. Só assim teremos possibilidades de testar até que ponto as estimativas de safra são divulgadas corretamente.



EUROPEUS CONTRA POLUIÇÃO DO BÁLTICO



KIEL (INB) — Os alemães estão intranquilos: o mar Báltico um dos lugares preferidos para gozar as férias no nordeste da República Federal da Alemanha, consta atualmente, segundo o relatório da FAO — Organização Mundial para Alimentação e Agricultura — como o mar mais poluído do mundo.

Mas não só os dois Estados alemães do Leste e do Oeste sofrem com essa situação, também

outros cinco países limítrofes. Peritos acham que ainda foi assinado há tempo em Helsinque (março de 1974), um tratado internacional sobre a poluição do Báltico. Além da RFA, assinaram-no a República Democrática Alemã (RDA), Dinamarca, Finlândia, Polônia, Suécia e União Soviética.

O tratado para a proteção do ambiente no mar Báltico remonta a uma resolução toma-

da na conferência de Proteção ao Meio, realizada em Estocolmo (Suécia), em 1972. Desde 1974 os países signatários do referido tratado, uns mais outros nem tanto, usam os recursos da técnica e da ciência para recuperar aquele mar interior. Na fotomontagem da "Inter Naciones", a neutralização química de resíduos de óleo na água e detritos retirados do mar, pela própria maré.

TRIGO ARGENTINO PARA URSS?

BUENOS AIRES — Segundo o secretário de Comércio Exterior argentino Alberto Fraquio a União Soviética estaria disposta a adquirir durante dez anos, todos os excedentes de trigo argentino. A notícia foi dada pelo jornal "El Economista", de Buenos Aires. Mas, segundo destacou a agência Associated Press, esta informação não pôde ser confirmada por outras fontes governamentais nem pela embaixada soviética.

"El Economista" afirmou que a União Soviética formulou "uma proposta explosiva que consiste na oferta de adquirir, durante dez anos, todos os excedentes de trigo que a Argentina possua, de acordo com os preços reajustáveis e sua cotação anual. Existe a possibilidade de que o oferecimento possa estender-se a outros produtos agrícolas, afirmou o jornal.

Fraquio afirmou numa reunião de exportadores que "a

Argentina aumentou em cerca de 30% suas exportações de carnes no último semestre, e existe uma tendência favorável para o resto do ano e a primeira metade de 1977".

As vendas de carne — juntamente com os cereais, são as tradicionais fontes de divisas da Argentina — reduziram-se substancialmente a partir de 1974, quando o Mercado Comum Europeu colocou barreiras protecionistas.

PREÇOS MÍNIMOS AGRÍCOLAS PARA A SAFRA DE 1976/77

O Conselho Nacional de Abastecimento reajustou, a 2 de agosto, os preços mínimos de comercialização de 15 produtos agrícolas nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país, e que servirão de suporte a safra 1976/77, a ser colhida a partir de março do próximo ano.

A soja foi o produto que obteve o menor reajuste — 28,8% — tendo seu preço mínimo estipulado em Cr\$ 96,00 por saca de 60 quilos, com base no tipo 3. A cultura que maior reajuste obteve foi o feijão-preto comum — 75,5% — cuja saca de 60 quilos será comercializada a Cr\$ 214,80. São os seguintes os novos preços mínimos:

SOJA — Apesar de ter estipulado um preço mínimo apenas 28,8% superior para a soja, o Conab acredita que o plantio seja estipulado principalmente pelas perspectivas de aumento no consumo de proteínas e pela redução na oferta mundial em 1977.

MILHO — Para o milho foi estipulado o preço de Cr\$ 63,60 por saca de 60 quilos (tipo 2), o que representa um reajuste de 32,5% sobre o nível anterior, considerado estimulante pelo Conab. Os estudos da Comissão de Financiamento da Produção mostram excelentes possibilidades para o Brasil se firmar como grande produtor e tradicional exportador de milho. "Observa-se que, mesmo com um nível de produtividade inferior a outros países, o produtor brasileiro apresenta-se competitivo no que se refere a custos de produção. O poder de competição é deteriorado principalmente pela carga tributária e pelas significativas despesas de frete e embarque", acrescenta o Conab.

ALGODÃO — O preço do algodão em caroço foi fixado em Cr\$ 78,00 por arroba de 15 quilos (tipo 5, fibra/32 — longa), o que representou um reajuste de 71,6%. A decisão buscou incentivar a produção, evitando que o abastecimento interno seja novamente comprometido em 1977. No mercado externo, a forte repercussão na demanda mundial associada a uma produção apenas um pouco maior que a de 1975/76 prenuncia, segundo a CFP, a manutenção de preços relativamente elevados. O mercado interno caracteriza-se por uma tendência decrescente na produção e por uma tendência ligeiramente ascendente no consumo, o que pode levar os estoques a níveis críticos, caso não haja estímulo à produção.

FEIJÃO — O feijão recebeu preços mínimos de Cr\$ 220,20 e Cr\$ 214,80 por saca de 60 quilos para os tipos "cores" e comum respectivamente, com

reajustes de 69,1% e 75,5%. Os tipos Uberabinha e Roxo terão seus preços mínimos fixados só em novembro. Sobre os novos níveis, o Conab divulgou o seguinte comentário: "Ultimamente verifica-se que a cultura do feijão não vem suportando em igualdade de condições a competição com outros produtos que, mais tecnificados, estão sujeitos a menores riscos de produção. Os preços mínimos aprovados tentam estimular o agricultor a permanecer na atividade e garantir o abastecimento no mercado a níveis de preços compatíveis ao poder aquisitivo das classes de menor renda, grandes consumidores do produto".

ARROZ — A saca de 50 quilos de arroz em casca obteve um preço mínimo de Cr\$ 100,00 para o tipo 2 de grãos longos, com rendimento mínimo de 40% de grãos inteiros e o máximo de 28% de quebrados. O reajuste foi de 40%. Segundo o Conab, a excelente safra deste ano registrou um aumento de 33% sobre o anterior mas, ao mesmo tempo, está provocando o aviltamento de preços para o produtor. O novo preço mínimo procura evitar o desestímulo ao plantio nas áreas tradicionais não obstante os atuais estoques reguladores existentes em mãos do Governo.

AMENDOIM — Como o amendoim em casca constitui produto considerado importante na diversificação da oferta interna de oleaginosas comestíveis, o Conab reajustou seu preço mínimo em 40%, fixando-o em Cr\$ 3,00 por 25 quilos do produto a granel.

SEMENTE DE GIRASSOL — Apesar de não ter uma participação significativa na produção nacional, a semente de girassol teve seu preço mínimo fixado em Cr\$ 58,00 por 40 quilos (tipo 2 a granel), o que representou um aumento de 28,3% sobre o ano passado, com o objetivo principal de garantir o produtor caso ocorram problemas de comercialização em 1977.

MANDIOCA — Levando em consideração as perspectivas favoráveis do mercado externo e os custos de produção no Centro-Sul, o Conab fixou em Cr\$ 250,00 a tonelada.

SORGO — O preço da saca de 60 quilos de sorgo em grãos foi fixado em Cr\$ 60,00 para o tipo 3 a granel, representando 95% da cotação do milho, "o que dá continuidade à política governamental de liberação de maiores quantidades de milho para o mercado externo, substituindo-o pelo sorgo e outros grãos forrageiros na alimentação

animal", afirma o Conab. O novo preço do sorgo corresponde a um aumento de 25%.

RAMI — O rami, cuja produção se concentra no Paraná, teve preços mínimos fixados para dois tipos: o rami bruto, classe "B", obteve Cr\$ 3,30 por quilo e o rami amaciado, (classe B tipo 2) Cr\$ 4,16 por quilo de fibra prensada. Os preços representam respectivamente, aumentos de 65% e 34,6% e procuram interromper o processo de erradicação de produto.

MAMONA — O preço da mamona em bagas foi fixado em Cr\$ 108,00 por 60 quilos (tipo 3) a granel, representando um reajuste de 48,8% sobre o ano passado. O nível é único para todo o território nacional. Na análise do mercado, revelou-se que o comportamento instável do mercado externo gerou situações cíclicas com efeitos baixistas sobre o preço do óleo, desestimulando a produção brasileira que caiu mais de 70%. O preço fixado procura, segundo o Conab, não só atenuar estas distorções como também garantir a hegemonia brasileira como fornecedor, mantendo preços que não estimulem o aparecimento de concorrentes.

MENTA — Quanto à men-



O milho, com o preço mínimo cotado a 63,60 cruzeiros a saca de 60 quilos, teve um percentual de aumento de 32,5 por cento em relação à safra anterior.

ta, apesar de o Brasil ser o primeiro produtor e exportador de óleo bruto, o produto sofre a concorrência do mentol sintético. Assim, estipulou-se um preço mínimo de Cr\$ 90,00 por quilo de óleo bruto ("menta arvenis" tipo 2), representando um reajuste de 9,1% em relação ao ano anterior.

SEMENTES — Para as sementes foram aprovados os seguintes preços mínimos: amendoim tatuí, Cr\$ 4,49 o quilo; amendoim tatu, Cr\$ 5,39 o quilo; arroz, Cr\$ 2,62 o quilo; soja, Cr\$ 2,80; feijão-preto comum,

Cr\$ 7,15 o quilo; feijão-mulatinho, Cr\$ 7,70 o quilo; milho híbrido, Cr\$ 2,78; milho variedade Cr\$ 2,23.

NORTE E NORDESTE

O Conab fixou também preço mínimo de Cr\$ 4,40 por quilo de juta e malva, cultivadas no Norte e Nordeste, para a próxima safra.

A cera de carnaúba não teve seu preço fixado porque está na dependência de medidas que serão adotadas para estimular as exportações do produto, segundo a CFP.

OFERTA DE INSUMOS AGRÍCOLAS

Segundo levantamento feito pelo jornal Gazeta Mercantil, de São Paulo (edição de 13 de agosto de 1976), o mercado internacional de fertilizantes apresentou em 1975 características bem diferentes das de 1974. De um excesso de demanda neste ano citado, acompanhado de alta incomum de preços, passou-se para um equilíbrio no primeiro semestre de 1975 e um excesso de oferta no segundo semestre, que se prolongou até ao primeiro

semestre de 1976.

Esse comportamento, segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), resultou em um arrefecimento do mercado a partir do início de 1975.

Sempre conforme o citado jornal paulista, para 1976/77, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos estimou a oferta e o consumo mundial de fertilizantes, evidenciando as reais potencialidades de produção mundial e o consumo para

cada nutriente em tres regiões do mundo, agrupadas segundo seus respectivos estágios de desenvolvimento.

Do balanço geral — informa o IEA — no qual se consideram as transações inter-regionais resulta um bom equilíbrio entre oferta e demanda para os fertilizantes nitrogenados, um relativo excesso de oferta para os fosfatos e um equilíbrio de produção e consumo assegurado para os potássicos.

CRESCIMENTO AGRÍCOLA

A taxa de crescimento do produto agrícola este ano deverá ser de 5%, segundo estimativas preliminares do Ministério da Agricultura, reveladas a 12 de agosto no Rio de Janeiro, por seu secretário-geral, Paulo Afonso Romano.

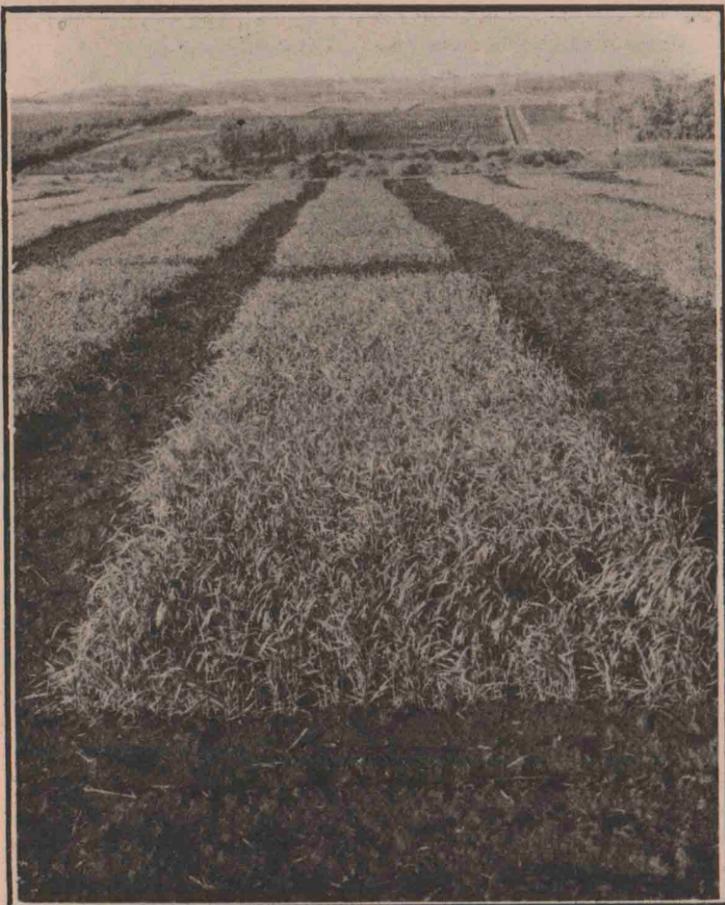
No ano passado o produto agrícola cresceu 3,4% sobre os índices verificados no ano anterior (1974).

Estimou o sr. Paulo Romano que os 15 principais produtos agrícolas, que representam cerca de 85% da safra global do país, terão um incremento da área cultivada de 5 milhões de hectares em 1976/77, em relação a área plantada este ano. Um dos fatores que, a seu ver, está estimulando a ampliação das áreas de plantio são os novos preços mínimos dos produtos agrícolas fixados pelo Governo, os quais registraram aumento médio de 43%.

PENSAMENTO DO PRODUTOR

O presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, sr. Fábio Meirelles, em declarações feitas na capital paulista, disse que "quando se analisa os preços dos produtos agrícolas, na maioria das vezes se esquece de avaliar o aumento dos custos da agricultura, que é maior do que em outros setores. Afirmando, sem medo de errar — enfatizou — que o dólar para a comp. a das necessidades do nosso setor tem muitas vezes forçado sua própria descapitalização".

O pronunciamento do líder rural bandeirante ocorreu em resposta a pronunciamento do ministro da Fazenda, sr. Mário Henrique Simonsen, em julho último, quando este disse que a elevação dos preços dos alimentos entre dezembro e maio últimos, foi também responsável pelo aumento da inflação.

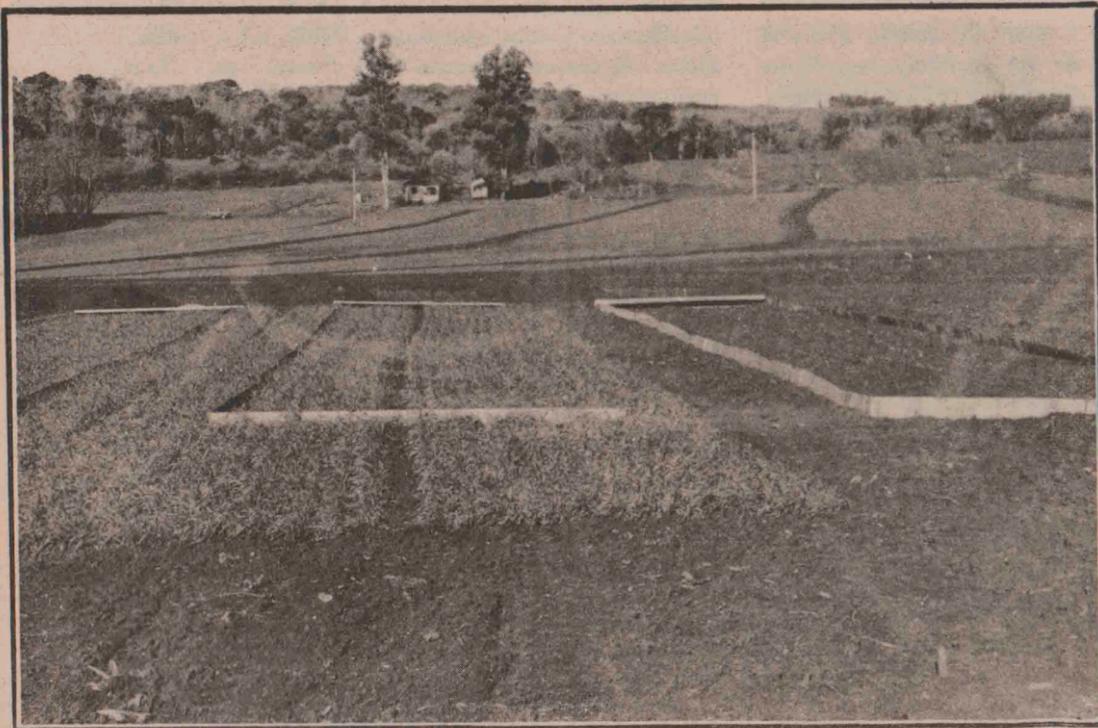


Testes para reprodução de variedades mais resistentes.

EXPERIMENTOS DA COTRIJUI NO CENTRO DE TREINAMENTO

Em março deste ano, mediante termo de ajuste com o Ministério da Agricultura, a COTRIJUI assumiu o controle do Posto Agro-pecuário de Ijuí, localizado no município de Augusto Pestana. Esta reportagem, passados cinco meses da posse, vai mostrar o que a cooperativa já conseguiu realizar ali em benefício da pesquisa e da multiplicação de sementes, com projeções futuras do que se pretende realizar a seguir, por etapas sucessivas, pois o antigo Posto Agropecuário foi dinamizado para um centro de treinamento e experimentação agro-pecuária.

A necessidade de progredir torna os conhecimentos sensivelmente provisórios. Por isso, a cada dia, a investigação e a pesquisa fazem-se mais importantes. Considerando que o PAP já vinha servindo, há anos, como local de pesquisas, a COTRIJUI, ao assumir seu controle, procurou aliar-se a outros órgãos de experimentação e pesquisa para dinamizá-lo. Termos operacionais conjuntos foram assinados pela COTRIJUI com a EMBRAPA — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; FECOTRIGO — Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja; Faculdade de Agronomia de Porto Alegre (UFRGS); IPAGRO, Instituto de Pesquisa Agropecuária da Secretaria da Agricultura e "Institut für Pflanzenbau und Pflanzenzücht der Universität Göttingen", da Alemanha.



Experimentação em projeto de conservação do solo.

A COTRIJUI, com a participação das organizações citadas, está desenvolvendo trabalhos de: pesquisa em conservação do solo, micronutrientes, fungicidas, introdução de colza, ensaios preliminares de trigo, soja, aveia, setária e panicum maximum, além de outros trabalhos relacionados com pecuária, olericultura, fruticultura, silvicultura, suinocultura, entre outros, conforme daremos detalhes a seguir.

EMPRAPA

Ensaio demonstrativo de controle combinado de pragas e doenças do trigo. Responsável, EMBRAPA. Executor, eng. Agr. Benani Batalchok, com a colaboração direta da COTRIJUI. Os objetivos são a avaliação de aplicação de defensivos no controle integrado de pragas e doenças na cultura do trigo. O trabalho terá a duração mínima de cinco anos.

FECOTRIGO

A Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja desenvolve ensaio preliminar em trigo, com o objetivo de avaliar o comportamento das linhagens selecionadas pelo trabalho de melhoramento.

Responsável, FECOTRIGO. Executor — técnicos do Centro de Pesquisa da FECOTRIGO (Cruz Alta), com a colaboração de técnicos do Departamento competente da COTRIJUI. Esse ensaio terá a duração de três anos.

Ensaio com Fungicidas. Responsável, FECOTRIGO. Execução, técnicos da FECOTRIGO e colaboração de técnicos da COTRIJUI. Os objetivos são: avaliar o resultado da aplicação de fungicidas no controle das moléstias na cultura do trigo. A duração é de cinco anos.

AGRONOMIA

A Faculdade de Agronomia de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desenvolve os seguintes ensaios: Comparação de Cultivares de Aveia submetidos a diferentes frequências de corte, para produção de forragem e grãos. Responsáveis: professores do Departamento de Fitotecnia da UFRGS. Executor, eng. agr. Renato Borges de Medeiros, M.S., responsável pelo Setor de Forrageiras do Departamento Técnico da COTRIJUI. O objetivo é identificar cultivares de aveia mais adaptados à produção de matéria seca, grãos e proteínas, quando submetida a diferentes frequências de corte, imitando o pastejo suplementar durante a estação fria, e verificar o efeito dos cortes na qualidade, rendimento e época de maturação dos grãos. Esse experimento terá a duração de um ano (maio de 1976 a abril de 1977). Para o próximo ano se pretende firmar convênio com a Faculdade de Agronomia da UFRGS para ampliar os estudos sobre forrageiras. Entre os trabalhos programados estará incluído um estudo de integração lavoura/pecuária, onde se buscará definir modelos de produção para a região do Planalto. Nestes modelos os sistemas de arado deverão alternar com os sistemas de pastejo.

AGRICULTURA

Através do Instituto de Pesquisa Agropecuária — IPAGRO — A Secretaria da Agricultura desenvolve os seguintes experimentos: Ensaio ecológico de épocas e cultivo de feijão. Responsável, eng. agr. Vilson Sutilli (IPAGRO). Executor, eng. agr. Luiz Volney Mattos Viau, da COTRIJUI. Os objetivos são: avaliar o rendimento de quatro cultivares de feijão, correlacionados com a época de plantio. A duração do experimento será de três anos, a começar no próximo mês de outubro.

Comportamento de cultivares e linhagens de soja em diferentes níveis de fertilidade. Responsável, eng. agr. Luiz Fernando Goepfert, do IPAGRO; executor, eng. agr. Sidney Gervini Souza, da COTRIJUI. Os objetivos são: avaliar a resposta de cultivares de soja à calagem e a adubação. Caracterizar a possível resposta diferencial de cultivares de soja em função de diferentes níveis de Fertilidade dos solos. Estudar o comportamento de linhagens a serem lançadas para obtenção de melhores indicações e cultivo em solos adequados às suas características. A duração deste experimento será de um mínimo de cinco anos, a contar de novembro próximo.

Outro experimento COTRIJUI-IPAGRO tem o título Influência de épocas de semeadura no rendimento e características agrônomicas em 12 cultivares de milho. O responsável por esse projeto é o eng. agr.

Vilson Sutilli, do IPAGRO, para a execução a nível de campo pelo eng. agr. Luiz Volney Mattos Viau, da COTRIJUI.

Os objetivos são: condicionar os rendimentos com os principais fatores meteorológicos — condições hídricas e térmicas — caracterizar a fenologia dos cultivares, avaliar através do rendimento os cultivares de maior produtividade, adaptabilidade, e resistência às moléstias. A duração do programa será de dois anos, contados a partir deste mês de setembro.

Avaliação de métodos de preparo do solo para a cultura da soja. O responsável é o eng. agr. Luiz Fernandes Goepfert, do IPAGRO e o executor o eng. agr. Luiz Volney Mattos Viau, da COTRIJUI. Os objetivos são: buscar informações que induzam a um sistema alternativo de preparo do solo para a cultura de soja que não apresente os inconvenientes do método tradicionalmente usado de lavrações e gradagens. Pretende-se alcançar esse objetivo através da comparação dos efeitos de diferentes métodos de preparo do solo sobre: rendimento de grãos, unidade de solo, disponibilidade de nutrientes do solo, desenvolvimento radicular, peso de 1.000 sementes. A duração deste programa será de cinco anos.

Finalmente, a Determinação de perdas de terra por erosão em solo do tipo Santo Ângelo. O responsável é o eng. agr. Elemar Antonio Cassol (IPAGRO), execução do eng. agr. Luiz Volney M. Viau — COTRIJUI. Terá colaborações da Faculdade de Agronomia da UFRGS e Departamento Técnico da COTRIJUI. Os objetivos são determinar a intensidade dos efeitos da erosão em solos Santo Ângelo, obtendo informações para a realização de futuras pesquisas em conservação de solo. O experimento terá a duração mínima de 15 anos, contando desde 15 de junho último.

COLZA

Um programa de introdução e avaliação de cultura da colza na região das Missões, está sendo desenvolvido pela COTRIJUI com o apoio do Institut für Pflanzenbau und Planzenzücht der Universität Göttingen, da Alemanha Ocidental.

O responsável é o eng. agr. (com doutorado — PHD) Gerhardt Roebelen, da referida universidade alemã. A execução está a cargo do eng. agr. Luiz Volney Viau. Os objetivos desse programa são: determinar o comportamento produtivo de cultivares de colza na região das Missões; determinar a melhor época de semeadura, e espaçamento do teor de ácidos erúico em cultivares melhoradas. Os estudos desse programa começaram a 10-06-1975 e terminaram em 1980.

HIBRIDOS

Com a colaboração triplíce da FECOTRIGO, COTRIJUI e PROAGRO PIONEER, o Centro realizará um Ensaio de híbridos de trigo. A responsabilidade técnica e execução a nível de campo estarão a cargo do eng. agr. Sidney Gervini Souza, da COTRIJUI. Objetivos: conhecer características e aquilatar potencialidades de híbridos de trigo através de material trazido dos Estados Unidos. Terá uma duração mínima de dois anos.

Esse o estágio atual do Posto Agropecuário de Ijuí, cinco meses após ter sido entregue à administração da COTRIJUI, no que se refere ao setor de pesquisa e experimentação.



Gado da raça Fleckvieh, dá início ao projeto pecuário.

MELHORAR PRODUTIVIDADE

Sendo a soja o principal cultivo agrícola da região, naturalmente merece muita atenção da COTRIJUI, no sentido de aumentar a sua produtividade. Os rendimentos médios na última safra situaram-se em torno dos 1.800 quilos por hectare. No entanto algumas lavouras já obtiveram rendimentos superiores a 3.000 quilos por hectare.

O fato em si mostra as possibilidades em produção na maioria das lavouras. Será feita uma lavoura de soja onde o agricultor poderá observar as seguintes práticas adequadas à região: técnicas conservacionistas, correção e melhoramento da fertilidade do solo, área com plantio direto ou cultivo mínimo, sistema de manejo do solo, controle de inóculos através de herbicidas, cultivo de variedades preferenciais recomendadas pela CESSOJA; controle integrado de pragas usando defensivos menos tóxicos, colheita e tritura da palha para futura incorporação.

Também na cultura do trigo estamos desenvolvendo trabalhos, procurando soluções para os problemas das moléstias fúngicas em decorrência de condições climáticas adversas. Como não é possível controlar as variações climáticas, é necessário desenvolver processos tecnológicos que possam atenuar suas consequências através de aplicação de fungicidas.

Visando possibilitar a realização de todas essas práticas pelo

produtor, a COTRIJUI, através de seus diversos departamentos, já possui programas em desenvolvimento.

LAVOURAS

Mas além da preocupação em aumentar a produtividade da soja, a cooperativa estimulará e prestigiará outros cultivos tradicionais no Estado. Em especial o milho, o feijão preto, a cevada cervejeira, o sorgo granífero, forrageiras em geral (de verão e inverno) e numa segunda fase, olericultura, fruticultura e silvicultura, além das pecuárias de corte, leiteira e suinocultura, a saber:

MILHO — É uma das culturas tradicionais da pequena propriedade e que está relegada a um segundo plano devido a instabilidade verificada na suinocultura. Hoje, os rendimentos médios de milho giram em torno de 1.800 quilos por hectare.

No objetivo de aumentar o rendimento dessa cultura serão feitas lavouras demonstrativas visando as técnicas de correção do solo, aplicação de herbicidas, semente de variedades híbridas, adubação de manutenção e de cobertura. A maior produtividade do milho será mais uma alternativa de diversificação da produção.

Visando garantir melhores preços ao produtor, nesta safra a COTRIJUI inicia o recebimento, para comercialização, do milho de seus associados.

FEIJÃO PRETO — Devemos continuar incentivando a produção do feijão preto. A lavoura a ser programada tem finalidade demonstrativa e de produção de semente para distribuição aos agricultores. Nesse sentido, serão empregadas todas as técnicas disponíveis, inclusive a irrigação, se necessário, a fim de aumentar a produtividade.

CEVADA CERVEJEIRA — É mais uma cultura de inverno que pode ser desenvolvida opcionalmente, em relação ao trigo, e forrageiras de estação fria. Dessa maneira, parte da resteva da soja que fica no pousio oferece mais uma alternativa de exploração no período. Além de ser usada como lavoura demonstrativa, a produção servirá para semente a ser distribuída aos agricultores interessados.

SORGO GRANÍFERO — Pela expressão econômica que adquiriu em outros países, o sorgo granífero merece maior atenção. Como é sabido, até aqui o sorgo é o cereal de verão de menor expressão no plantio no Rio Grande do Sul.

Em lavouras onde o milho não dá bem, é possível substituir-se pelo sorgo. O sorgo pode ser plantado em sucessão com o trigo, usando o mesmo tipo de equipamento.

CULTURAS FORRAGEIRAS — Além de objetivar o aprimoramento dos cultivos de grãos, se pretende, na área comercial, promo-

ver a integração da lavoura com a pecuária de corte e de leite. Por esta razão parte da área ocupada pelas culturas em grão deverão rotacionar com os cultivos forrageiros. As áreas não recomendadas para culturas anuais serão ocupadas por forrageiras permanentes.

As espécies a serem utilizadas serão aquelas que vem sendo recomendadas pelos órgãos de pesquisa. O programa de pastagens incluirá espécies anuais e perenes tanto de estação fria como de estação quente. Concomitantemente serão realizadas as práticas de fenação e ensilagem. Também serão utilizados os resíduos de lavoura como forragem volumosa. O que se objetiva, fundamentalmente, é estudar alternativas de produção de carne que se ajustem ao modelo de agricultura desta região.

Por outro lado, têm-se o objetivo de demonstrar aos agricultores

que lavoura e pecuária podem ser atividades paralelas; isto é, desempenhadas simultaneamente.

Como as sementes de espécies forrageiras ainda são escassas e, por isso, limitantes do crescimento de área, se pretende também desenvolver a produção de sementes.

Existem sementes de várias espécies forrageiras que ainda são importadas. Em consequência, apresentam um preço bem mais elevado. Como a COTRIJUI vem desenvolvendo um projeto de multiplicação de sementes, e pretende realizar no PAP alguma coisa nesse sentido, vai estudar métodos de colheita adequados às espécies forrageiras recomendadas para a região.

É pensamento dos técnicos da cooperativa que se poderá demonstrar aos produtores a plena viabilidade da produção de sementes e forrageiras como alternativa rendosa.

DIVERSIFICAÇÃO DE CULTURAS

OLERICULTURA — O atual sistema de exploração agrícola induziu a uma intensa mecanização, determinando um excesso de mão-de-obra na pequena propriedade, principalmente nas áreas próximas aos centros urbanos. Esta mão-de-obra abundante e pouco especializada, embora tenha seus aspectos negativos pode ser racionalmente aproveitada através de uma modelagem em nosso sistema de produção, pela diversificação de atividades. Também pode ser ponderado que atualmente os produtos hortigranjeiros consumidos no Planalto vêm, em sua maioria, de outras regiões e até mesmo de outros Estados. O fomento à horticultura, de um modo especial, próximo aos centros urbanos, surge como uma das alternativas para o pequeno produtor.

FRUTICULTURA — Pelas mesmas razões a fruticultura é outra opção que deverá ser oferecida aos pequenos agricultores. Em decorrência disto o Posto Agro-Pecuário surge como um aliado na tarefa de motivar os produtores para esta atividade. Se pretende destinar uma área do Centro de Treinamento para formação de um pequeno pomar e produção de mudas.

SILVICULTURA — Nos últimos anos tem sido grande a procura de mudas de essências florestais no Planalto. Entretanto, embora exista deficiência de mudas, pouca coisa vem sendo feita no sentido de solucionar este problema. É comum associados da COTRIJUI se deslocarem a grandes distâncias para adquirir mudas de plantas florestais, principalmente quando se trata de essências nativas. Este fato aliado a crescente necessidade de reflorestar, torna esta atividade de extrema importância.

PECUÁRIA — Considerando-se a preocupação cada vez mais acentuada dos produtores rurais desta região no sentido de que se criem novas frentes de produção, se pretende desenvolver no Posto Agro-Pecuário modelos de produção pecuária integrados no atual sistema de exploração agrícola.

PECUÁRIA LEITEIRA — A união de diversas cooperativas em

torno do problema leiteiro e consequente fundação da CCGL — Cooperativa Central Gaúcha de Leite — criou um ambiente otimista entre os produtores rurais, especialmente entre os pequenos proprietários, que são aqueles que sentem de uma forma mais aguda a necessidade de diversificar a produção. Este fato justifica o desenvolvimento de um programa de produção leiteira no CTC voltado para a pesquisa e educação, a fim de que se possa estabelecer entre os criadores uma estrutura de produção perfeitamente adequada a nossa realidade regional. É necessário que o fortalecimento da pecuária desta região seja acompanhado pela difusão de novas técnicas com a finalidade de aumentar a produção leiteira.

PECUÁRIA DE CORTE — Os órgãos estaduais vêm desenvolvendo intenso trabalho no sentido de desenvolver o mais rapidamente possível a integração lavoura-pecuária. A multiplicação do número de feiras de terneiro é um eloquente testemunho do interesse que esse trabalho vem despertando entre criadores. Neste particular esta região do Estado vem se caracterizando pela alta receptividade apresentada ao programa de engorde de terneiros. A exploração de alguns lotes de terneiros de corte no CTC, adequada ao programa de forrageira, será oportuno e poderá servir como fonte de informações técnicas ao crescente número de criadores desta região que estão aderindo ao programa de integração lavoura-pecuária.

SUINOCULTURA — A suinocultura já foi uma atividade importante no Planalto. Com o atual sistema de exploração agrícola, com a facilidade de mecanização de todas as fases do preparo do solo à colheita, a exploração suína foi lentamente abandonada.

De outro lado achamos que a suinocultura deverá voltar como uma atividade racional e econômica para aproveitamento dos derivados de nossos cereais e também de aproveitamento da mão-de-obra ociosa existente, principalmente na pequena propriedade.



Pastagens de inverno e verão são plantadas e analisadas.

ATERRA ESTÁ DOENTE: O MAL É A POLUIÇÃO

Valmir Beck da Rosa

O título desta matéria pode parecer a muitos, romanesco, ou quem sabe até de ficção. No entanto, estamos nos propondo pensar juntamente com os leitores sobre alguns aspectos reais; fatos acontecidos em diversos pontos do nosso planeta, e que estão a caracterizar o enfraquecimento da vida — animal e vegetal — e até mesmo o seu desaparecimento, em determinados lugares. Estudiosos da ecologia estão a denunciar os perigos da destruição da natureza ambiental, antevendo já os males decorrentes dessa atitude, muitas vezes nefasta do homem, contra si próprio. Então, este não morrerá somente vitimado pela chamada morte natural, ou acidental. Irá sucumbir vítima dos contra-ataques do meio ambiente desnaturado, de um desequilíbrio ecológico. E isso é causa de muita preocupação.

Um dos fatos que merece nossa atenção, são as emanções tóxicas que em forma de nuvens tornaram inabitável o povoado de Seveso, periferia norte de Milão, na Itália. No dia 10 de julho último, aquela região foi atacada por uma nuvem tóxica semelhante às que eram despejadas sobre o Vietnã, e com uma potencialidade venenosa até superior. Só que no Vietnã, o uso de diossina (TCDD), tinha caráter bélico, e recentemente na Itália, o desastre se originou de uma explosão numa fábrica do grupo Hoffmann-Laroche, que utiliza a substância para o fabrico de desfolhantes. Como resultado da forte poluição, centenas de animais domésticos morreram e 35 pessoas foram internadas em casa de saúde. Como seria impraticável a vida na região atingida, sob pena de catástrofes, a zona foi isolada e militares, usando lança-chamas carregados de napalm, destruíram a vegetação contaminada. Ainda que irrecuperáveis os prejuízos do ponto de vista humano, a organização responsável se prontificou a indenizar os atingidos. Uma coisa, no entanto, é irrecuperável: tornar a vida sadia das comunas de Seveso e Meda, onde nenhum operário trabalha mais, onde criança nenhuma brinca com seu cachorro.

Convém, diante de um quadro como este, ouvir o pro-

fessor José Lutzemberger, presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, quando diz: "Nós temos que compreender que esses graves problemas ambientais que o homem enfrenta, são consequência não de um simples descarrilamento de suas tecnologias. Não é porque nossas tecnologias atuais funcionem mal que nós temos os problemas de poluição, de destruição de nossos ambientes naturais e da vida cada vez mais desumana nas grandes cidades. . . O problema não está na técnica e na ciência em si, está nas nossas atitudes, está na maneira como nós vemos o mundo, como nós nos sentimos dentro e diante da natureza. O homem moderno — enfatiza Lutzemberger — se considera como estando fora, por cima e contra a natureza. Ele vê na natureza apenas uma massa amorfa, a ser rudemente explorada, sem nenhum sentimento".

E para nós, esse homem não se choca, não sente quando ouve ou lê a respeito da nuvem mortal de Seveso, na distante Itália. Mas qual seria a atitude desse mesmo homem, ao tomar conhecimento que mais de mil pessoas foram intoxicadas por um vazamento de gases de cloro dos afluentes industriais da Companhia Química do Recôncavo, no bairro de Massaranduba, em Salvador, Bahia? Como se vê, os fatos não são isolados, mas sim consequência das linhas industriais adotadas.

Quer nos parecer que o homem está engalfinhado em luta com a natureza, sem se aperceber que na luta pelos interesses imediatos, destrói o ar que respira, a força da terra e com ela os seus frutos. É hora de tirar lições de acontecimentos como os de Seveso e Massaranduba. Quantas vezes não estamos rodeados, ou participando até, de episódios semelhantes, alheios ou não ligando importância aos perigos que poderão surgir. Chega de ameaças e ataques aos seres não humanos. Homem e natureza devem conviver, respeitar-se mutuamente. Se os raios, as enchentes e a seca são catástrofes, também o é a ação nociva do homem. Se houver o adequado reflorestamento em

seguida ao desmatamento, e sempre de modo planejado, não tardio, a natureza continuará sua marcha equilibrada. Mas não diante das bombas poluidoras como as de Seveso e Massaranduba.

Em particular aos leitores do COTRIJORNAL das zonas de produção agrícola, e a tudo o que envolve essa dinâmica, como técnicos, agricultores, fornecedores dos insumos básicos, quere-

mos reforçar o lembrete do professor Lutzemberger, quando de sua estada em Ijuí. Disse ele que devemos abandonar lentamente os métodos agroquímicos, e em troca, investir cada vez mais na pesquisa biológica. Com isso, assegura o estudioso, aumentarão os lucros para os plantadores a medida em que irão diminuindo os perigos da poluição ambiental.

Acreditamos existir já uma consciência coletiva dos males

decorrentes do desequilíbrio ecológico. O que não se deve é esperar, em atitude de contemplação que a natureza se recupere dos males que nós lhe causamos. Se pensarmos, e agirmos assim, estaremos contribuindo efetivamente para expulsar a vida do planeta terra, inclusive a nossa própria vida. Pois nesta altura não pode restar nenhuma dúvida que a Terra está doente, atacada do terrível mal da poluição.

ARBORIZAÇÃO NAS ESCOLAS

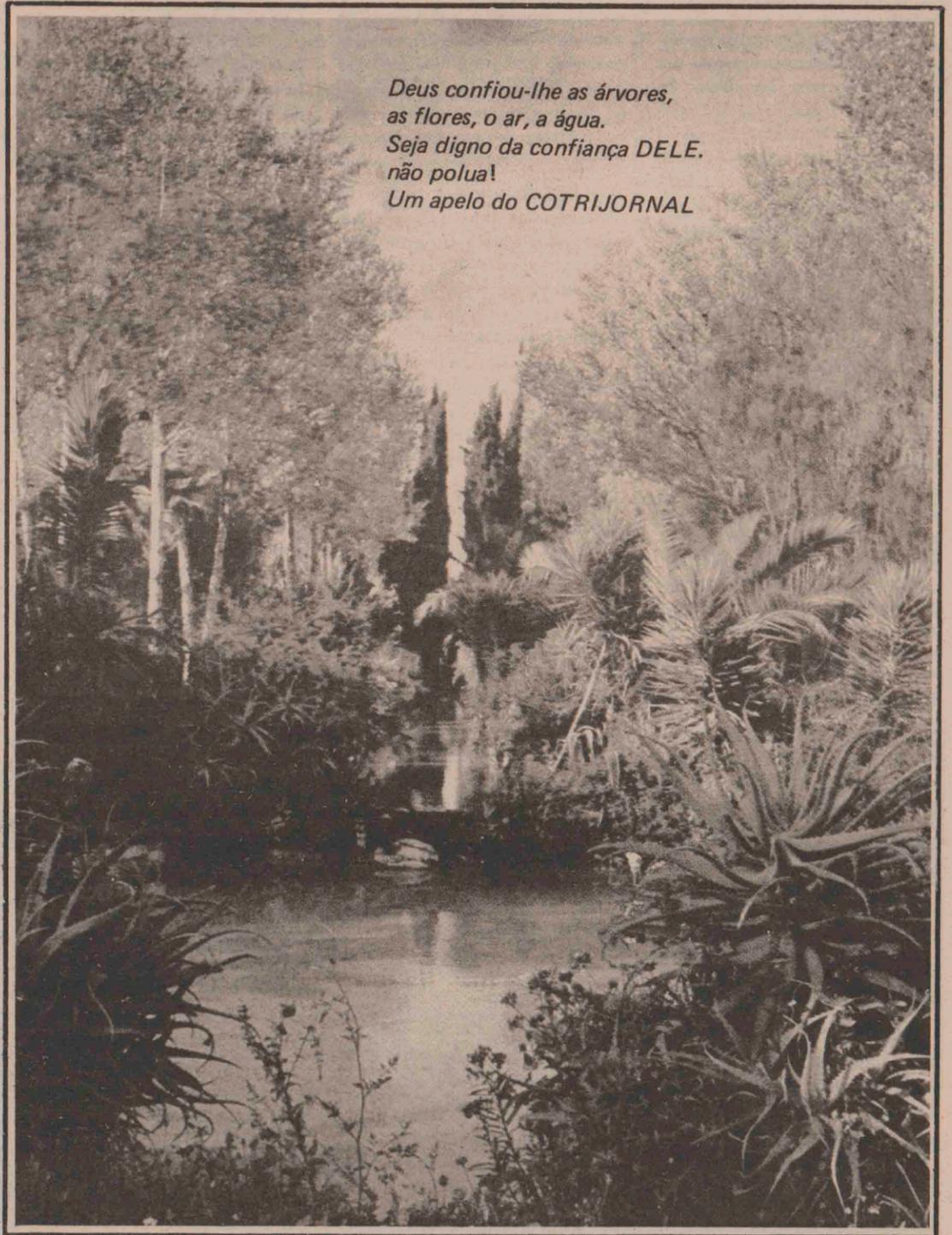
Como parte de uma consciência ecológica que começa a mobilizar o brasileiro, já a partir dos mais novos, a COTRIJUI está promovendo projetos de arborização e ajardinamento em três escolas interioranas dos municípios de Santo Augusto, na localidade de São Valentim; Ijuí, na Linha 7 Oeste e Chiapetta, localidade de As Brancas.

Além da doação das mudas, o Departamento Técnico da

cooperativa presta toda a orientação aos estudantes, colaborando no plantio e acompanhando o desenvolvimento das plantas. Há que se mencionar também o empenho das associações conservacionistas destes municípios, que estão interessadas em promover campanhas e projetos idênticos nas demais áreas das comunidades em que atuam.

Como exemplo dessa mobilização estudantil pode ser

citado o trabalho em desenvolvimento no município de Chiapetta, localidade de As Brancas. Os professores Milton e Eni Savariz, os 40 alunos da escola, com o auxílio e orientação do técnico Adroaldo Hartmann, da COTRIJUI, plantaram numa primeira etapa, 40 mudas de árvores frutíferas diversas e 180 mudas de essências nativas. Projetos semelhantes de arborização se desenvolvem nas outras duas escolas.



*Deus confiou-lhe as árvores,
as flores, o ar, a água.
Seja digno da confiança DELE.
não polua!
Um apelo do COTRIJORNAL*

MALES DO CIGARRO

Em nossa edição nº 32, dando início a seção Saúde, publicamos artigo de autoria do médico Paulo Ernani Evangelista, da Associação Médica do Rio Grande do Sul, no qual aquele facultativo alertava para os males causados pelo cigarro. O sr. Luiz Cereser, de Ijuí, sensibilizado com referida matéria, escreveu-nos não só solidarizando-se com o conteúdo da mesma como enviando-nos discurso proferido na Câmara Federal pelo deputado Pedro Lucena (MDB do Rio Grande do Norte), sobre os Males do Tabagismo.

Em atenção a solicitação daquele leitor, mas principalmente por considerarmos o pronunciamento do parlamentar uma peça de grande valor à campanha anti-cigarro, em boa hora lançada pela Associação Médica do Rio Grande do Sul, com o apoio e prestígio da Secretaria da Saúde do Estado, publicamos uma síntese do discurso do deputado Pedro Lucena. Eis a matéria:

Trago novos argumentos, porque novas pesquisas foram realizadas por cientistas de várias partes do mundo. E, no Brasil, as sociedades de medicina têm tomado a responsabilidade de fazer campanhas contra o tabagismo, gastando bastante os seus poucos recursos.

Muitos ofícios e cartas temos nós Deputados, recebido, para que levantemos nossas vozes e criemos leis que procurem dificultar o tabagismo ou sustar a campanha mentirosa que vem fazendo em favor de determinadas marcas de cigarros.

O SR. NUNES LEAL — Nobre Deputado Pedro Lucena, estamos ouvindo com grande satisfação o discurso de V. Ex.^a e o oportuno tema que aborda. Além de representante do povo, V. Ex.^a o faz com a autoridade do médico que é. Mas, nobre Deputado, o que verificamos é uma contradição por parte das nossas autoridades, em razão da propaganda do fumo através da televisão. Não sou médico, mas vejo o trabalho realizado por essa classe junto aos jovens. Nas escolas, enquanto se procura incutir nos adolescentes o perigo que representa o fumo, enquanto países como os Estados Unidos mandam que coloquem nas cartelas de cigarros a advertência de que o fumo é um dos causadores do câncer, vemos em nossas televisões o fumo sendo considerado como fator de vitória na vida, como razão

de conquista do homem. O fumo aparece como estimulante para a mocidade. De que maneira pode um adolescente aceitar o que lhe dizem os médicos, os professores — que o fumo é um perigo para a saúde — se diariamente ele vê na televisão a terra de Malboro, os homens fortes, vitoriosos, conquistadores, tudo isso simbolizando o cigarro? Na televisão, o cigarro é apresentado como fator de vitória, e isso nos parece uma contradição. Devia ser proibida pelas nossas autoridades essa propaganda nociva à saúde do povo e ao futuro mesmo da mocidade de nossa Pátria.

O SR. PEDRO LUCENA — Muito obrigado, nobre Deputado. V. Ex.^a tem toda a razão. As nações mais evoluídas que o Brasil, como os Estados Unidos e a Inglaterra, já estão proibindo qualquer tipo de propaganda de cigarro. Nos Estados Unidos, a televisão não mais apresenta propaganda de cigarro.

Todo aquele que fuma mais de 10 cigarros por dia tem 300 vezes mais possibilidade de adquirir o câncer do pulmão do que o abstêmio.

O Ministro da Saúde da Inglaterra, há 10 anos, comunicava que "mais de 50.000 óbitos, no último ano na Inglaterra, foram atribuídos ao tabagismo". E, também publicou que "morrem mais de 50.000 americanos de câncer pulmonar por ano, devido ao hábito de fumar".

Essas afirmações, ditas naquela época, hoje seriam muito mais acentuadas, não só pelo aumento da população, como também pelo aumento do número de cigarros consumidos.

Um ilustre patricio nosso, o dr. Zerbin, em recente Jornada de Cardiologia realizada no Rio Grande do Sul, afirmou: "O cigarro é maior mal que a maconha."

O Dr. Hardim Jones, da Universidade de Califórnia, afirma que um só maço de cigarros por dia, encurta a vida de 7 anos. Já o Dr. Linus Pauling (Prêmio Nobel de Química), diz: "Cada cigarro fumado encurta a vida de 14 minutos".

J. Lister, em "Smoking and Health", em 1971, disse que "fumar cigarros tornou-se atualmente uma causa de morte tão importante quanto as epidemias de febre tifóide, cólera e tuberculose que afetaram a humanidade".

O Real Colégio dos Médicos de Londres é a entidade que mais tem lutado contra o fumo,

e é de sua iniciativa a advertência:

"O fumo é um instrumento de morte, em relação ao qual a neutralidade não é mais possível".

Esta mesma entidade fez uma pesquisa entre 34.498 médicos de 35 anos a menos, entre os anos de 1951 a 1956. Durante esse período morreram 1.714 médicos. Chegou-se à conclusão, então, de que a mortalidade é muito mais acentuada nos tabagistas.

Em 1967, o Departamento Americano de Saúde, Educação e Bem-Estar Social afirmou que aproximadamente um terço das mortes dos homens entre 35 e 60 anos não teria ocorrido se não fumassem.

Estudos conjuntos de médicos e oficiais do Exército de Israel chegaram à conclusão de que o fumo prejudica os motoristas com grande aumento de monóxido de carbono circulante. Daí o afetamento de sensibilidade à luz que por sua vez pode alterar o sentido de tempo e distância, afetando seriamente a capacidade do motorista. O que não se dizer quando no carro fumam motoristas e passageiros, nas ruas poluídas, muitas vezes com o carro fechado? Esta a razão porque já se afirma que muitos dos acidentes automobilísticos são ocasionados pelo fumo.

O Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos vem advertindo que para aquela nação o fumo traz o seguinte prejuízo: 11 milhões de casos de moléstias crônicas; 77 milhões de dias de trabalho perdidos; 306 milhões de dias de trabalho reduzidos.

Os Drs. Richard Doll e Bradford Hill, do Real Colégio dos Médicos de Londres, afirmaram que os que fumavam mais de 25 cigarros por dia tinham um índice de mortalidade 6 vezes maior que os não fumantes. A idêntica conclusão chegou o Dr. Harold F. Dorn, da América do Norte.

Até agora lembramos palavras de cientistas de várias partes, no entanto vamos agora analisar se tinham ou não razões esses homens que assim nos transmitiram os seus pensamentos. As afirmações de Robert Kennedy e do professor Diogo Furtado são as que parecem mais pessimistas ou exageradas. Vejamos se tinham razão.

O SR. AIRON RIOS — V. Ex.^a faz uma dissertação científica, comprovando que o tabagismo é um veículo do câncer. Aliás, há estudos feitos a respeito do problema, quando foram promovidas pesquisas entre homens que fumam e homens que não fumam. E foi constatado que a incidência do câncer do

pulmão no fumante era uma coisa surpreendente. Posteriormente, realizou-se um trabalho de pesquisa, tendo como objeto dessa observação as mulheres, que passaram a fumar mais intensamente depois dos homens e observou-se que, nas mulheres, começaram a se manifestar também tumores cancerosos, exatamente após o hábito de fumar. Estes dois elementos parecem, na verdade, cientificamente incontestáveis, afora todo o estudo realizado em relação ao problema. Não vou alongar-me, porque V. Ex.^a está fazendo, para nós, uma exposição incontestável. Solidarizo-me com V. Ex.^a, louvando-o, por seu discurso no qual mostra o paradoxo entre países, como os Estados Unidos que sistematicamente provem campanhas contra o fumo, ao ponto de fazerem inserir nas cartelas de cigarro anotações para que não se fume, e o Brasil, onde todos os meios de comunicações estão abertos às companhias e às empresas fabricantes de fumo.

O SR. PEDRO LUCENA — Muito obrigado a V. Ex.^a.

Ora, Srs. Deputados, o fumo não só agride diretamente a saúde, mas há outros prejuízos, como os incêndios. Neste último caso, não podemos esquecer aquele acidente com o avião da VARIG, na França, onde pereceram algumas centenas de pessoas. No entanto, os técnicos franceses já estão certos de que o acidente foi ocasionado por uma ponta de cigarro deixada no sanitário. Ao aterrissar o avião, os passageiros já estavam mortos. Hoje já está proibido de se fumar nos sanitários, o que comprova que realmente foi lá que começou o incêndio do avião e por ponta de cigarros deixada inadvertidamente.

Há poucos meses se teve notícias de que grande incêndio enlutou o Japão. E as informações que nos chegaram foram de que teria sido causado por cigarros. Todos nós temos conhecimento de inúmeros incêndios ocasionados por pontas de cigarros. É o que acontece constantemente em nossos cerrados. Os cigarros são jogados, acesos, rolam no asfalto, inflamam o capim que margeia a estrada. Então vem a destruição, com sérios prejuízos para a fauna, flora e vidas humanas. O mesmo se poderá dizer de incêndios em edifícios, fábricas, transportes, etc. Tudo é prejuízo, tudo se transforma em destruição.

Destróem-se bens materiais e vidas humanas. E é grande o prejuízo para a Nação manter uma infinidade de aposentados antecipadamente, por bronquites crônicas, cânceres, enfisemas, coronariopatias, tudo devido ao

hábito de fumar. E a tudo isso se somam as despesas com hospitais, pessoal médico, dias de trabalho perdido, numa demonstração de que o que se arrecada de impostos do fumo não compensa.

O Congresso já tem dado os primeiros passos no combate ao tabagismo. Alguns projetos já foram apresentados, mas todos não tiveram o apoio da Maioria. De minha autoria mesmo já foram discutidos e rejeitados dois projetos: um que proibia fumar nas escolas onde estudam menores e outros dentro de nossas aeronaves.

O tabagismo acarreta muitos males; são males em cadeia, em série, um arrastando o outro. São substâncias que agem, ora isoladamente sobre determinado órgão, ora se juntam às outras, para complicar muito mais.

Como vemos, o fumo não só faz mal ao tabagista. Até os que não querem fumar, fumam inocentemente, inconscientemente, compulsoriamente. Fumam porque absorvem a fumaça do cigarro do vizinho.

Interessante são as advertências trazidas ultimamente pelo jornal Tribuna Alemã, num artigo em que o Prof. Anschutz chama a atenção para os males do tabagismo, mesmo para os não fumantes. Diz ele que um não fumante inala 4 a 5 cigarros por hora, num recinto enfumado por cigarros. E nesse jornal há uma advertência do Prof. F. Schmidt, de Heidelberg, em que ele relata agudas consequências da fumaça passiva, já acusando lesão corporal. Diz ele, ainda, que o ar em recintos enfumados por cigarro contém muitíssimo mais substâncias nocivas do que o ar das ruas poluídas. E, como reação da fumaça passiva, foram citadas irritações das conjuntivas, tonturas e dor de garganta; alérgicos teriam de contar com sérias agravações de seu estado, como no caso da asma e da bronquite crônica. E no mesmo artigo do jornal alemão vemos outra séria advertência do Dr. Mau, de Kiel, dizendo que, quando o pai fuma muito, existe a possibilidade de aumentar tanto a mortalidade de recém-nascidos, como o perigo de deformações. É a fumaça passiva que a criança é obrigada a inalar quando o pai fuma próximo de seu filho.

Mas essas pesquisas sobre os males do tabagismo sobre os filhos de pais fumantes não foram feitas só na Alemanha. Em Paris, o Dr. D. M. Cousin, num congresso internacional contra o fumo, afirmou que uma pessoa que não fuma poderia inalar um maço de cigarros, se passasse um dia numa sala cheia de fumaça de cigarros.

PROMOVIDO EM IJUI FESTIVAL ESTADUAL DE ESTUDANTES TRADICIONALISTAS



Falando, a professora Lilian Argentina, pesquisadora de folclore.

A cidade de Ijuí foi sede nos dias 20 e 21 de agosto, do III Festival Estadual de Folclore entre Escolas Agrícolas. Sobre a promoção, o COTRIJORNAL daquele mês trouxe alguns informes, inclusive antecipando que a partir de 1977 o FEFEA poderia crescer, dado a disposição dos promotores. Efetivamente, durante o Festival, foi aprovada proposição do tradicionalista Gilberto Lamaison, presidente de honra do FEFEA, no sentido de transformar a promoção num Festival Estadual de Estudantes Tradicionalistas - FEET, já a partir de 1977. Com a concretização desta idéia, estudantes tradicionalistas de outras escolas, que não somente agrícolas, participarão também do festival, que continuará a ter a cidade de Ijuí como sede. Do temário desenvolvido durante o Festival, destacamos a tese das professoras Lilian Argentina e Julieta Andrade, pesquisadoras de fatos de cultura espontânea, ou seja, folclore. Para uma assistência repleta, as conferencistas abordaram com propriedade o que é folclore, o que é tradicionalismo, não deixando qualquer dúvida sobre um assunto tão nosso, gaúcho, mas que sempre ou quase sempre, vítima de distorções.

OS BRASILEIROS CONFUNDEM

Afirma a pesquisadora, professora Julieta Andrade, de

São Paulo, que pelo Brasil afora se sente a confusão em torno do que é e do que não é folclore. No geral, o brasileiro interpreta mal os fatos da cultura espontânea, os que realmente constituem o folclore. Afirma Julieta Andrade que não obstante estar pesquisando há mais de 30 anos, com certa frequência, ao visitar lugares do Brasil, os ali radicados lhe oferecem um folclore melhor do que aquele que ela procura. Confundem antiguidade com folclore, obra de arte com folclore, e até tradicionalismo com folclore, o caso típico do Rio Grande do Sul. Folclore, como bem acentuou Lilian Argentina, é a ciência que estuda os fatos de cultura espontânea, aquilo que foi surgindo de forma coletiva. A enciclopédia brasileira Globo reforça esta definição de folclore: ramo da ciência antropológica, que estuda as manifestações coletivas da cultura popular, mantidas pela tradição, nos países civilizados. Como se vê, o fato folclórico está contido de modo geral nas raízes da chamada cultura popular. Há que se considerar também que o fato folclórico é essencialmente coletivo. Nenhuma expressão ou significado existe no costume individualizado.

O processo de aculturação com o qual se ocupa o folclore, não tem hora certa. Trata-se de uma cultura (espontânea) que não é feita para mostrar para ninguém, informal, que a gente recebe em casa, de pai para

filho, de irmão para irmão. Um exemplo dado pela conferencista: Gostei muito dessa receita de bolinhos. Como é que se faz? A pessoa escreve a receita e leva para casa. Ao fazer, nota que os bolinhos não saíram tal e qual. Torna a fazer, sem auxílio de terceiros, até acertar. Quer dizer, ocorre por imitação e até mesmo por reinterpretação. Meu pai colocava os arreios no cavalo de certa maneira. Acostumado com isso, procedo do mesmo modo, só que aperto mais a barrigueira. Isso é folclore, é cultura espontânea, mesmo que se acrescente algo novo.

O FOLCLORE GAÚCHO

Para os pesquisadores, o jeito gaúcho, o modo de ser tão brasileiro do povo do Rio Grande do Sul é que constitui o nosso folclore. Dar um talho no churrasco, servido ao espeto sobre a mesa, isso constitui folclore. Por isso, conforme frisou Julieta Andrade, por mais que se estude um centro de tradições gaúchas, os nossos CTGs, o folclorista não poderá formar uma idéia da cultura espontânea do Rio Grande do Sul. O que se faz no âmbito dessas entidades é conservar as maneiras, o procedimento, através de elencos artísticos, não folclóricos. Então, a atitude não é mais espontânea, mas motivada pelo desejo de preservar a tradição.

Para que se entenda então a diferença existente entre folclore e tradicionalismo, é bastante traçar o seguinte paralelo: aquele é o estudo de como se portaram culturalmente e de forma espon-

tânea, os nossos avós; tradicionalismo é a conservação, pela repetição dos mesmos atos, sem reinterpretação, sem mudanças espontâneas, do comportamento dos grupos que nos antecederam. O folclore pois, se preocupa com o traço cultural do gaúcho, isto no Rio Grande do Sul. Tradicionalismo, e para isso surgiu o Movimento Tradicionalista Gaúcho, se dedica à conservação desse traço, o que se faz através de tertúlias, elencos artísticos, conferências e outros.

Na oportunidade, Lilian Argentina chamou a atenção para os grosseirismos que muitos insistem em chamar de tra-

dição. Citou como exemplo, o costume galponeiro que o gaúcho, em determinadas regiões, tem de dizer "chê".

Ressaltou, no entanto, que erroneamente elencos artísticos procuram levar a outros estados a imagem da tradição rio-grandense, quando usam o "chê" de forma genérica. Poderá acontecer depois (e já acontece), que mineiros, amazonenses e outros, ao visitarem o Rio Grande, estranhem o fato de não serem saudados com o "chê", e nem deparem com pessoas trajando bombachas, bota e esporas.

GRUPO ARTÍSTICO DA COTRIJUI

Com a finalidade de lutar nosso passado histórico e tradições, foi criado na COTRIJUI, vinculado a Associação dos Funcionários da cooperativa - AFUCOTRI - um Departamento Artístico. O grupo, que conta com cinco pares, não obstante sua curta existência já realizou uma série de apresentações, tanto para caravanas visitantes quanto para entidades locais. Na medida do possível, os convites para apresentações serão atendidos, devendo antes o elenco se exhibir em acontecimentos que tenham ligações com a dinâmica cooperativista da região.

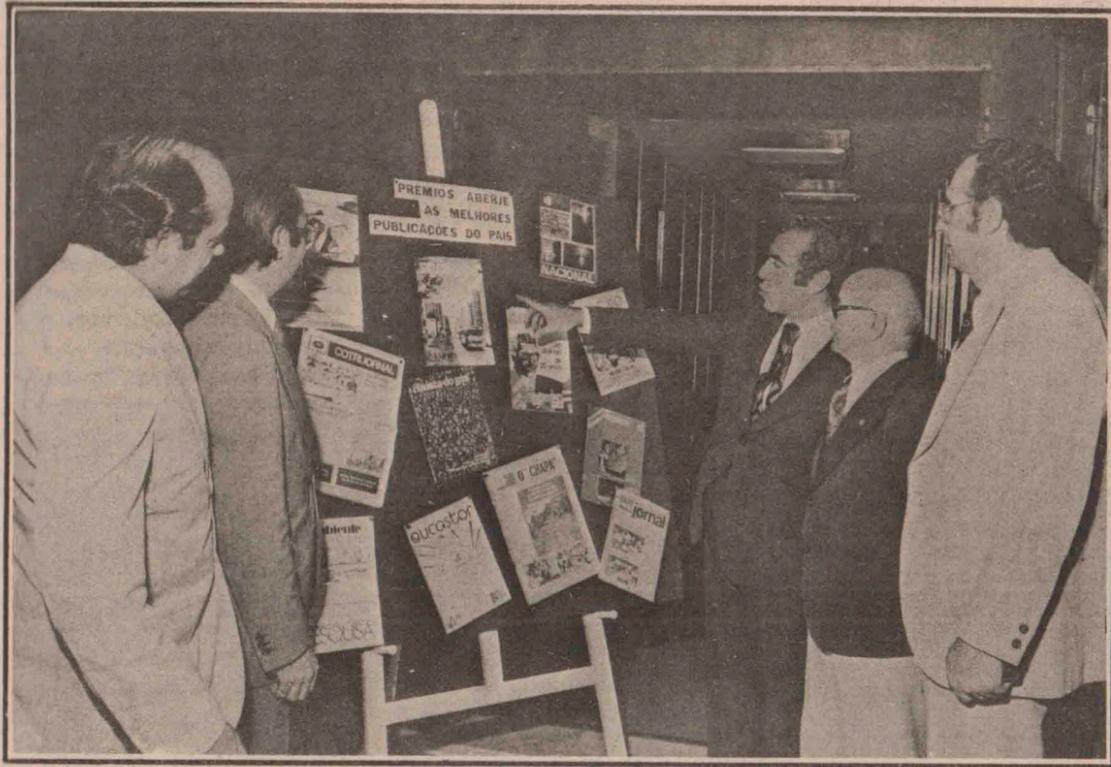
O grupo é constituído pelos seguintes funcionários da COTRIJUI, que atuam nos mais

diversos departamentos: Irene Feistel, Maria Sofia Luz da Silva, Valdir G. de Oliveira, Pedro Darci de Oliveira, Rosalvo Prates, Gladis Bandeira, Eva Reis, Solange Maria Rambo e Adelar Wisch (acordeonista), mais os colaboradores Ivanhoé Ferreira, violonista, Dirceu dos Santos e Jaime Schock.

A direção artística do grupo está a cargo do funcionário Pedro Darci de Oliveira, também responsável pela sua organização. Pedro Darci, poeta, declamador e violonista, também se tem dedicado a pesquisa folclórica. Na foto aparece o grupo do Departamento Artístico da COTRIJUI, numa recente demonstração feita no recinto do CTG Clube Farroupilha.



Prêmios Aberje: COTRIJORNAL: MELHOR VEÍCULO EMPRESARIAL DO BRASIL



O jornalista Luiz Gonzaga Bertelli, presidente do conselho nacional da ABERJE, secretário Maluly Neto; diretor da ABERJE, Nilo Luchetti e Raul Quevedo, ante o painel dos órgãos classificados.

Segundo uma comissão dirigida pelo jornalista Audálio Dantas, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo e constituída por professores de jornalismo, editores especializados e empresários paulistanos vinculados a Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, o COTRIJORNAL foi escolhido o melhor jornal empresarial, categoria circulação externa, existente no Brasil.

O prêmio, instituído pela Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa - ABERJE - com sede em São Paulo, consta de pergaminho à empresa editora e medalha de prata ao editor do veículo.

A entrega dos prêmios ocorreu no dia 26 de agosto, em São Paulo, na sede da ABERJE, auditório Ernesto Igel, à av. Paulista, 1009, 16º andar, sob a presidência de Luiz Gonzaga Bertelli, ABERJE.

Além do COTRIJORNAL - melhor jornal externo - foram premiados mais as seguintes publicações: melhor jornal interno, "Panorama", da General Motors; melhor revista externa, "Sua Boa Estrela" da Mercedes Benz do Brasil; melhor revista interna, "O Milionário", de Refinações de Milho Brasil e melhor boletim interno, "Eucastor", do Grupo Eucatex.

Na categoria de melhor reportagem foram ganhadores: jornal interno - "Os tempos mudaram, os contos também", do Jornal Unibanco, Grupo UNIBANCO. Revista interna - "Energia, o futuro em jogo", de Notícias Pirelli (Grupo Pirelli) e revista externa, "O líquido negro que os árabes perderam", da Revista do Gás, Grupo ASSOCIGÁS.

A solenidade de entrega dos prêmios teve seu caráter solene. A mesa principal dos trabalhos foi presidida pelo jornalista Luiz Gonzaga Bertelli, presentes o deputado Jorge Maluly Neto, secretário do Trabalho do Estado de São Paulo, representando também o governador Paulo Egídio Martins; dr. Fábio Salles Meirelles, presidente da Federação da Agricultura de São Paulo; dr. Mário Higino Leonel, sub-chefe da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo; jornalista Audálio Dantas, presidente do SJESP; professor Eugênio Malanga, diretor da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero e Nilo Luchetti, presidente da diretoria.

Falaram na oportunidade o sr. Nilo Luchetti, presidente da diretoria-executiva da ABERJE; o presidente, do SJPEP, jornalista Audálio Dantas; o secretário do Trabalho do Estado de São Paulo, deputado Jorge Maluly Neto e o presidente do Conselho Nacional da ABERJE, dr. Luiz Gonzaga Bertelli.

Os prêmios foram recebidos pelos seguintes jornalistas e empresários: COTRIJORNAL - pergaminho - sr. Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente da COTRIJUI, medalha de prata, Raul Quevedo, editor. "Panorama", melhor jornal interno - pergaminho - José Carlos Michelazzo, gerente de RP; medalha, jornalista Luiz Augusto Michelazzo, editor. "Sua Boa Estrela", pergaminho - Volker Reissig, diretor de vendas, medalha - Euclides Fontana. "O Milionário" - pergaminho - sr. Roberto O. Novelli, Departamento de Relações com Empregados; medalha - jornalista Nemércio Nogueira, diretor da Mauro Salles e editor de "O Milionário" e "Eucastor" - pergaminho - dr. Marcos Gomes Pereira

Gomes, diretor de Relações Industriais e medalha, sr. Antonio Rosa, editor.

A ABERJE também premiou as melhores reportagens. Na categoria jornal interno, jornal Unibanco. Pergaminho - sr. Antonio Fernando de Franceschi, diretor de RP; medalha, escritor João Antonio Ferreira Filho, autor do conto "Afinação da arte de chupar tampinhas. Revista interna, "Energia, o futuro em jogo", de Notícias Pirelli. Pergaminho - jornalista Marisa Lae, redatora; medalha - jornalista Sérgio Truglio, coordenador. Revista externa, "O líquido negro que os árabes perderam", da Revista do Gás, da ASSO-CIGÁS. Pergaminho - sr. Roberto Pedroso, vice-presidente do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Gás Liquefeito de Petróleo; medalha, jornalista Maria Carlota Pascoal Carneiro, redatora-chefe.

Foram ainda distinguidas com menções honrosas as seguintes publicações: jornal interno "O Chapa", da Companhia Siderúrgica Paulista - COSIPA; "Ambiente", da CETESB, representante Fernando Rios, editor; Jornal UNIBANCO (Grupo Unibanco), representante dr. Antonio de Pádua Philomeno, presidente da Fundação Moreira Salles. Jornal externo - "Sharp Jornal", representante, sr. Luiz Ernesto Machado Kawall, editor. Revista interna, "Nacional", do Grupo Nacional. Representante, jornalista Maria Adelaide Rodrigues Sena, editora. "Notícias Pirelli" (Pirelli-Pneus), representando, dr. Emanuella Sessarego, gerente de RI e revista externa, Revista do Gás, da ASSOCIGÁS. Representante, Maria Carlota Pascoal Carneiro, redatora-chefe.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE DA ABERJE

O presidente do Conselho Nacional da ABERJE, jornalista Luiz Gonzaga Bertelli, pronunciou discurso em alusão à solenidade, do qual extraímos o seguinte resumo:

"Os meios de comunicação modernos, através dos verdadeiros prodígios da tecnologia e da ciência aproximam os homens, destruindo as distâncias. Acontecimentos verificados hoje nos mais distantes rincões do universo, são quase que imediatamente noticiados.

Os jornais dividem a comunicação com o rádio, com a televisão. Materialmente, o mundo é cada vez um "mundo só". Contudo, social e economicamente, não o é. E justamente porque todos sabem que as diferenças sócio-enômicas são mais gritantes nesta ou naquela parte do mundo - graças ao poder da comunicação - os desentendimentos tendem a se fazer sentir nas diversas partes do globo terrestre.

Jornais, rádios e TV se completam. Os órgãos de divulgação, que hoje tem a seu serviço técnicas modernas, podem concorrer para que um fato noticioso seja retocado em sua imagem, porém jamais mudado em sua essência.

Apenas para analisar o mercado do jornalismo empresarial, podemos dizer que este absorve atualmente um número de 800 jornalistas no Brasil. A ABERJE possui um quadro associado de 210 empresas editoras, que lançam suas publicações regularmente.

Nesta noite festiva, entregamos os prêmios às publicações que, segundo a douta comissão julgadora, fizeram juz à distinção.

O comunicador de empresa, através de seu jornal, revista ou mesmo o simples boletim, deve ensinar, em decorrência, uma maior aproximação entre empregadores e seus funcionários; entre a organização e a comunidade.

O mundo de hoje carece de maior fraternidade entre os homens. É preciso, portanto, darmos as mãos. Juntar-mos à imensa maioria das mãos dos que fazem, dos que informam, dos que pensam, dos que ensinam, dos que pesquisam, dos que medicam, dos que dirigem, dos que consertam, dos que consolam, dos que perdoam.

Juntar-mos as nossas mãos à dos que trabalham pela ordem e pelo desenvolvimento; pela justiça e pela paz. Mãos de esperança e de amor, que, silenciosas, constroem o caminho da grandeza deste país.

O jornal de empresa está destinado a reduzir a distância que, frequentemente, separa empregados de seus empregadores. A influência benéfica do jornal de empresa está hoje inteiramente comprovada pela experiência. No Brasil, temos hoje aproximadamente 600 publicações, com um milhão e 500 mil exemplares, que são lidos por vários milhões de leitores".



Vista da mesa que presidiu os trabalhos e parcial do plenário, quando discursava o secretário do Trabalho de São Paulo, Jorge Maluly Neto.

ESTUDO DE QUALIDADE DE VARIEDADES DE TRIGO

A FECOTRIGO — à qual a COTRIJUI é filiada, desenvolve um excelente trabalho de pesquisa em campo experimental localizado nas proximidades da cidade de Cruz Alta. Conforme o COTRIJORNAL já expôs em reportagem na edição que circulou em outubro de 1973, lá são experimentadas novas variedades de trigo e soja e testadas suas capacidades de resistência às doenças, bem como se pesquisa, no caso dos trigos, seus teores de panificação e valor glúteo.

Sobre esse assunto, publicamos aqui trabalho de autoria do engenheiro químico Frederico W. Bergmann, responsável pelo Laboratório de Qualidade do Centro de Experimentação e Pesquisa da FECOTRIGO, que foi publicado no Boletim Trigo e Soja, edição de setembro do ano passado. Eis a matéria:

“O presente estudo tem por finalidade avaliar a qualidade industrial das novas variedades de trigo lançadas no ano de 1975.

Pretendemos, assim, saber se além das boas características agrônomicas que possuem, portam também suficiente qualidade industrial para que, quando estiverem sendo cultivadas em escala, possam fornecer grãos de boa aptidão de moagem, farinhas de alto valor nutritivo e, finalmente, boa qualidade de panificação.

Queremos deixar claro que o termo industrial, aqui usado, se refere tão somente à produção industrial do pão, deixando de lado qualquer outra aplicação que tais farinhas possam ter. Esperamos que, com esse estudo e outros que faremos sempre que novas variedades forem lançadas, possamos avaliar a influência que essa novas variedades poderão ter na qualidade industrial média do nosso trigo.

Fica bem claro que o ideal é a consideração simultânea dos caracteres agrônomicos com os de qualidade, num programa integrado, à semelhança do que a FECOTRIGO no seu Programa de Melhoramento vem efetuando, onde procura desde o início introduzir boas características de qualidade.

Peso Hectolítrico — Determinado com a balança Dallemolle que dá o peso em gramas, do volume de 250 cc. da amostra

Índice de Dureza — Foi determinado com o aparelho Wheat Pearler, que fornece a percentagem de extração de farinha após um minuto de fricção. De acordo com esta determinação, os trigos são classificados em:

Índice de Dureza inferior a 29%

— Duro (D)

Índice de Dureza entre 29-40%

Semi-Duro (SD)

Índice de Dureza entre 40-50%

— Semi-Mole (SM)

Índice de Dureza superior a 50%

— Mole (M)

Prova de Moagem — Esta prova foi realizada no Moinho Experimental Bühler, cujo rendimento varia de 55% a 75%. Rendimento inferior a 60% é considerado baixo, entre 60% e 70% regular e, acima de 70% bom.

Análise de Glúten — As características do glúten da farinha foram determinadas pelas provas de Micro-Pelshenke e Alveograma de Chopin, em que W expressa a força do glúten e a relação P/G o balanceamento entre tenacidade e elasticidade.

A classificação do glúten segundo prova de Pelshenke e os resultados do Alveograma é a seguinte:

Glúten forte:

PK — Maior que 100 min.

F W — Maior que 300

P/G — 3 a 7

Glúten Médio:

PK — 50 a 100 min.

M W — 200 a 300

P/G — 3 a 6

Glúten Suave:

PK — Menor que 60 min.

S W — 150 a 200

P/G — Menor que 3

Glúten Tenaz:

PK — Menor que 100 min

T W — Maior que 300

P/G — Maior que 7

Glúten Fraco:

PK — Menor que 50 min.

Fr. W — Menor que 200

P/G — 3 a 6

Com respeito ao balanceamento da farinha podemos estabelecer o seguinte:

Glúten bem balanceado:

W — 380 a 550

P/G — 4,5 a 6,5

Glúten Tenaz:

W — 220 a 350

P/G — 7 a 12

Glúten extensível:

W — 200 a 300

P/G — 2,0 a 4,0

— A determinação de proteína foi feita pelo Método Colorimétrico, segundo o método aprovado pela A.A. C.C. n° 46-14. Os resultados estão referidos a 14% de umidade básica.

Existe uma ótima correlação entre o Método Colorimétrico de Udy e o método tradicional de Kjeldhal.

Características de Amassamento — Determinadas no misógrafo em que se avalia o tempo ótimo de amassamento e altura máxima da curva. Tempo ótimo de amassamento inferior a 2 min e superior a 4 min, são indesejáveis. A altura máxima da curva é proporcional à percentagem de proteína e a absorção de água.

Prova de Panificação — Feita de acordo com o seguinte método:

Farinha	100%
Água	60%
Fermento fresco	7%
Sal	2%
Açúcar	3%
Gordura	3%

Fermentação e Crescimento: 30°C e 80% de unidade relativa durante 80 min. com uma “baixada”.

Cozimento: 25 min. a 235°C.

Nessa prova se determinou o peso do pão, volume específico (peso/volume), cor do miolo e textura interna do pão.

A nota de panificação dada na classificação foi obtida usando o seguinte critério:

Peso 5 — Volume específico do pão.

Peso 3 — Cor do miolo.

Peso 2 — Textura interna.

Nessa prova de panificação foi usada como testemunha uma amostra representativa de trigo, formada de variedades que foram recebidas para o próximo plantio, obedecendo o percentual apresentado pela CEST/RS.

A seguir apresentamos sua composição bem como suas características industriais.

Variedades de trigo que apresentem características muito inferiores às dessa testemunha são consideradas de pobre qualidade industrial e inferior à qualidade do trigo estadual.

COMPOSIÇÃO DA TESTEMUNHA

IAS 54	34,5%
S 31	24,3%
IAS 55	8,9%
IAS 58	7,7%
C 3	7,0%

IAS 59	3,6%
IAS 20	2,6%
Frontana	2,2%
C 17	1,8%
IAS 62	1,6%
C 15	1,5%
S 1	1,5%
S 18	1,3%
IAS 52	1,5%

CARACTERÍSTICAS DO GRÃO —

Índice de Dureza %	44,5
Rendimento em Farinha %	69,4
Proteína Integral %	12,8

CARACTERÍSTICAS DA FARINHA

Proteína da Farinha %	12,4
W=250 P/G =5,0	
Glúten Médio	
Tempo Ótimo de Amassamento	2,20"
Altura Máxima da Curva cm	600

CARACTERÍSTICAS DA PANIFICAÇÃO

Volume do Pão c.c.	613
Peso do Pão g.	140
Volume Especif. do Pão	4,3
Cor do Miolo	3,0
Textura Interna	2,0
Classif. da Panificação	3,5

Os quadros anteriores dão os resultados obtidos para cada variedade, sendo que o último fornece as médias de cada uma traçando uma comparação com a testemunha.

Com base no Quadro Comparativo da Qualidade das Variedades podemos observar que:

— No tocante à aptidão de moagem todas foram levemente inferiores à média estadual representada pela testemunha.

— Com relação à força do glúten as variedades CNT 3 se igualaram à testemunha. E as demais foram inferiores, sendo a variedade Coxilha portadora de um glúten fraco.

— Com relação ao valor nutritivo representado pela proteína integral, todas as variedades, com exceção da variedade Coxilha, foram superiores à testemunha. A variedade Coxilha foi levemente inferior à testemunha e significativamente inferior às demais variedades lançadas.

— Com relação ao potencial de panificação todas as variedades foram superiores à testemunha com exceção da variedade Coxilha que apresentou aptidão de panificação.

Reunindo as características médias de cada uma das variedades concluímos que as variedades CNT 1, CNT 2 e CNT 3, num cômputo geral, suplantaram à testemunha ou, em alguns casos, equivaleram-secom a mesma. Assim, estas variedades representaram um incremento na qualidade de nosso trigo, principalmente no tocante ao valor nutritivo.

Por sua vez a variedade Coxilha, no que se refere à qualidade, não introduziu nenhuma melhoria ficando, inclusive, aquém da qualidade média de nosso Estado.

IMPORTÂNCIA DO SOL PARA AS PLANTAS

Falando durante o IV Encontro Nacional dos Produtores de Açúcar, em Campos, estado do Rio, sobre a Luz do Sol e a Fotossíntese, a 9 de agosto último, o prêmio Nobel de Química Melvin Calvin, disse que o aproveitamento da luz solar e suas dimensões, sequer pode ser imaginado pelo homem. Para que se faça uma idéia — disse o cientista — basta dizer que “uma área de apenas 330 milhões de quilômetros quadrados é suficiente para prover a atual necessidade de energia diária de toda a humanidade”.

Estudando na Universidade da Califórnia, em Berkley, como as plantas vivas captam a luz solar e a utilizam para armazenar energia quimicamente, ele constatou que o combustível fóssil utilizado nos últimos 100 anos decorre de produtos armazenados por energia solar em antigas plantas verdes. Isso levou-o a crer que é preciso verificar e descobrir uma maneira para utilizar esta energia solar imediatamente, em vez de aguardar sua fossilização.

O professor Melvin Calvin diz que praticamente toda a atual reserva energética mundial provém de combustíveis fósseis — petróleo, gás natural e carvão. Dessa energia, apenas a metade é utilizada da maneira pretendida, sendo a outra metade rejeitada como o calor de baixa qualidade eliminado no ar, na água ou por simples evaporação.

Calvin chama a atenção para a hevea (a árvore da borracha). Diz que “se pudéssemos decifrar o mecanismo

pelo qual a árvore controla o peso molecular da borracha, poderíamos criar a árvore da gasolina com fotossíntese natural”. Ressaltou que “já se conhece as plantas reprodutoras de latex nos limites do peso molecular desejado. Algumas delas encontram-se no estado da Califórnia, nos Estados Unidos”.

Também os eucaliptos da Califórnia estão sendo considerados como fonte de material energético, com rendimento de até um por cento. Um dos principais projetos em Berkley, disse o professor Melvin Calvin, é a construção de membranas sintéticas que sejam capazes de desempenhar algumas das mesmas reações fotoquímicas que ocorrem no sistema natural das células das plantas vivas. As membranas naturais das plantas são esgotáveis e assim se pretende produzir membranas sintéticas que possam durar indefinidamente, capazes de usar a luz solar para levantar água, fazer hidrogênio, que poderá ser armazenado para uso como combustível.

O especialista acredita que o desenvolvimento correto de membranas fotossintéticas artificiais, capazes de gerar materiais renováveis para a produção de combustíveis, ocorrerá nos próximos cinco ou dez anos. Também crê que levará menos de 25 anos para que se consiga obter células fotoquímicas comercialmente adequadas com membranas artificiais que poderão armazenar, anualmente, toda a energia solar que atinge a Terra.

CRESCER O TRABALHO JUNTO AOS NÚCLEOS

Um trabalho relativamente novo mas que já apresenta resultados na prática, é o que a professora Noemi Friederichs vem desenvolvendo junto a esposas e filhas de associados da COTRIJUI, promovendo ensinamentos de arte culinária e outros de cunho eminentemente doméstico. Já estão em efetivo funcionamento os núcleos de Cará, Santo Antônio e Potreirinho, no distrito de Vila

Jóia, Tupanciretã, Linha Progresso e Ponte do Ijuizinho, em Augusto Pestana, e Linha 4 Leste, em Ijuí.

A foto mostra um aspecto de aula prática ministrada pela professora Noemi, ao grupo do núcleo da Linha 4 Leste. Enquanto umas observam, outras seguem os conselhos ditados pelo receituário. Ao final da aula, todas provam os alimentos feitos, geralmente à base de soja.



O ABACATE NA ALIMENTAÇÃO

O abacate é originário da Guatemala, Antilhas e México. Existem mais de quinhentas variedades, o que explica as variações de forma, cor e tamanho.

No Brasil, seu consumo se limita quase que exclusivamente ao uso natural da fruta. Em outros países é apreciado em saladas, bem temperado com vinagre, pimenta e maionese. Oferece inúmeras vantagens como alimento. Em cada 100 gramas de abacate, existem 204 calorias, razão porque o consumo da fruta é desaconselhável as pessoas que fazem regime para emagrecer. Nas mesmas 100 grs. há 5,63 grs. de hidrato de carbono, 21,5 grs. de proteína e 19,30 grs. de gorduras. O abacate é rico em vitaminas A, B1, B2 e em cálcio, fósforo e ferro.

Conhece-se um bom abacate segurando-o nas mãos. Os de melhor qualidade cedem levemente à pressão dos dedos, quando maduros. O abacate deve ser guardado em lugar fresco e arejado. Quando ainda verde, não é aconselhável colocá-lo na geladeira, pois o frio interrompe

o processo normal de maturação. Depois de descascado, deve ser imediatamente consumido, porque em contato com o ar a polpa escurece. Se não estiver bem maduro quando usado em pratos salgados, pode amargar, tornando o sabor desagradável.

Corta-se o abacate sempre no sentido do comprimento. Esta fruta em pratos doces como sorvetes, cremes, e bebidas, combina muito bem com limão, leite, creme de leite (nata), leite condensado.

ABACATE DELICADO

Preparo: 10 minutos; Geladeira: 2 horas; Para consumo de até 12 pessoas, como sobremesa ou lanche.

Ingredientes: 2 abacates, uma lata de leite condensado, a mesma medida de água, duas ou tres claras. Bata no liquidificador o abacate, o leite condensado e a água. Bata as claras em neve e misture cuidadosamente ao abacate. Coloque nas formas de gelo e leve ao congelador, por duas horas.

É IMPORTANTE SABER

A proteína de 1 kg de soja equivale a 2500gr. de carne ou 5 dúzias de ovos ou 11 litros de leite ou 1,5 kg de queijo ou 2 kg de feijão comum.

Na panela de pressão as verduras cozinham com menor perda de elementos nutritivos, pois o cozimento é feito em menor tempo. Porém devemos ter o cuidado para não deixá-las cozinhar demais. Devemos observar o catálogo que o próprio fabricante indica o tempo de cozimento mais indicado para cada caso.

Em apenas 100 grs. de soja são fornecidas 400 Calorias e de 30 a 40 grs. de proteína, enquanto em 100 grs. de carne o organismo recebe de 200 a 250 Calorias e de 20 a 25 grs. de proteína. Uma pessoa adulta necessita de 2500 a 3000 Calorias diárias e 7 gramas por quilo/peso de proteína por dia para estar bem nutrida.

SONHOS PINGADOS da de sal, 1/2 xícara de leite (de vaca ou de soja), 1 ovo e baunilha.
INGREDIENTES: 2 colheres (sopa) de farinha de soja, 3 colheres (sopa) de farinha de trigo, 2 colheres (sopa) de açúcar, 1 colher (sopa) de fermento, 1 pita-

misturar bem. 3 — Divida em 20 porções e frite em gordura. 4 — Polvilhar com açúcar.

CREME DE ABACATE
INGREDIENTES: 1 abacate maduro, tamanho grande. 1 xícara de açúcar, suco de 1 limão e 1 xícara de leite.

Retire a polpa do abacate, esmague-o com um garfo, junte o açúcar, bata muito bem, junte o leite e continue e por último o suco de um limão sempre batendo. Está pronta para ser servida uma sobremesa gostosa, fácil e rápida de se preparar e também muito nutritiva.

OBSERVAÇÃO: Se tiveres liquidificador junte todos os ingredientes e bata. O abacate preparado ou aberto não pode ser guardado para a noite ou para o dia seguinte, porque escurece e perde seu sabor.

SORVETE DE SOJA

O caldo da água em que a soja foi cozida é adicionado, na porção de 60 para 40 por cento, a um suco de frutas de qualquer preferência. Leva-se ao congelador e, depois de congelado, bate-se em liquidificador, voltando até a geladeira até servir.

BATIDA DE SOJA OU "BATEPROTEINA"

1 garrafa de cachaça, 1 lata de leite condensado, 1 copo de paçoca de soja, 1/4 de 1 copo de licor de cacau.

Bate-se no liquidificador e está para servir, com um enriquecimento de 12 por cento de proteína.

**DONA DE CASA:
SIRVA SOJA A SEUS
FAMILIARES; ASSIM
VOCÊ ESTARÁ
ENRIQUECENDO A
SUA DIETA E
TAMBÉM A DELES**

Chiapetta

ASSOCIAÇÃO CONSERVACIONISTA É DE UTILIDADE PÚBLICA

A Associação Conservacionista do município de Chiapetta foi declarada de utilidade pública, por ato executivo baixado pelo prefeito Júlio Kronbauer, que acatou proposição do vereador Celso Maboni.

O parlamentar, ao fazer a proposição, "considerou os relevantes serviços prestados pela Associação

Conservacionista, entidade de caráter assistencial, que tem finalidade de congregar os agricultores e entidades da comunidade para desenvolver programas de conservação do solo, na área do município".

Aceitando as ponderações do vereador Celso Maboni, o prefeito Júlio Kron-

bauer baixou decreto-executivo de nº 05, de 03 de agosto último, declarando de utilidade pública a entidade.

É do seguinte teor o decreto-executivo:

"Júlio Kronbauer, prefeito municipal de Chiapetta, estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições legais e consi-

derando que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou a proposição do vereador Celso Maboni, em sessão de 2 de agosto de 1976, Decreta:

Artigo 1º - Fica declarada de Utilidade Pública a Associação Conservacionista de Chiapetta, tendo em vista os relevantes ser-

viços prestados aos agricultores de nosso município, por essa entidade de caráter assistencial.

Artigo 2º - Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação. Prefeitura Municipal de Chiapetta, em 3 de agosto de 1976. Júlio Kronbauer, prefeito".

HORTICULTURA, A NOVA OPÇÃO

Proprietário de uma área de 13,5 hectares na localidade de Maurício Cardoso, interior de Chiapetta, o sr. Helmuth Stigelmeier paralelamente ao trigo e a soja, aproveita parte das terras para produzir gêneros hortícolas.

Aproveitando a abundância de mão-de-obra familiar, o agricultor vem produzindo víveres de excelente qualidade e com muito bom rendimento.

No início, o sr. Stigelmeier produzia em sua horta apenas para o consumo da família. Mas em seguida, constatando as condições favoráveis locais, como água em abundância, terra fértil e resíduos orgânicos de "cama de galinheiro" e inclusive um mercado consumidor em potencial, passou a encarar a atividade por um ângulo diferente.

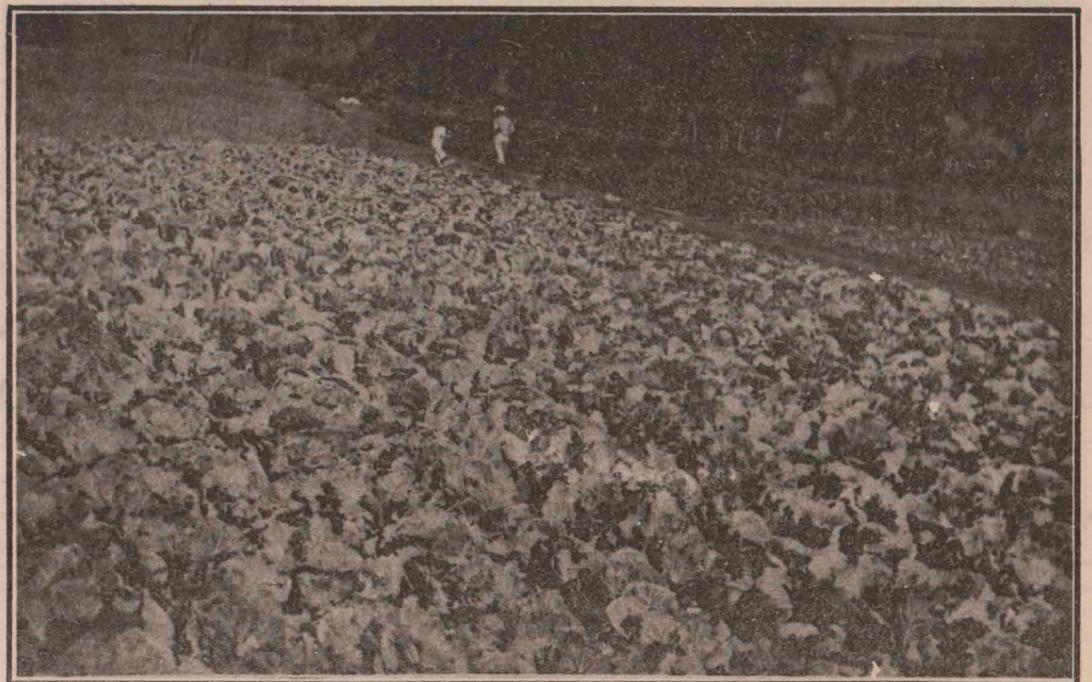
Graças a boa qualidade dos produtos colocados à venda, seus

produtos passaram a ter aceitação. Com isso, sua propriedade passou a ser mais econômica.

O sr. Helmuth Stigelmeier encontrou apoio dos técnicos da COTRIJUI, equipe que tem a frente o eng. agr. Tânio J. Bandeira, e a nova atividade prosperou.

Atualmente, a produção anual de hortaliças na propriedade do sr. Stigelmeier é a seguinte: alface, 125 mil cabeças; repolho, 75 mil; cebola, 10 mil quilos; beterraba, 5.000 dúzias; cenoura, 5.000 dúzias; melancia, 2.000 unidades; tomates, 2.000 quilos; rabanete, 2.000 dúzias; pimentão, 1.000 dúzias e pepino, 1.500 dúzias. Além desses produtos, podem-se citar ainda, em menor escala, beringela, abobrinha, ervilha, couve-flor e tempero-verde.

Entusiasmado com os bons rendimentos na horticultura, o sr. Stigelmeier pretende plantar um pomar frutífero e atuar mais diretamente no setor avícola Se-



gundo declarou ao eng. agr. Tânio Bandeira, através do bom aproveitamento da mão-de-obra e

dos recursos naturais disponíveis, a propriedade fica melhor aproveitada.

Na foto, vista parcial da grande horta do sr. Helmuth Stigelmeier.

LIDERES DEBATEM SINDICATO

No dia dois de setembro, durante todo o dia, estiveram reunidos em Chiapetta os presidentes dos sindicatos de trabalhadores rurais dos municípios de Panambi, Ijuí, Augusto Pestana, Catuibe, Vila Jóia (Tte Portela), Santo Augusto e Ajuricaba, além de Chiapetta, para debater assuntos que estão relacionados às entidades que representam e problemas que dizem respeito aos associados.

Anotamos por primeiro o posicionamento que os líderes sindicais houveram por bem tomar, visando esclarecer os associados sobre as artimanhas que os "picaretas" usam quando desejam vender. Sem cerimônia, eles adentram as propriedades, desfazem ou tentam desfazer o trabalho dos técnicos e muitas vezes levam o agricultor na conversa. O presidente do STR de Catuibe afirmou durante a reu-

nião que em muitas propriedades rurais de seu município já podem ser vistas placas com estes dizeres: "Proibida a entrada de picaretas". Segundo alguns, há vendedores que entregam o produto ou implemento mesmo antes da liberação do financiamento.

Também se discutiu a necessidade de informar mais e melhor os agricultores sobre as ofertas de terras a venda em outros

Estados da Federação, principalmente no Mato Grosso. Os presidentes dos sindicatos estão se informando a respeito para transferir com segurança estes informes aos agricultores, impedindo a efetivação de negócios desvantajosos e as vezes até não muito lúcidos.

No encontro entre sindicatos rurais, igualmente se comentou alguns absurdos que estariam ocorrendo nos preços para regis-

tro de imóveis. Ficou deliberado que cada sindicato solicitará a tabela de seu respectivo município, para uma posterior confrontação visando a regularização dos preços.

Ao meio-dia um almoço foi servido aos líderes sindicais, do qual também participaram como convidados o prefeito Júlio Kronbauer, odontólogo Darci Zwirter e o gerente do Bamerindus, agência de Chiapetta.

Chiapetta

CURSO DE TÉCNICA ALIMENTAR



Tendo como ponto principal a soja na merenda escolar, realizou-se em Chiapetta, em dependências da COTRIJUI, na segunda semana de agosto, um curso rápido de preparação alimentar, que contou com a participação de 17 cursistas.

A orientação do curso esteve ao cargo das profes-

soras Corina Lima e Dejanira Leindecker, contando com 25 horas-aula. Foi destinado à professoras e merendeiras das escolas municipais e estaduais, cujos estabelecimentos sejam atendidos pelo Convênio CNAE — Setor Regional da Campanha Nacional de Alimentação Escolar) e Prefeitura

Municipal de Chiapetta.

Além das professoras Corina Lima e Dejanira Leindecker, o curso teve três palestras técnicas, proferidas pelos especialistas Carlos Mello Bandeira, Darcy Zwirtz e Milton Savariz. Quando da aula de encerramento do curso, esteve presente a senhora Oliva Batis-

ta Correia, chefe do Setor Regional do CNAE, com sede em Santo Ângelo.

É a seguinte a nominata dos cursistas: Jandira Rhemann, Amélia Canova, Neuza Mattiorí, Irene Dietrich, Eni Savaris, Daliria Rosler, Olívia Bastos Machado, Dalcena Mattje, Antonieta Zorzan, Eva Elena

Schiavo, Tereza Lütke, Geneci Rosler, Ana Lúcia Bombazaro, Inelci Mattioni Pez, Iris Nicolleti, Julieta Cargnelutti e Dejanira Leindecker. Na foto as cursistas com seus orientadores, durante o coquetel de encerramento, quando foram servidos pratos feitos pelas próprias participantes.

CURSO DE CONTABILIDADE AGRÍCOLA

Com a participação de 13 interessados, foi realizado um curso prático para contabilidade agrícola em Chiapetta, nos dias 6 e 7 de agosto último, ministrado pelos técnicos Irani Basso e Francisco Azambuja, e participação de representan-

tes do Departamento de Comunicação e Educação da cooperativa.

A matéria ministrada constou de teoria sobre contabilidade dirigida à atividade agrícola, apresentação do material a ser usado pelo associado no controle de seus

gastos e discussão e debates sobre os temas apresentados.

Participaram do curso em Chiapetta os seguintes associados: Edio A. Weber, Waldi Kirsque, Jaime J. Milani, Hervich Schultz, Zilmar Rodrigues, Joarez Man-

boni, Walmor Lopes, Irani Boiarski, Luiz C. Crestani, Nori Fritzen, Edibaldo Quoos, Ruben Stengler e Romeo Rode.

O Departamento de Contabilidade Agrícola da COTRIJUI, na sede, está a

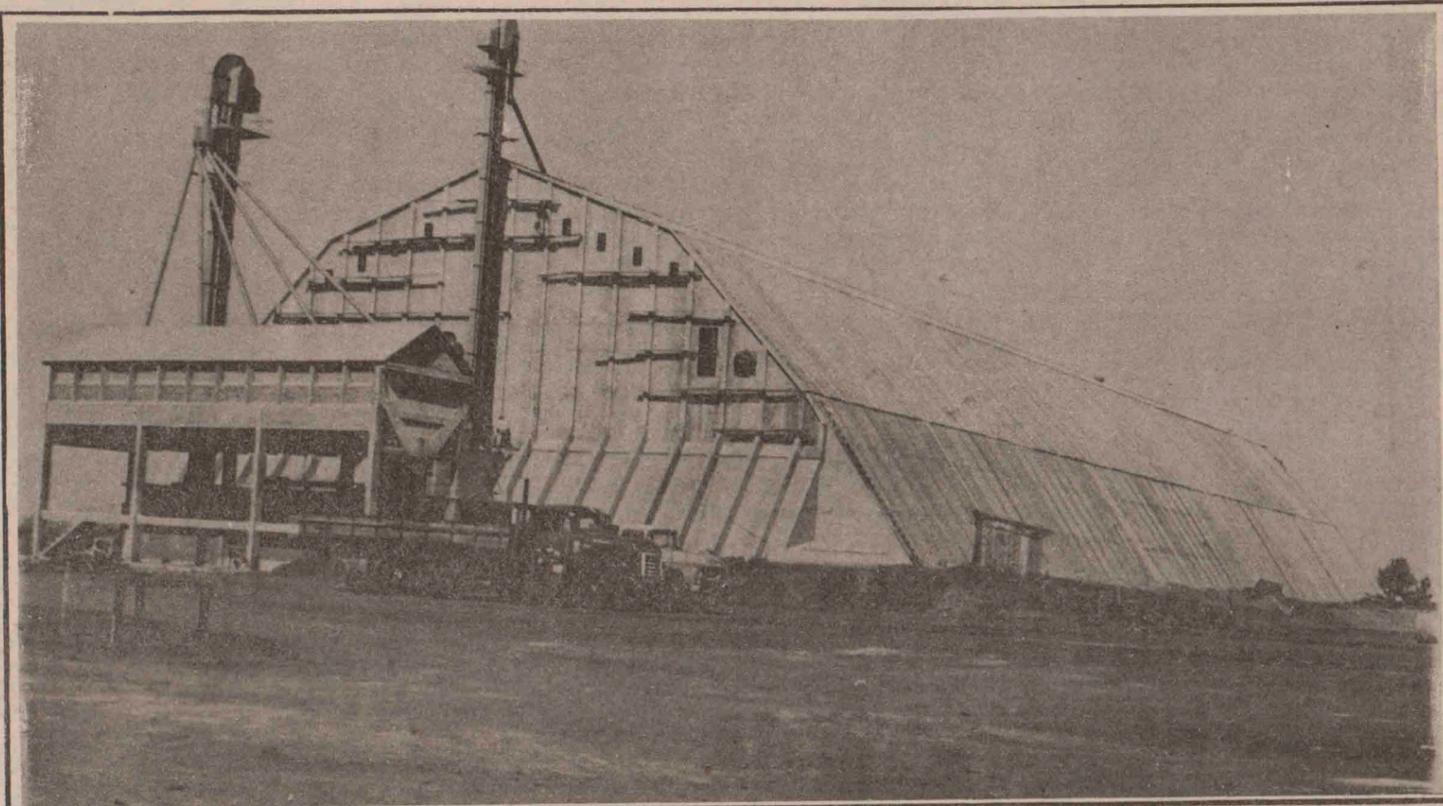
disposição de todos os associados interessados no importante assunto. Em Ijuí, tratar com o funcionário Francisco Azambuja e nos armazéns regionais, com o Departamento de Comunicação e Educação.

Tenente Portela

UM ARMAZÉM PARA 50 MIL TONELADAS

Como parte de um planejamento global que visa dar maior segurança às safras, a COTRIJUI continua fazendo crescer sua infraestrutura de armazenagem. Em Tenente Portela acaba de ser construído um armazém com capacidade para 50 mil toneladas de grãos, com 114 metros de comprimento por 42 de largura, e fundo em "V", projetado pelo dr. Fernando Craidy.

Além do armazém graneleiro, equipado com sistema de aeração e termometria, para controle da temperatura do cereal, o complexo de obras da COTRIJUI em Tenente Portela inclui 4 secadores, com 40 toneladas de secagem/hora cada um, moega, um silo de embarque, reservatório d'água, balança e escritório, vestiário e restaurante. O armazém já estará em condições de operar na safra de trigo deste ano.



O armazém da COTRIJUI em Tenente Portela, vendo-se em primeiro plano o Silo de Embarque.

Coronel Bicaco

CURSO DE CONTABILIDADE COM 30 PARTICIPANTES

Os municípios de Tenente Portela, Santo Augusto e Augusto Pestana, conforme foi noticiado na edição anterior do COTRIJORNAL, tiveram cursos de Contabilidade Agrícola. Nesta edição, além de um curso realizado em Chiapetta — que é noticiado na seção daquele mu-

nicipio — focalizamos o curso realizado neste município.

O curso de Contabilidade Agrícola, com rudimentos de legislação e cooperativismo, realizou-se em Coronel Bicaco nos dias 6 e 7 de agosto últimos, contando com a participação de 30 cursistas.

Ministraram o curso os

professores Irani Antonio Basso e Francisco Azambuja, com a participação e orientação do Departamento de Comunicação e Educação da cooperativa.

Participaram do curso: Albano Thiesen, Alceu Bastos dos Santos, Antonio Fortes Bueno, Abrão Borges Vieira, Amado Jú-

lio da Silva, Aristeu da Silva, Atanagildo Pinto Martins Neto, Arnulfo Corrêa Muller, Astrogildo Carpes da Silva, Clodomiro Julio da Silva, Egon J. Schwab, Enésio Antonio Schwab, Estanislau Novaschinski, Graciliano Fortes Machado, Guilherme Thiesen, João Carlos Milczareck, João Carlos Batista, Joa-

quim Carpes da Silva, João Batista da Silva, José Luiz Farenzin, Luiz Oswaldo Souza Lima, Matheus Bandeira, Mário Secopel, Orestes de Oliveira Machado, Paulo Rigodanzo, Pedro da Silva, Ramiro Milczareck, Sadi Bastos dos Santos, Waldomiro Dallabrida e Waldomiro da Silva Ávila.

ENCONTRO DE PROFESSORES ABORDOU COOPERATIVISMO

Em datas de 2 a 3 de agosto que passou, foi realizado um encontro de professores no município de Coronel Bicaco, sob a coor-

denação da professora Clélia Coimbra da Silveira, diretora do Ensino Municipal.

Participaram técnicos do Convênio Cotrijuí/Fide-

ne, tendo a frente o professor Walter Frantz, que dirigiu os trabalhos no dia 3 de agosto. Nesta oportunidade, o professor Frantz abordou

os diversos estágios do desenvolvimento da agricultura nesta região. E a partir da análise de nossa formação sócio-econômica, estudou-se

(em debate com os alunos) a influência da escola nesse contexto.

Participaram do curso 45 professores.

AGRICULTORES DO ESPÍRITO SANTO

A identidade de interesse dos moradores das zonas interioranas da região centro-sul do estado do Espírito Santo, e a forte influência ali deixada pelos imigrantes italianos, levou a criação do MEPES, Movimento de Educação Promocional do E.S., entidade mantenedora atualmente de oito escolas à famílias agrícolas. No último mês de agosto, em ônibus especial, trinta e uma pessoas ligadas a este movimento, entre monitores (professores rurais), líderes sindicais e agricultores, estiveram em visita a região de influência COTRIJUI em especial Ajuricaba, onde se concentram algumas famílias de descendentes de italianos.

do Sul, também no centro-sul do Espírito Santo foi, e continua sendo, forte o traço de influência dos imigrantes italianos. Com seus costumes, trouxeram a dedicação ao trabalho e criaram raízes junto ao povo capixaba. O intercâmbio técnico-cultural, especialmente para a manutenção de uma família agrícola fortalecida, levou a comunidade de Padova, cidade da Itália, a criar a Associação dos Amigos do Estado do Espírito Santo. Hoje, essa entidade envia técnicos para desenvolver atividades no Brasil, e recebe espiritosantenses a quem oferece cursos e estágios para complementação de estudos.

A VISITA AO SUL

Em primeira instância, o objetivo da visita à região esteve ligado ao contato com as famílias de descendentes de italianos aqui radicadas,

mais propriamente em Ajuricaba. Neste município, durante alguns dias, os visitantes travaram contato com famílias cujos nomes já eram conhecidos de seus antepassados. E como parte desse intercâmbio, pois ficaram hospedados nas casas dos agricultores ajuricabenses, surgiu oportunidade para outras visitas, oportunizando conhecer lavouras, a mecanização, enfim, o estágio desenvolvimentista que aqui se observa. Paralelamente, o grupo teve oportunidade de estabelecer o que se conclui tenha sido o início de um forte relacionamento com o espírito sindicalista e cooperativista do meio gaúcho, pelos contatos durante dois dias realizados na FIDENE, Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado e COTRIJUI. Debates com a equipe do IEP - Instituto de Es-

tudos Permanentes da Fundação e exposições com explanação pelo sr. Arnaldo Drews, diretor vice-presidente da cooperativa, pro-

porcionaram aos agricultores e monitores do Espírito Santo, ampliar conhecimentos sobre a dinâmica agrícola da nossa região.



DA PENINSULA ITÁLICA AO PAÍS CONTINENTE

Como aconteceu em nosso Estado, notadamente na zona de Caxias

DIRIGENTES DA COOPERVEALE: PALOTINA

Visitaram a COTRIJUI, no dia 13 último, diversos diretores da Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri - COOPERVEALE - de Palotina, estado do Paraná. Os diretores e demais acompanhantes, que vieram sob a direção do presidente da COOPERVEALE, sr. Amadeo Piovesan, foram acompanhados desde Porto Alegre por funcionários da Fábrica de Adubos Trevo. Antes da chegada em Ijuí eles estiveram em Rio Grande, onde visitaram o Terminal Graneleiro da COTRIJUI e a fábrica de Adubos Trevo.

Na visita a COTRIJUI eles foram recepcionados pelo diretor - vice-presidente e diretor de Arma-

zéns, respectivamente, Arnaldo Oscar Drews e Euclides Casagrande, além de assessores da Diretoria. A visita dos cooperativistas paranaenses teve caráter técnico e informativo, para obterem subsídios com a finalidade de dinamizarem o cooperativismo paranaense.

A nominata dos dirigentes da COOPERVEALE e acompanhantes, cuja foto ilustra esta nota, era constituída pelos seguintes nomes: Amadeo Piovesan, diretor-presidente; Antonio Mário Montagner, vice-presidente; Marcelino Afonso Neiss, diretor do conselho deliberativo; Orlando Vendrusculo, membro do conselho deliberativo; Heins Schreiber e Lau-

ro Augusto Lerner, membros do conselho fiscal; Angelo Vendrusculo e Gaspariano Machado, superintendente do conselho deliberativo; Odir Cividini, superintendente do conselho deliberativo; Edgar Hofmann, superintendente do conselho fiscal; Alberto Schanoski, presidente do comitê educativo; e Orestes Bastos, Delvino Lorenzini, Lauri Wiltgen e Pedro Brasil Pinto, todos gerentes. Os funcionários da Trevo que os acompanharam eram os srs. José Eduardo de Lacerda, inspetor; J. Regis da Rocha, do departamento de promoções e Paulo Varisco. De Ijuí os viajantes seguiram viagem de retorno.



COOPERATIVISTAS DO JAPÃO NA COTRIJUI

Cooperativistas japoneses, da capital, Tóquio, vieram ao Brasil para uma série de contatos, atendendo convite do Ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli. Em seu roteiro, esteve incluída a COTRIJUI - Ijuí e Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", de Rio Grande.

Na sede da cooperativa, onde foram recebidos dia 27 de agosto pelos diretores Dr. Nedy Borges, Osvaldo O. Meotti e Euclides Casagrande, os cooperativistas nipônicos colheram elementos sobre produção, armazenamento, produção de óleo e rações e outros.

A missão era integrada dos senhores T. Kuranishi (chefe), Shoji Saito e K. Okada, mais Kengo Obayashi, este último diretor do escritório da UNICOOPJAPAN em São Paulo. Faziam-se acompanhar do sr. Isidoro Yamanaka, funcionário do Ministério da Agricultura



FISCAIS DO INPS EM VISITA A COTRIJUI

Realizou-se de 20 de julho a 19 de agosto, um curso de atualização dos fiscais do Instituto Nacional de Previdência Social, das regiões fiscais de Passo Fundo (3) e Ijuí (6). O ciclo se desenvolveu em duas etapas, a segunda das quais em Ijuí, na agência do INPS. Contou com a participação de 16

fiscais, tendo como instrutor o sr. Eurico de Siqueira Lisboa e coordenador o sr. Leopoldo Ribeiro Santana. Na visita que o grupo fez a COTRIJUI, onde foram recepcionados pelo Diretor de Operações, Euclides Casagrande, estavam também o sub-secretário de Arrecadação e Fiscalização do

INPS do Rio Grande do Sul, dr. Hugo Mallmann de Miranda e o chefe da Região Fiscal 6 do Instituto, que tem sede em Ijuí, sr. Orlando Schnell. A foto registra o momento em que o diretor da COTRIJUI dava explicações sobre a dinâmica cooperativista aos visitantes.



JOSÉ DO PATROCÍNIO: O HERÓI DA ABOLIÇÃO

"Sua Majestade é o amigo dos astros; banquetea-se com a lua, merenda com as estrelas. Bebe o líquido perfumoso do orvalho destilado das constelações. Caem-lhe do azul, os sonhos. A natureza incumbem-se de fornecer-lhe as sensações e os pensamentos, e à semelhança de Melampo, conversa harmoniosamente com os pássaros..."

Sua Majestade é o querido de Deus; se Ele fez o firmamento, foi simplesmente porquê sua Majestade é astrônomo. Se fez a natureza, se fez a Terra, com toda a vegetação, é porque sua Majestade é botânico. Se nosso solo têm minas preciosas, se o diamante cintila, o ouro amareleja, se o carvão de pedra negreja, é porque sua Majestade é mineralojista...

Se há algum de nós que pensa, que imagina, é porquê sua Majestade é poeta; se algum de nós trabalha, é porque sua Majestade é ativo. Todas as grandezas da Criação, nesta parte da América, existem somente por esta simples razão: porque sua Majestade dá à humanidade e a Deus, a honra de existir".

É Patrocínio falando, é Patrocínio escrevendo, é Patrocínio protestando contra as mazelas da escravidão, essa nódoa aviltante que há-de permanecer sempre como o período fatídico da História brasileira. O alvo da crítica é D. Pedro II.

É José do Patrocínio, o jornalista maior do protesto abolicionista, tinha muito mais do que razões morais para combater o látigo vil. Tinha também razões de sangue. Filho de escrava, tendo ele próprio vivido o escárnio da senzala, na infância, multiplicava o ardor da oratória e dava maior ênfase redatorial aos escritos jornalísticos, sempre que abordava o tema de sua vida: a abolição.

Neste mês de setembro, quando, por tradição (apesar de haver um crescente número de contestadores da data, que transcorre dia 10), se comemora o Dia da Imprensa no Brasil, nada mais justo do que focalizar nesta seção de História, o grande vulto nacional que foi José do Patrocínio.

O Texto a seguir é uma condensação de grandes personagens da nossa História, da Editora Cultural, feita pela editoria do COTRIJORNAL.

Fecha-se a tampa do caixão, escondendo para sempre o cadáver da escrava. Justina Maria, 45 anos, preta, nascida em Mina, na costa ocidental da África, quitandeira de profissão, faleceu no Rio de Janeiro no dia 18 de agosto de 1885.

Não fôra a particularidade de gerar em seu ventre o vulto maiúsculo de Patrocínio, e sua vida teria sido igual às outras milhares de "Justinas Marias" que amamentaram "sinhozinhos", lavaram, trabalharam, alimentaram e ainda satisfizeram sexualmente instintos bestiais de muitos daqueles "sinhozinhos".

Ela própria, aos treze anos, servirá aos apetites de um "senhor". O cônego João Carlos Monteiro, amigo de sua dona, levou-a para a casa canônica.

E nasceu José do Patrocínio.

O desfile fúnebre está para começar. O côche, puxado por cavalos negros, está parado à porta da casa, esperando sua carga. Mãos, mãos bem tratadas; mãos famosas, erguem as alças do caixão de Justina Maria. Rodolfo Dantas, conselheiro do Imperador, Rui Barbosa, os propagandistas da República, Prudente de Moraes, Campos Salles, jornalistas, escritores e liberais, todos querem estar presentes ao adeus à genitora do jornalista. E na homenagem derradeira à defunta, a mensagem que desejam transmitir ao Imperador e conservadores escravocratas em geral, de "Abaixo a Escravidão!"

José do Patrocínio, senhor por parte de pai, escravo por parte de mãe, nasceu a 9 de outubro de 1853 em Campos, estado do Rio de Janeiro. Não era escravo — pois filho de pai branco e senhor — mas conviveu na senzala e brincou com os moleques da senzala. Viu, naquele verdadeiro inferno de degradação, a sub-vida que era imposta aos cativos e se criou com a convicção de que precisava lutar contra aquilo.

Ao sentir-se adulto, deixou Campos, e seguiu para o Rio de Janeiro. Não seria fácil sobreviver na capital com os poucos recursos que conseguiu reunir para a viagem. É ele próprio quem conta:

"Comecei minha vida como servente, aprendiz extranumerário da Santa Casa de Misericórdia, em 1868. Tinha então 14 anos. Do meu procedimento ali pode dar notícias o ilustrado professor da Faculdade de Medicina, dr. Souza Lima, então vice-diretor. Sai do Hospital de Misericórdia quando a farmácia passou às mãos das irmãs de caridade.

Nesta ocasião eu teria ficado sem lar e sem pão não fôra a proteção do Sr. Conselheiro Albino de Alvarenga, depois vice-diretor da Faculdade de Medicina, a quem hoje beijo as mãos publicamente.

Este protetor cobriu-me das maiores finezas, fortaleceu-me com o seu edificante exemplo de independência.

Desde 1868 passei a estudar. Ganhava então a quantia de dois mil réis por mês de ganchos (plantões) que fazia aos domingos pelos meus companheiros. Tinha também 16 mil réis de mesada que era mandada pelo vigário de Campos, "que não me perfilhou legalmente, porque a santa madre igreja não lho permitiu..."

Esta parte de minha vida é bem conhecida do Conselheiro Albino de Alvarenga.

Disse que comecei a estudar. Com que recursos? Com os da bondade extrema de meu exemplar mestre e amigo, o dr. João Pedro de Aquino, que de graça franqueou-me o seu externato, onde estudei não só os preparatórios para Farmácia mas também os exigidos para o curso médico. O desapêgo evangélico do meu mestre formou o meu caráter. Entrando para a Faculdade de Medicina como aluno de farmácia, recebi da Sociedade Beneficente um auxílio pecuniário de 20 mil réis. Por outro lado, eu tinha alguns alunos de primeiras letras e sobretudo recebia casa e comida de graça do meu colega Sebastião Catão Calado. Assim vivi durante três anos, até 1874, quando concluí o curso de Farmácia. Aliás, a Carta de Farmacêutico de pouco me valia, uma vez que não possuía recursos para estabelecer-me".

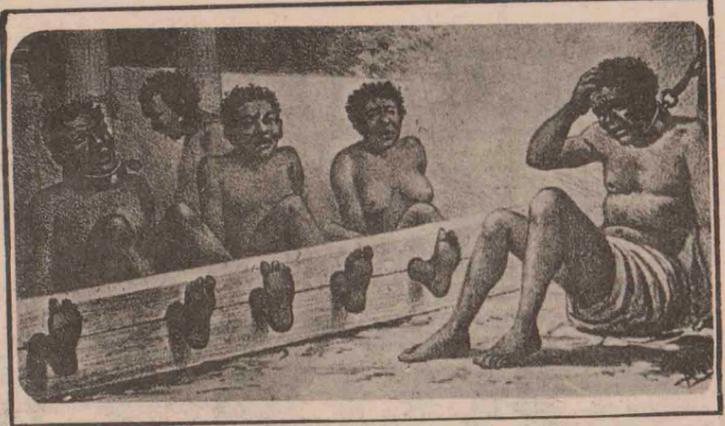
Começa a escrever versos. Revela-se poeta. Mas a poesia também não dá dinheiro. É quando enfrenta o jornalismo. Em 1875, com recursos de amigos, lança um quinzenário satírico intitulado "Os Ferrões", que teve vida efêmera.

Em julho de 1876 escreve um poema dirigido à Princesa Isabel, dentro das formas poéticas que Castro Alves consagrara definitivamente. Chama-se "Vae Victis" (Ai dos Vencidos).

A Princesa era ainda moça, tinha sido regente do Império em 1881.

Senhora — diz o poeta — atende a voz da mocidade... As vezes, me passa pela mente, a imagem de Maria Antonieta. Passa-me triste, quando penso em ti... E tenho horror ao bando mercenário, assassino, que entra no sacrário da tua alma e prepara-te um calvário... Ai! Misera de ti.

É um poema longo e sobretudo ousado, de doze estrofes. Foi publicado no "O Mequetrefe", periódico ilustrado, junto com outros de lirismo amoro-



so. O poema abriu-lhe as portas da "Gazeta de Notícias", onde entrou pelas mãos de Ferreira de Araújo, que dirigia sua redação.

Em 1880, já casado (casou com Maria Henriqueta Vila-Nova, Bibi, na intimidade) e jornalista de nome, no Teatro São Luis, ocupa pela primeira vez a tribuna para atacar a escravidão. Pouco depois, com o auxílio financeiro do sogro, comprava a "Gazeta da Tarde". Estava, pois, pronto a lançar-se à tarefa a que se destinara: a causa dos escravos. Era a sua própria causa, embora escravo não fosse. Continuava e continuaria sempre preso sentimentalmente à senzala, de onde viera e onde ainda moravam... mudos, taciturnos, os mártires sombrios da avareza".

A década dos anos 80 traria as lutas decisivas entre abolicionistas e escravocratas, na questão que se arrastara desde os primeiros anos da independência.

A 10 de maio de 1883 reuniram-se os representantes dos clubes e associações abolicionistas atuantes na corte, em Niterói. Por proposta de José do Patrocínio, resolveram unir-se em uma confederação que buscava congrega todas as sociedades anti-escravagistas do país. Constituiu-se uma comissão executiva que encarregou André Rebouças e o próprio Patrocínio, a elaborar um manifesto a ser apresentado ao Parlamento do Império.

Uma grande concentração foi organizada no Teatro Pedro II, a 26 de agosto, para a leitura do manifesto. O jornal de Patrocínio — "Gazeta da Tarde" — tornou-se o quartel-general dos confederados. Era sua voz o instrumento de informação e comando. Da redação da "Gazeta da Tarde" a Confederação coordenou a luta que se desenrolava em todo o território nacional. Promoveu e sistematizou a propaganda; tirou de cada acontecimento político, todas as repercussões possíveis em favor da causa abolicionista.

Patrocínio argumentava, parafrazeando Proudhon, que "a propriedade escrava é um duplo roubo", e, portanto, "contrária aos princípios humanos a que qualquer ordem jurídica deve servir". À sombra dessa ban-

deira moral, a causa não se deteve nunca. Agia legal quando possível, mas desconhecia as leis quando estas representavam um obstáculo no caminho da abolição. A Confederação, que Patrocínio defendia como "único poder superior que reconheço", tornava-se uma força reconhecida pelos políticos, temida pelo governo conservador.

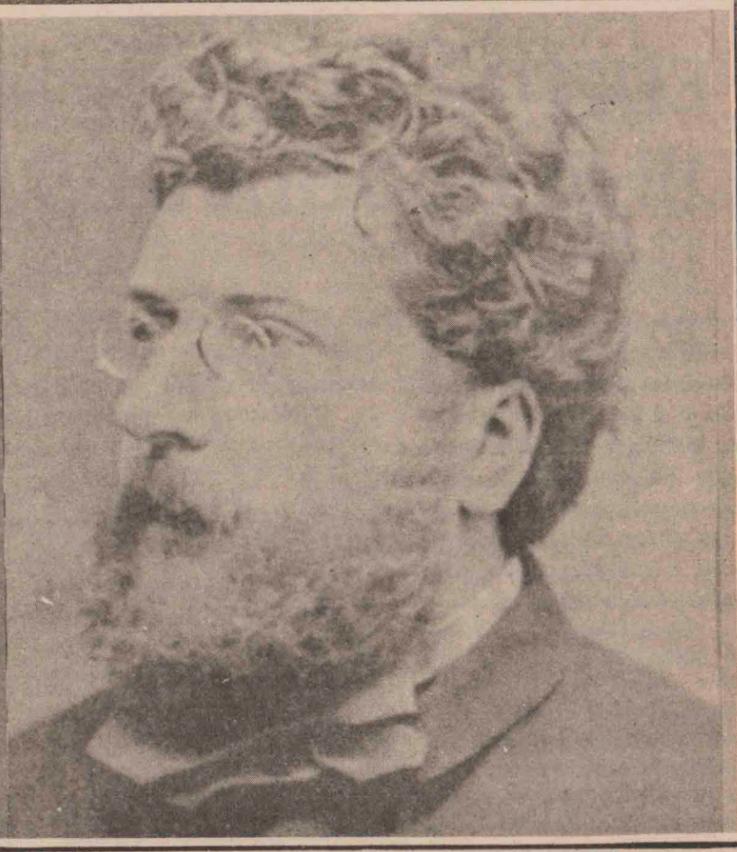
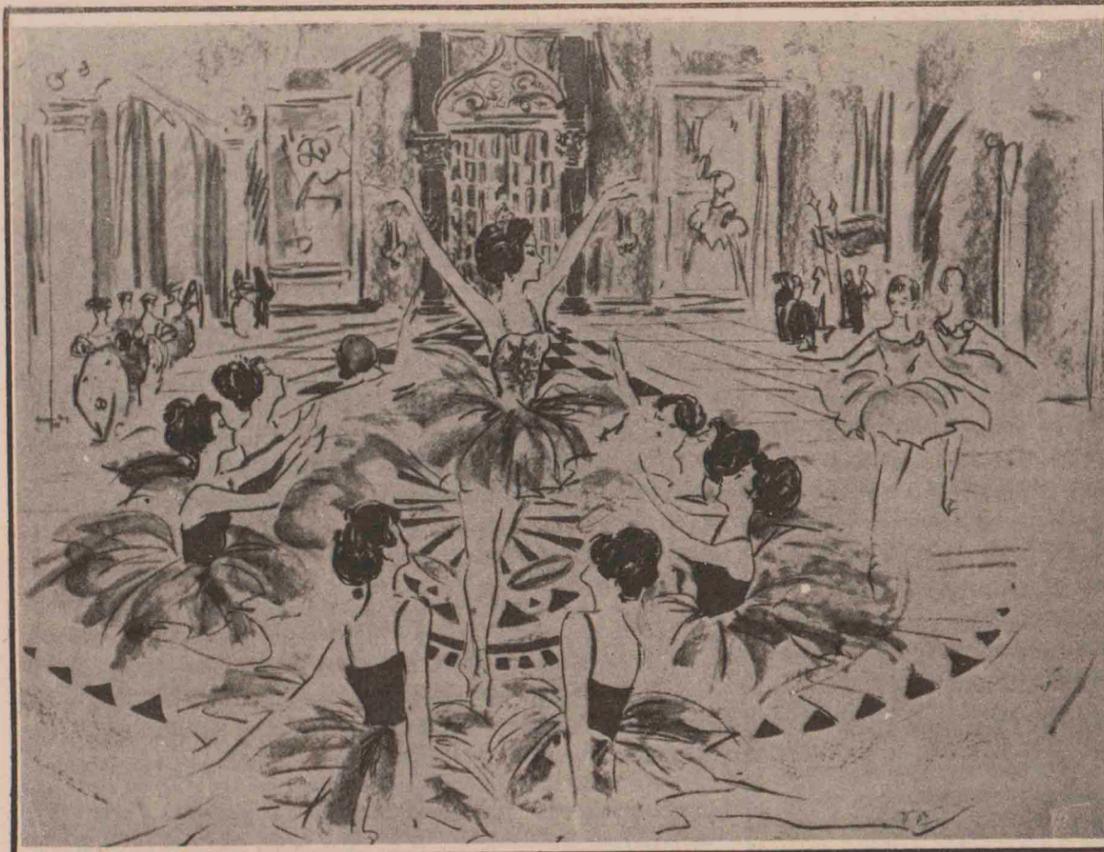
Um gaúcho, o pelotense Ferreira Viana, então Ministro da Justiça (Gabinete Cotegipe), redigiu a Lei Áurea. Cheios de esperança, os abolicionistas ofereceram-lhe um jantar. Após o jantar, sucedem-se os discursos. Ferreira Viana fala. Declara em nome do Gabinete que o novo governo tem como missão principal extinguir a escravidão no Brasil. Ele próprio — Ministro — redigira o documento legal.

Todos aplaudem, levantam-se, aclamam. Em meio à ovação, Patrocínio, pálido, a voz rouca, os olhos iluminados pelas lágrimas, brada: "Não peço a palavra, tomo-a". E tinha esse direito.

Sua voz era o grito de uma raça oprimida que, cansada de pedir a liberdade e dispendo-se a tomá-la de qualquer forma, via de repente os objetivos conquistados, a luta vencida.

Realmente, dias depois, a Princesa Isabel chancelava a Lei do pelotense Antônio Ferreira Viana, tornando livres os escravos no Brasil. Mas o gigante do movimento, o arquiteto dessa construção que se chamou Lei áurea, foi o jornalista José do Patrocínio, talvez o maior jornalista brasileiro depois de Hipólito José da Costa, o Patrono do nosso jornalismo.





CARMEN DÁ HIERARQUIA À ÓPERA FRANCESA

Tchaikowsky repousava executando Carmen. Em julho de 1880 o genial compositor russo escreveu: "Ontem à noite, para descansar de um trabalho estafante, toquei Carmen de Bizet, de capa a capa. Considero-a uma obra-prima no mais completo sentido da palavra. Uma dessas raras composições que parece refletir mais fortemente as tendências musicais de toda uma geração". Carmen, de Bizet, é majestaticamente mais do que previu e sentiu Tchaikowsky, igualando-a às nuances musicais de uma

geração. Para os amantes do trágico-aventuresco contado num verdadeiro festival de sons, Carmen pode ser equiparada à síntese de todas as óperas e sem que tal definição pretenda — sequer de longe — diminuir a grandeza pictórica (visual) e a sensibilidade auditiva de outras geniais composições que o gênio humano criou. Ela deu hierarquia à ópera francesa, numa época em que Itália e Alemanha reinavam absolutas. A Itália na ópera e a Alemanha no clássico lírico dos concertos.

Tão dramática quanto bela em seus efeitos plásticos, narra os amores de José e Carmen que se apresentam no ambiente espanhol com a força passional de amantes fatídicos envenenados pelo ciúme. E esse amor e esse ciúme reunidos, forçosamente tinham que gerar sangue. É o final trágico tão ao gosto do público e presente por isso mesmo em todas as óperas dramáticas.

Essa Carmen de Bizet, a síntese de todas as óperas produzidas, foi levada a cena em Porto Alegre no final de julho, em quatro apresentações no Salão de Atos da UFRGS, com excepcional êxito artístico e sucesso de público. Foi mais uma felicíssima iniciativa da OSPA (Orquestra Sinfônica de Porto Alegre), que obedece há anos a compe-

tente direção artística do maestro Pablo Komlós.

A Carmen foi vivida por Debrea Brown, soprano de nacionalidade norte-americana. Nos demais papéis, um elenco internacional, onde se destacaram artistas brasileiros, argentinos e uruguaios.

Falar de Carmen, obriga a falar de seu criador, Alexandre César Leopoldo Bizet, que assinava Georges Bizet. Ele nasceu em uma família de músicos — seu pai, professor de canto, sua mãe, excelente pianista — a 25 de outubro de 1838, em Paris. Dizem os historiadores que não foi nem precoce nem rebelde. Estudou, sistematicamente, todos os segredos da técnica musical e devido a seus progressos ingressou, aos nove anos de idade, no Conservatório de Pa-

ris. Ali conheceu Gounod que dava, ocasionalmente, lições de contraponto em substituição ao mestre Zimmermann. Jovem ainda, Bizet mereceu a admiração de Berlioz, por seu domínio do teclado.

Músico já com certa celebridade, começou a compor. A gusla do emir, Ivan, le terrible, La Jolie fille de Perth, Souvenirs de Roma, Djamilah, L'Arlesienne, Pátria, Santa Genoveva (Sainte Geneviève), Carmen e muitas outras.

Seu êxito e fama, já gozando em vida, cresceu espetacularmente após sua morte, que ocorreu a 3 de março de 1875. Quando do centenário de seu nascimento, em 25 de outubro de 1938, Carmen havia sido levada a cena, somente na França, exatamente 2.172 vezes.

DEUS! DAI-NOS PERSONALIDADE

Raul Quevedo

San Michel, Mont Chatel, Molné, Granpierre, Clos de Nobles, Charboneau, Chateau Brain, Saint Honoré, Acquasantiera, Maison Forestier, Chateau Duvalier, Cave D'Aubigny, Bernard Taillan, Chateau Mont-Claire, Chateau D'Argent, Majou Tanret, Chateau Lacave, Chateau Charmeton, Marjolet, Merlot da Maison Forestier. Não. Não se refere a nenhuma pesquisa genealógica de antigas famílias francesas radicadas no Rio Grande do Sul. São marcas de vinho lançadas pelos produto-

res de nossa região colonial.

Eles costumam culpar o consumidor pela baixa receptividade do produto; mas que fazer quando eles próprios demonstram não acreditar nas propriedades enológicas do vinho que produzem e lançam no mercado. Como pretender impor tradição, que só se conquista a longo prazo e após persistente trabalho de manutenção de mercado, se 80 por cento do potencial consumidor brasileiro de vinho não é capaz de pronunciar corretamente a quase totalidade

das marcas colocadas à venda?

Aliás, em termos de nomenclatura de marcas, o Brasil chega a caracterizar o próprio festival da besteira; a ausência total de senso de personalidade nacional.

O presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial — INPI — Guilherme Hatab, disse há pouco no Rio de Janeiro, que o uso de marca estrangeira sob licença tem sido uma constante preocupação do Governo. É bom que seja. E mais do que preocupação, faz-se necessária uma ação do Governo no sentido de impor legislação impeditiva a respeito.

É evidente que o brasileiro oferece um triste espetáculo para o mundo ao desprezar a filologia portuguesa nos nomes formadores de suas marcas, enquanto procura conquistar mercados externos. E paralelamente a esse triste espetáculo, há ainda o gravame de custar

divisas ao país. Quando o consumidor brasileiro bebe um "Chateau", um "Charboneau" ou "Cave D'Aubigny", o país está pagando divisas a título de "royalty" por uso de marca consagrada no país de origem. Isso é de extrema gravidade.

O Jornal do Comércio de Porto Alegre, em sua edição de 20 de agosto, noticiou o lançamento do primeiro automóvel gaúcho (gaúcho?). Seu nome? Miura! Será que seus fabricantes pretendem promover touradas sobre rodas em nossas estradas? O nome Miura, que num carro espanhol soaria com perfeita lógica, num veículo brasileiro caracteriza total ausência de personalidade local.

É importante e urgente que o Governo passe a adotar legislação a respeito, pois essa situação é duplamente lesiva ao país. A marca estrangeira induz o consumidor que está ingerindo o produto que a marca sugere.

Segundo o presidente do INPI, isso não ocorre. Lesa-se então o consumidor, além do fato de desencadear um processo em cadeia, que vai desde o descrédito à indústria nacional até a conquista total do mercado interno por grupos multinacionais donos das marcas, já então popularizadas no país.

Este artigo cita mínimos exemplos. Se pesquisarmos, em âmbito nacional a nomenclatura das marcas existentes, o fato chega a ser estarrecedor. Talvez seja o caso de pedir-mos ao Criador: Deus, dai-nos personalidade.

Num domingo desses o apresentador Sílvio Santos fazia perguntas a candidatos, na televisão. A pergunta era: "como se chama um local de recreação na cidade, onde têm árvores, gangorras, balanços, etc. A resposta do candidato: Parque Infantil. Errado, gritou Sílvio Santos. O certo é "Play Ground". ...Sem comentários...

EDITORA CERES: MANUAL DE ECOLOGIA DOS INSETOS

Para que a primeira forma de vida surgisse na Terra, foram necessários milhões e milhões de anos. E a história da vida sobre esse planeta tem sido de incessantes transformações de seres animados e inanimados à procura do ponto de equilíbrio, que nunca é atingido porque nada é estático ao longo do tempo.

Os insetos, constituindo-se no grupo mais numeroso de todos os seres animais, e embora diminutos, significativos pela espantosa capacidade de reprodução e de adaptabilidade aos meios mais adversos, são os principais contribuintes desse processo evolutivo onde tudo se transforma.

Encontrados em todas as regiões do planeta e sobre todas as coisas, não raro surpreendem, pela sua presença, até os mais incansáveis exploradores do mun-

do microscópico. Desnecessário se torna, portanto, dizer da importância do assunto em pauta, na elucidação dos problemas ambientais no setor agrônomo, onde as pragas ocupam papel de destaque, pela concorrência assumida ao alimento do homem.

O texto é parte do prefácio do livro Manual de Ecologia dos insetos, lançado pela Editora Agrônoma "CERES", de São Paulo, de autoria dos professores Sinval Silveira Neto e Octávio Nakano, adjuntos, do Departamento de Entomologia - ESALQ - da Universidade de São Paulo; Décio Bardin, assistente-doutor do Departamento de Matemática e Estatística - ESALQ - USP e dr. Nilson Augusto Villa Nova, livre docente do Departamento de Física e Meteorologia - ESALQ - da USP.

Ilustrado com fotos e gráficos, além de haver sido escrito com linguagem direta, é obra com características técnicas porém de fácil compreensão até mesmo para leigos. Com 419 páginas, encadernado em percalina e sobrecapa a cores, tem preço de 75 cruzeiros. Pedidos podem ser feitos à LIVROCERES Ltda., Caixa Postal, 215 - 13.400 - PIRACICABA - SP.

SÃO ESTUDOS BRASILEIROS

Como resultado de experiências a nível docente, os professores Harry Rodrigues Bellomo e José Celso Bortoluzzi da Silveira, respectivamente, licenciado em História e Geografia pela PUCRS e licenciado em Geografia pela UFRGS, lançaram pela SULINA, "Estudos Brasileiros".

Conforme o próprio título dá a entender, trata-se de livro voltado para o setor geo-econômico nacional. Os autores enfocam a situação brasileira com material atualizado. Livro didático, pode ser usado a nível colegial na preparação ao vestibular e ciclo básico universitário; sendo indicado também para estudantes que estejam cursando estudo de problemas brasileiros. Capa em brochura, tem 170 páginas.

MERCADO NA ECONOMIA MODERNA

A obra é de Jan S. Hogendorn ("Markets in the Modern Economy") - uma introdução à microeconomia, tradução de

Fernando Castro Ferro, teve edição brasileira de Zahar Editores, do Rio de Janeiro, distribuição da SULINA no Rio Grande do Sul.

O Mercado na Economia Moderna - uma introdução à microeconomia, é um estudo de como os mercados operam, não se constituindo, portanto, em leitura fácil. E ao contrário, deve sua complexibilidade à reputação que goza a Economia de ser a Ciência Social mais difícil para o principiante.

Desde os tempos mais remotos o homem tem vivido num sistema econômico que tem de responder a quatro questões básicas: o que produzir, por que método produzir, como distribuir entre os membros da sociedade e, finalmente, como alcançar o desenvolvimento econômico. O livro de Jan Hogendorn trata dessas questões, fundamentalmente. São 235 páginas volume brochura.

PRINCÍPIOS DE PSICOLOGIA

Ethel Bauzer Medeiros é professora de Medidas e Avaliação em Educação do Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE), da Fundação Getúlio Vargas. "Medidas Psicológicas - Princípios e Prática, lançado pela própria FGV, trata da investigação desse problema, de grande relevância no campo da educação.

Já em 4ª edição, refundido e ampliado, o livro de Ethel Bauzer Medeiros tem finalidades didáticas. Apresenta esquemas para planejamento adequado de provas curriculares e faz sugestões para a aplicação e julgamento, assim como para análises e interpretações.

TEORIA DOS SISTEMAS

Outro lançamento recente da Editora da Fundação Getúlio Vargas é Teoria dos Sistemas. Os autores são: P. K. Anohin, Ludwig von Bertalanffy, Anatol Rapoport, W.J.M. Mackenzie e James D. Thompson. A tradução do inglês é de Maria da Graça Lustosa Becskeszky.

O livro enfeixa quatro ensaios, todos eles tematizando a pesquisa multidisciplinar e a pesquisa comparativa a partir de campos de interesse específicos.

Também é uma distribuição da Livraria e Distribuidora SULINA, para todo o Rio Grande do Sul.

JORNALISMO LITERÁRIO

A Editorial Nórdica, do Rio de Janeiro; juntamente com a companhia de aviação Scandinavian Airlines System, distribuem anualmente no Brasil o Prêmio Nórdica do Jornalismo Literário que poderá beneficiar qualquer jornalista que mantenha coluna permanente de livros ou sirva-se de qualquer outro veículo de comunicação para divulgação dos mesmos. Este prêmio constitui-se numa passagem aérea de ida e volta a Escandinávia e mais Cr\$ 8.000,00 em dinheiro, uma medalha alusiva e facilidades a serem proporcionadas pelas entidades culturais da Dinamarca, Noruega e Suécia, durante a visita que o premiado fará aqueles países.

Este ano o referido prêmio foi conferido (em sua III edição anual) ao jornalista Paulo Fontoura Gastal do Jornal CORREIO DO POVO, pertencente à Organização Jornalística Caldas Júnior, de Porto Alegre. Compuzeram o júri que apreciou os trabalhos de cerca de 80 candidatos o editor Alfredo Machado (presidente da Distribuidora Record, do Rio) o escritor Millôr Fernandes, o jornalista Remy Gorga Filho e o livreiro Leopoldo Bernardo Boock Filho - este último Diretor Presidente da Organização Sulina de Representações S.A. e Livraria Sulina Editora, distribuidora no Rio Grande do Sul da Editorial Nórdica Ltda., que instituiu o referido prêmio.

Na presidência do Júri, apenas com direito a voto no caso de necessidade de desempate, participou o jornalista e editor Jaime Bernardes, da Editorial Nórdica Ltda, que em 1973 tomou a iniciativa de lançar este prêmio de jornalismo de divulgação literária. Dito prêmio, anteriormente já fora conferido a Remy Gorga Filho e a Leo Gibson Ribeiro, cabendo neste ano ao sul do país na pessoa do jornalista gaúcho P.F. Gastal.

O III Prêmio Nórdica de Jornalismo será entregue ao referido vencedor em fins de outubro vindouro, por ocasião da XXII Feira do Livro de Porto Alegre.

PRÊMIOS NÓRDICA

- No sentido de estimular todos os que, devotadamente, se dedicam à divulgação da produção literária na Imprensa Brasileira, incluindo rádio/televisão, a Editora Nórdica e a SAS (Scandinavian Airlines System) instituem, a partir desta data e por tempo indeterminado, o Prêmio Nórdica de Jornalismo Literário, com o seguinte regulamento:

Artigo 1º - O Prêmio Nórdica será distribuído anualmente, tomando em consideração os trabalhos publicados e/ou transmitidos entre os dias primeiro de fevereiro de cada ano e trinta de janeiro do ano seguinte.

Artigo 2º - Concorrem ao Prêmio Nórdica todos os jornalistas e colaboradores dos órgãos de comunicação de massa que, no período de um ano, tenham editado, publicado e/ou transmitido trabalhos específicos sobre literatura e/ou sobre produção e comercialização literária, quer sob a forma de crítica, de ensaio, de reportagem ou de referência.

Artigo 3º - Os trabalhos serão julgados por um júri constituído por um professor de comunicação, um editor, um livreiro, e um profissional de imprensa, segundo um critério que envolve qualidade, influência, originalidade e objetividade.

§ 1 - O julgamento poderá basear-se num só trabalho ou num conjunto de trabalhos de um mesmo autor.

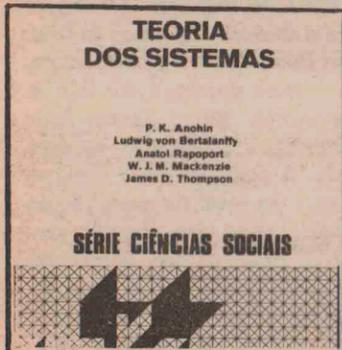
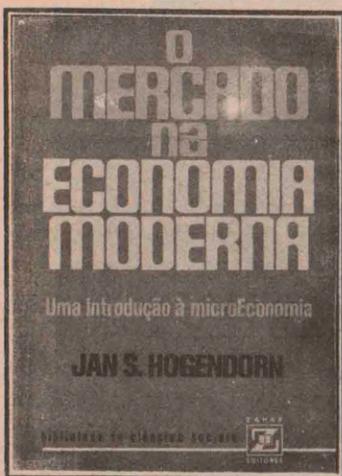
§ 2 - Os autores que desejarem ver seus trabalhos inscritos e julgados deverão enviá-los para: Nórdica, Av. Copacabana 1072 405 - 20000 - Rio de Janeiro, RJ. Entretanto, a Nórdica, a SAS, ou quaisquer outras pessoas ou entidades interessadas, poderão incluir também outros trabalhos para serem julgados.

§ 3 - O júri poderá atribuir ainda menções especiais em número indeterminado.

§ 4 - Havendo empate na votação do júri, o voto de desempate caberá ao jornalista e editor Jaime Bernardes da Silva, da Nórdica.

Artigo 4º - A decisão do júri, de caráter inapelável, será anunciada em abril de cada ano, e a entrega do prêmio, realizada nos sessenta dias seguintes, em sessão para a qual serão convidados dirigentes dos órgãos educativos do País, representantes diplomáticos da Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia, representantes dos órgãos de classe, escritores, jornalistas, etc..

Artigo 5º - O Prêmio Nórdica é constituída por diploma alusivo, uma passagem aérea de ida e volta à Escandinávia e Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros) em dinheiro.



AINDA O 3º ANIVERSÁRIO DO "COTRIJORNAL"

Recebemos, assinada pelo diretor administrativo e financeiro do Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul — BADESUL — sr. Oscar Luis Osório Rheingantz:

Ilmo. sr. Jornalista Raul Quevedo. Senhor diretor: É-me sumamente grato apresentar cumprimentos a V.S. e demais funcionários e colaboradores do COTRIJORNAL, pelo transcurso, a 20 de julho, do 3º aniversário de fundação desse órgão.

O momento é oportuno para que lhe dê o testemunho de minha admiração pela superior orientação imprimida ao veículo e por seu alto padrão editorial e técnico, em constante aprimoramento. De tal sorte — como é fácil observar-se — manifesta-se a preocupação da direção do COTRIJORNAL em diversificar a matéria redacional, que, sobre ter sido a princípio basicamente voltada para a difusão de assuntos agrícolas, abrange hoje, outros campos de conhecimento, inclusive da História e da Arte.

Minhas felicitações, pois, se estendem mui particularmente à Direção da COTRIJUI que, ao relevante papel que desempenha no processo de desenvolvimento sócio-econômico do Estado e já agora buscando novas avenidas de atuação no País e no Exterior, soma o mérito de ter compreendido a iniciativa de editar um jornal de alto nível.

Sem outro motivo, envio a V.S. as expressões de minha consideração e apreço. Porto Alegre, 12 de agosto de 1976. Oscar Luis Osório Rheingantz — BADESUL — diretor administrativo e financeiro.

DO DEPUTADO HUGO MARDINI

Porto Alegre, 20 de julho de 1976: "Ao transcurso de mais um aniversário de fundação desse conceituado órgão da imprensa rio-grandense, congratulo-me pelo trabalho de responsabilidade e promissor da direção e funcionários, com o significado de comunicações dentro do espírito democrático do povo gaúcho. Cordiais saudações — deputado Hugo Mardini — líder da Bancada da ARENA.

PRESIDENTE DA ARI E O CIGARRO

"...Apesar de fumante (moderado), especialmente de cachimbo, quero congratular-me com as expressões de seu trabalho (COTRIJORNAL nº 33, O Cigarro), interessantes e corretas. Filio-me à opinião do prezado colega sobre a evolução do fumo para os tóxicos e lamento haja essa praga atacado profundamente parte da juventude brasileira.

Acho que a publicidade dos vícios do fumo e bebidas alcoólicas deveria ser vedada para os meios eletrônicos de comunicação coletiva, ficando exclusivamente nos veículos impressos. Deixaria, assim, de penetrar livremente nos lares, ficando apenas nos jornais e revistas, como acontece em outros países.

Com os abraços ao prezado colega e amigo, renovo-lhe os protestos de admiração e apreço. Cordialmente, Alberto André, presidente da Associação Rio-grandense de Imprensa.

EXCELENTE ARTIGO SOBRE O CIGARRO

"...também quero cumprimentá-lo pelo excelente e oportuno artigo sobre a propaganda do cigarro. Transformei-o em matéria de aula para meus alunos. É oportuníssimo. Cumprimento, em meu nome os redatores do COTRIJORNAL, pela passagem do terceiro aniversário desse órgão de imprensa gaúcha. Túlio Amaral, professor de locução. Porto Alegre, 11 de agosto de 1976.

PARABÉNS PELO PROJETO/IRÃ

Maringá, Paraná — 10 de agosto de 1976: Sr. presidente da COTRIJUI. Em nosso poder o COTRIJORNAL de julho, onde tomamos conhecimento do Projeto no Irã. Permitimo-nos parabenizá-lo e aos demais diretores pelo arrôjo daquele empreendimento internacional, iniciativa que orgulha o movimento cooperativo brasileiro.

Atenciosamente, pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Agência de Maringá — Rogaciano Pedrozó, gerente; Luiz Lopes Gonçalves, encarregado de Serviços Gerais.

PROPAGANDA DA MERCEDES-BENZ

"...Considerando a penetração e o valor da matéria editada, consideramos o COTRIJORNAL o maior jornal informativo e educativo que temos conhecimento, em seu gênero.

Em vista do exposto e dado o interesse demonstrado pelo diretor de propaganda da Mercedes-Benz em conseguir futuros exemplares, solicitamos a V.S. de verem a possibilidade de reservar dois exemplares por edição para enviarmos a São Paulo. Pela atenção, antecipamos agradecimentos.

Veículos Debacco S.A., rua Marechal Floriano, 2426. Santo Ângelo, 17 de agosto de 1976.

CUMPRIMENTOS DA OCERGS

Prezado Senhor diretor do COTRIJORNAL: Pela presente, agradecemos o recebimento do COTRIJORNAL. Queremos cumprimentá-lo pelo valor informativo que o mesmo contém. Por outro lado, informamos que a partir desta quinzena estaremos enviando-lhe nosso informativo OCERGS.

Somos do pensamento que é preciso haver uma integração de informações. De nossa parte, em especial, contribuiremos com as notícias sobre cooperativismo. De vossa parte, tanto econômica, cultural, social ou de outros assuntos, as informações sempre nos serão proveitosas.

Nesta ocasião também gostaríamos de lhe dizer que os artigos publicados no Informativo OCERGS poderão ser aproveitados pelo vosso jornal, sendo que o mesmo esperamos fazer com as matérias de vosso órgão.

Atenciosamente, Aristides Marques Velho, diretor-executivo e Acari Amorim, assessor de imprensa — Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul — OCERGS. Porto Alegre, 17 de agosto de 1976.

N.da R. — Agradecemos as palavras dos colegas da OCERGS. Comunicamos-lhes que aproveitaremos, com prazer, as matérias constantes de sua publicação, em benefício da família cooperativista.

DIRETORIA-EXECUTIVA DO B.N.C.C.

Prezados Senhores: Para as devidas anotações, informamos a V.S. a atual composição da diretoria-executiva e conselhos de administração e fiscal do Banco Nacional de Crédito Cooperativo — BNCC, com os respectivos endereços para a remessa de correspondência:

Diretoria executiva — SBN. Palácio do Desenvolvimento, 2º andar, 70.000 — BRASÍLIA — DF. Diretor-presidente, Marcos Raimundo Pessoa Duarte; diretor de crédito, Norberto Leonhard; diretor de administração e finanças, Paulo Gomes Bello e

diretor de planejamento e cooperativismo, Tertuliano Bofill. Conselho de administração — Antonio Martins Chaves (SBS), edifício do BNDE, 11º andar — BRASÍLIA — DF, David Thiesen, rua Desembargador Westphalen, 1361 — 80.000 — Curitiba, Paraná; Edgar de Abreu Cardoso, av. Presidente Antonio Carlos, 375 sala/1038, Rio de Janeiro; José Fleury, rua 23, 572, centro Goiânia, Goiás e Mário Krueel Guimarães, edifício Serra Dourada, 6º andar — COMCRED — Brasília — DF.

Conselho fiscal — Guttemberg Gomes Guimarães — inspetor geral de finanças — Ministério da Fazenda, Brasília; João Gilberto Ferreira de Souza, rua deputado Soares Filho, 132 — apt. 101 — Rio de Janeiro; e Benedicto de Miranda — SBN — Palácio do Desenvolvimento, 20º andar, INCRA, em Brasília. Saudações, Amílcar Leonello Ziller, chefe da Secretaria Brasília, 17 de agosto de 1976.

HABITAT E INTERPLAN

"Tenho o prazer de comunicar que estou assumindo a gerência de Comunicação da Habitat e Interplan, cargo em que me coloco à sua inteira disposição. Porto Alegre, 2 de agosto de 1976. Atenciosamente, Antonio J.M. Cabreira.

JOÃO CARLOS BIASIBETTI

Senhor diretor: Solicito a V.S., se possível, conceder-me uma assinatura do COTRIJORNAL. Estou cursando o Técnico Agrícola e encontro nesse jornal uma fonte de variados conhecimentos apresentados de maneira elevada e objetiva.

Esperando contar com a vossa atenção, antecipo meus agradecimentos e aproveito o ensejo para reiterar a V.S. os protestos de elevada estima e distinta consideração. Atenciosamente, João Carlos Biasiotti — 89.940, GUARUJÁ DO SUL Santa Catarina.

AGOSTINHO MELCHORS

Prezado diretor do COTRIJORNAL: Tive a felicidade de ler um exemplar do COTRIJORNAL, o qual achei de grande valor informativo. Por isso dirijo-me ao senhor para ver da possibilidade de conseguir uma assinatura do COTRIJORNAL.

Sou estudante de agronomia na Universidade Federal do RGS. Na casa onde moro (Casa do Estudante da Faculdade de Agronomia e Veterinária) vários estudantes estão muito interessados em obter o jornal, dada a sua abordagem de temas gerais e da agricultura.

Agradecendo a vossa compreensão, assino-me, atenciosamente, Agostinho T. Melchors — CEFVAV — Av. Ben-

to Gonçalves, 7712, Caixa Postal, 776 — 90.000 — Porto Alegre.

GILDA UBERTI GONÇALVES

Senhor presidente da COTRIJUI: Venho mui respeitosamente, através desta, comunicar a V. S. que recebi o número 33 de COTRIJORNAL, o que me deixou muito contente de poder contactar com um órgão de tão alto nível.

Para mim, estudante do curso de Comunicação Social, na opção Jornalismo, é muito importante o conhecimento de periódicos dos mais variados estilos.

Esperando continuar recebendo o jornal, aproveito a ocasião para cumprimentá-lo pelo seu alto padrão.

Cordiais saudações, Gilda Uberti Gonçalves — rua Floriano Peixoto, 1244 — 97.100 — Santa Maria. RS.

PEDRO MENEGOTTO NESSI

Prezados senhores: Tendo lido o COTRIJORNAL no período em que trabalhava na Carteira de Crédito Rural do Banco Lar Brasileiro S. A., e julgando esse órgão de divulgação de ótima qualidade, gostaria, se possível, de recebê-lo.

Esperando ser atendido, apresento meus protestos de elevada estima e consideração. Firmo-me, atenciosamente Eng. Agr. Pedro Menegotto Nessi, rua Venâncio Aires, 1552 apto. 404) Santa Maria.

DÉCIO LUIS MANFIO

Senhor diretor: Pelo presente, venho solicitar a V. S., se for possível, conceder-me uma assinatura do COTRIJORNAL.

Estou cursando o técnico Agrícola, do qual poderei tirar grandes proveitos, pois o jornal me proporcionará grandes conhecimentos, que para minha futura profissão, será de muita utilidade.

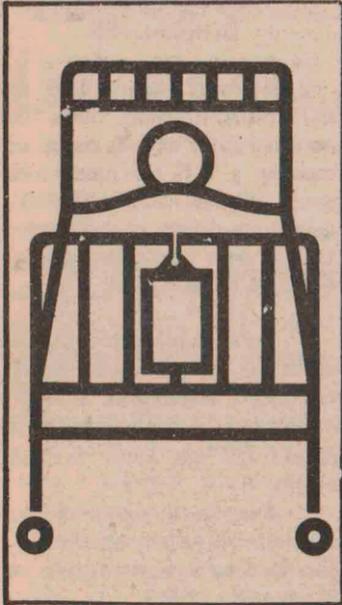
Conto com a vossa atenção e antecipo meus agradecimentos. Subscrevo-me, atenciosamente. Décio Luis Mânfió — 98.400, Frederico Westphalen. RS.

N. da R. — Agradecemos as palavras elogiosas de nossos leitores e comunicamos a todos os que solicitaram remessa do jornal, que o COTRIJORNAL ser-lhes-á remetido regularmente.

MUSEU HISTÓRICO DE BAGÉ

O Museu Dom Diogo de Souza, da cidade de Bagé, enviando bonito postal com motivos históricos, e comunicando que continua formando coleções do COTRIJORNAL.

PRIMEIRO SEGURO POR MORTE PAGO NA COTRIJUI



No dia 10 de agosto último, em dependência da COTRIJUI, foi pago o primeiro seguro por morte de associado. O beneficiário foi a senhora Josephina P. da Silva, viúva do sr. Fredolino Pereira da Silva, que faleceu dez horas após ter assinado o seguro, com a UNIBANCO Seguradora S.A. — Sucursal do Rio Grande do Sul.

Participaram do ato, na sala do Conselho da COTRIJUI, os srs. Leo Miron, diretor patrimonial da cooperativa, Leo Alvarez, chefe da setorial de seguros, Vanius Edu Peretti, gerente da Unibanco Seguradora, Jorge Banno Paulokun, inspetor de produção, João de Macedo Soares, assistente técnico, Sérgio Ckless, coordenador

de produção e Otto Dalla Vechia, gerente do UNIBANCO em Ijuí.

Na foto a viúva Josephina P. da Silva, quando recebia o cheque correspondente

ao valor do seguro, que o COTRIJORNAL registra por tratar-se do primeiro a ser pago.



PREVENÇÃO DE ACIDENTES E SEGURANÇA NO TRABALHO

A instalação e funcionamento da CIPAS (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), em diversas unidades de serviço da COTRIJUI, vem prestando relevantes serviços à cooperativa no que tange a diminuição dos acidentes de trabalho.

Conforme carta-circular assinada pelo diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e distribuída a todos os funcionários, a diminuição do índice de ocorrências de acidentes no trabalho demonstrou considerável redu-

ção na tarifa de contribuição que é recolhida ao INPS, mensalmente. Na mesma circular, o diretor-presidente informou que a redução acusada no item INPS foi aplicada pela cooperativa em benefício dos próprios funcionários, com a concessão de um Seguro de Vida e Acidentes Pessoais, nos valores de 15 mil cruzeiros para casos de acidentes e 30 mil cruzeiros para casos de morte. O referido seguro está sob a responsabilidade da UNIBANCO Seguradora.

CONGRESSO NACIONAL DE ACIDENTES DO TRABALHO

A cidade de Belo Horizonte sediará de 10 a 15 de outubro o XV Congresso Nacional de Prevenção e Acidentes do Trabalho (XV CONTAP), parte integrante da Campanha Nacional de Prevenção e Acidentes do Trabalho, instituída pelo Decreto nº 68.255/51 e regulamentado pela portaria Ministerial nº 3.233/71.

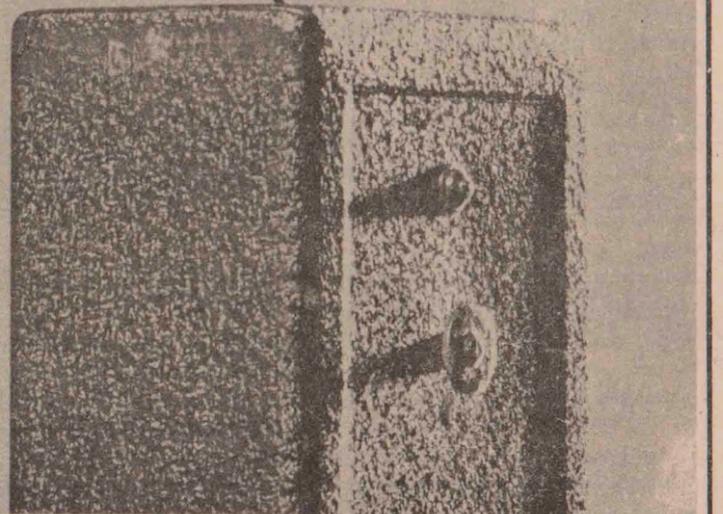
O Congresso é promovido pelo Ministério do Trabalho, através da Secretaria de Relações do Trabalho e da Subsecretaria de Segurança e Medicina do Trabalho.

O XV CONTAP tem por finalidade proporcionar o intercâmbio de conhecimentos e experiências de técnicos e especialistas nos diferentes aspectos de prevenção de acidentes, segurança, higiene e medicina do trabalho.

Os temas oficiais do XV CONTAP são os seguintes: prevenção de acidentes na agro-indústria; a importância da seleção e do treinamento do trabalhador na prevenção de acidentes; prevenção de acidentes nas empresas de pequeno porte; análise de aspectos, estruturas, organização e funcionamento dos serviços especializados de segurança e medicina do trabalho nas empresas e o papel do Sindicato na Campanha Nacional de Prevenção e Acidentes do Trabalho.

As inscrições já podem ser feitas na sede da Secretaria Executiva, à rua Traipu, 547, Caixa Postal, 30.291 — 01235 — São Paulo, Capital. Há duas categorias de taxas: de 300 cruzeiros para as inscrições de não sindicalizados e de 150 cruzeiros para os trabalhadores sindicalizados.

Este gesto assegurou o futuro de muitas famílias brasileiras.



Este homem desencadeou, através de um simples gesto, todo um novo processo sócio-econômico, criando entre nossa comunidade um hábito que passou a assegurar o futuro de muitas gerações. O hábito de poupar. De pensar no dia de amanhã.

E se hoje existem empresas de poupança e empréstimo, assim como a Caderneta Apesul de Poupança, que garantem a tranquilidade de muitas famílias

brasileiras é devido ao gesto deste homem rude. Um imigrante alemão.

Caderneta APESUL de Poupança

Este anúncio é um agradecimento à comunidade germânica de Ijuí, por nos ter ensinado o hábito de poupar.

Segundo João do Sul

NOVO CACARECO?

Ao final da década de 50, São Paulo surpreendeu o mundo político brasileiro ao eleger, com um quociente de dezenas de milhares de votos, o Cacareco.

Para os moços, explicamos: Cacareco era um rinoceronte de grande porte, que habitava o zoológico paulistano, distração do povo e principalmente das crianças, numa época em que o domingo do paulista girava em torno do aeroporto de Congonhas e o próprio Zoo.

O resultado do pleito foi uma pândega. Abre urna e soma voto, e o simpático paquiderme, enquanto ruminava seu pasto completamente indiferente ao sucesso em seu piquete no zoológico, tinha o nome elevado às manchetes dos jornais, na categoria de excelência...

Um verdadeiro estadista... descoberto da noite para o dia. A história não registra se o eleito chegou a assumir o posto. Mas o certo é que se tivesse assumido não faria pior papel do que alguns espécimes bípedes que, à mesma legislatura, desempenharam os cargos.

Pois neste ano de 1976, São Paulo poderá reeditar o sucesso Cacareco. E não a Capital, mas uma cidade satélite.

Guarulhos fica a 20 quilômetros da Capital, contando da Praça da Sé, à margem direita do rio Tietê. É um centro in-

dustrial de real grandeza, beirando os 400 mil habitantes.

É uma cidade de trabalhadores, gente simples, gente honesta, gente que crê, que confia.

Pois a essa crença e confiança da gente são de Guarulhos, que candidatos de ambos os partidos (Revista Veja, edição nº 415) pretendem sensibilizar a 15 de novembro, usando métodos que nos aproximam em muito dos tempos do Cacareco.

Severino Monteiro, mais conhecido por "Severino Xique-Xique", é o candidato arenista à Prefeitura de Guarulhos. Desfilando pelas ruas mais movimentadas da cidade montando num jegue e cabresteando um bode preto, apela ao espírito de Lampião (Virgulino Ferreira) para se eleger. Após oficializado candidato da ARENA, posou para os fotógrafos vestido de jibão e chapéu de couro, usando bengala benzida por padre Cícero (Romão Batista, do Juazeiro).

Já o candidato do MDB, advogado Francisco Assis de Almeida, adotou a técnica de distribuir folhetos com a imagem de São Francisco de Assis (seu padroeiro) e uma oração. Já se vê que é uma "guerra" de santos: Francisco de Assis e Padre Cícero (Padim Ciço), vindo ainda de inhapa, Lampião, o rei do cangaço...

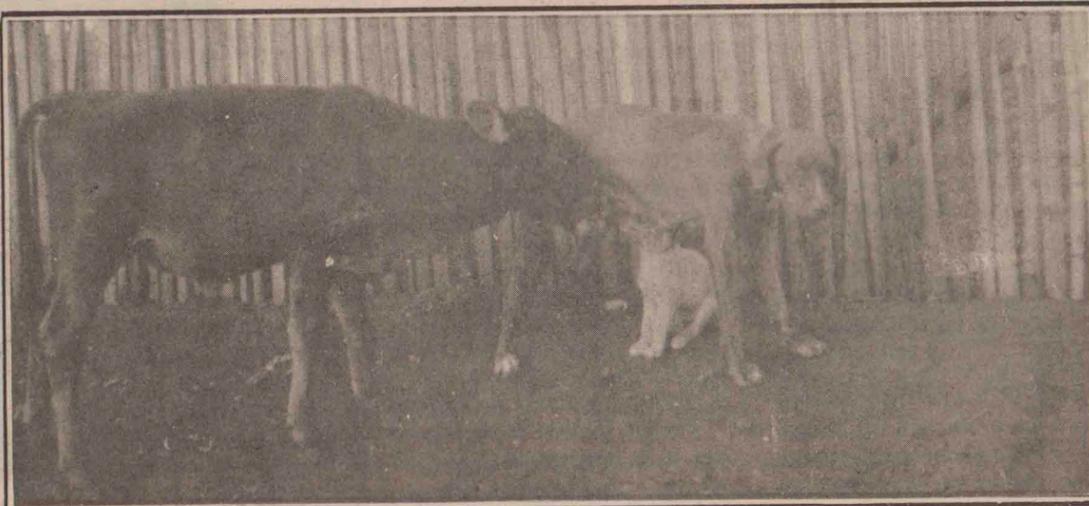
UMA CENA MAIS QUE UM POEMA...

De quando em vez os animais nos oferecem exemplos de concórdia, proteção mútua e reciprocidade, que os humanos estão longe de possuir. Tempos atrás, neste mesmo jornal, focalizamos um gato e um rato partilhando da mesma tigela. Hoje mostramos uma cachorra

que partilha suas mamas com o filho e um bezerro órfão, que deve seu excelente desenvolvimento físico ao instinto de proteção da canina. O bezerro, como se vê, tem o dobro do tamanho da cadela. Mas ela, apesar do próprio cãozinho que gerou e sabe que precisa ali-

mentá-lo, não rejeita a proteção alimentar ao bovino.

Cachorra e bezerro são de propriedade do sr. Pedro José Ceretta, residente na Linha 3-Leste, em Ijuí. O bezerro que perdeu a mãe ao nascer, passou os primeiros três meses guacho.

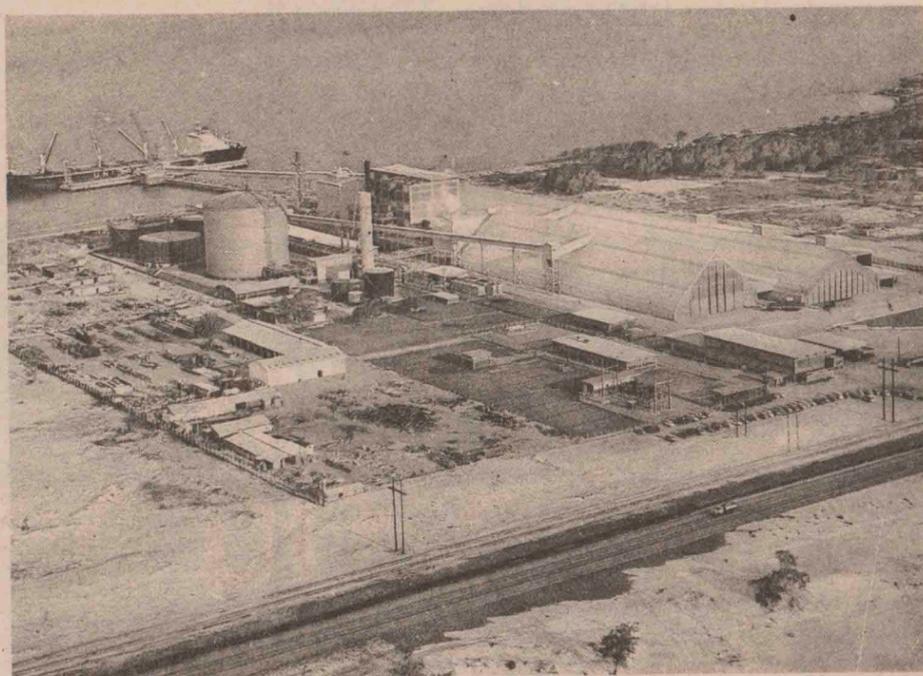


1976

Na década da agricultura, o segundo ano de uma grande indústria no Superporto de Rio Grande.

- terminal marítimo, próprio, para navios de até 60 mil toneladas
- capacidade de descarga automática: sólida - 500 t/h e líquida - 700 t/h
- capacidade de produção: 620 mil t/ano - 170 mil de Superfosfatos e 450 mil de NPK e DAP

ADUBOS TREVO



GALERIA PROCURA QUADROS DE MARYSIA

Neyde Bonfiglioli dirige um apelo aos colecionadores de todo o país para enviarem informações sobre o paradeiro dos quadros pintados por Marysia Portinari, principalmente os mais antigos, e, por isso mesmo, mais difíceis de serem localizados, para a exposição retrospectiva dessa artista que a Galeria Bonfiglioli está organizando, para mostrar ao público o que foi a evolução de sua pintura entre 1957 e 1976. As informações poderão ser dadas pelo telefone 221-8592, ou por carta, para a rua Rego Freitas 245, sala 62, São Paulo-01220.

Em 1967, Marysia já era bastante conhecida fora de São Paulo, tanto que o governador de Mato Grosso, Pedro Pedrosian, viajou até a capital paulista especialmente para ser retratado por ela.

Em 1968, a Prefeitura de São Paulo desapropriou e man-

dou demolir o sobrado da rua 14 de Julho 149, no bairro Bela Vista, o primeiro atelier de Marysia, onde pintou todos os quadros dos anos 50.

Em 1969, o retrato que Marysia pintou do arqueólogo Clifford Evans, diretor do Smithsonian Institution, causa sensação em Washington pela originalidade da composição e profundidade psicológica com que tratou a figura. Em exposições e leilões, seus quadros são adquiridos pelos colecionadores a preços que oscilavam em torno dos 3 mil cruzeiros, sendo levados para fora de São Paulo. Colecionadores europeus e americanos se interessam particularmente por seus "Casamentos Caipiras", pois vêem nessa pintura uma expressão genuína de nossos costumes rurais; bastante apreciados, também, seus desenhos e gravuras, principalmente as "pontas-secas".

RESULTADOS DAS FEIRAS DE TERNEIRO

Com a realização da primeira Feira do Terneiro em Ijuí, no período de 3 a 5 do corrente mês, é oportuno relembrar seus objetivos, bem como apresentar um balanço geral de seus resultados.

Suscintamente pode ser ponderado que a Secretaria da Agricultura ao criar a Feira do Terneiro em 1973 teve como meta principal transferir terneiros desmamados da região de criação (campanha, etc) para a região lavoureira do Estado (Planalto Médio e Missões). Com isto provocar uma mudança tecnológica nos parâmetros de produção no sentido de aumentar a produtividade da bovinocultura de corte. Concomitantemente, criar novas alternativas para a lavoura de trigo e soja e permitir a diluição dos riscos pertinentes ao setor primário, bem como aumentar o capital fixo da empresa agrícola. Além destes efeitos econômicos podem ser enumerados vários benefícios que a presença dos animais podem trazer para as áreas eminentemente lavoureiras. Uma das vantagens, para exemplificar, diz respeito ao controle da erosão, que pela presença das pastagens, deixa de ser um problema para ser uma possibilidade.

O quadro apresentado mostra que as Feiras de Terneiro já são uma realidade dentro do processo de inovação tecnológica que se pretende para a bovinocultura gaúcha. Em primeiro lugar o quadro oportuniza observar que não só as inscrições para venda aumentaram, mas também a comercialização, que passou de 2.942 animais em 1973 para 9.976 no ano passado. Nos objetivos da Secretaria da Agricultu-

ra, para o presente ano estava programada uma comercialização de 25.000 terneiros, mas várias razões não vão permitir que esta cifra seja alcançada. Mesmo assim é esperado um aumento significativo em relação a comercialização do ano passado. Vale dizer que no primeiro ano foi realizado uma feira, em 1974, cinco feiras, no ano passado sete feiras e neste ano serão realizadas 12 feiras.

Observando os dados referentes a Unidade de Extensão Zootécnica da Secretaria da Agricultura que funciona junto ao Departamento Técnico da COTRIJUI, pode se verificar que embora a intenção de compra não tenha aumentado significativamente, o número de terneiros adquiridos passou de 917 em 1973 para 1.813 em 1974. É significativo também a porcentagem de animais comprados em relação a intenção de compra. No primeiro ano foram adquiridos apenas 18%, mas no último 30%. Isto demonstra que os compradores estão mais conscientes da real capacidade de lotação de suas pastagens. E isto é fácil de constatar se observarmos que, embora o número de compradores inscritos tenha aumentado de 4 para 34, a intenção de compra passou apenas de 5.090 para 6.300 animais. Em consequência a relação de animais por comprador diminuiu de 1272 para 185, para a primeira e última etapa da Feira do Terneiro, respectivamente.

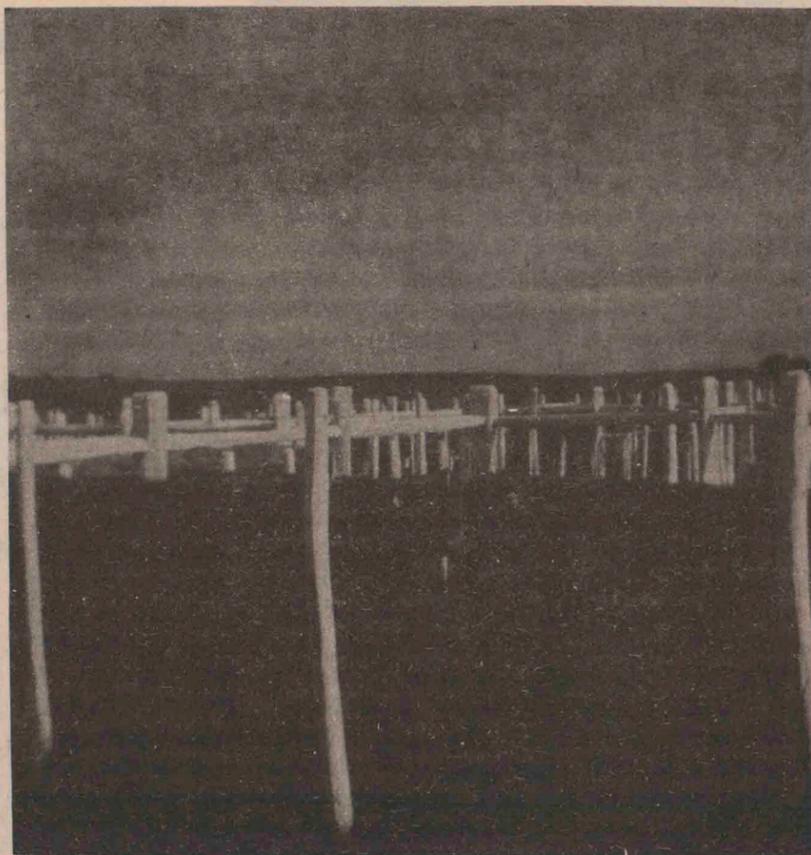
Face a estes dados pode-se esperar que para os próximos anos a região do Planalto venha a ter uma agricultura também baseada na produção de carne.

BALANÇO GERAL DE ALGUNS DADOS DISPONÍVEIS DAS DIVERSAS ETAPAS DA FEIRA DO TERNEIRO RIOGRANDENSE

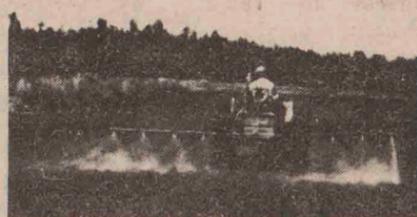
ETAPA DAS FEIRAS	I	II	III	IV
Ano	1973	1974	1975	1976
NO ESTADO:				
Inscritos p/ Venda	5.552	12.366	23.400	—
Comercializados	2.942	6.772	9.796	—
% Comercializados	52,9	54,7	41,8	—
NA U.E.Z. DE IJUÍ:				
Intenção de Compra	5.090	4.300	5.600	6.300
Adquiridos	917	1.538	1.813	—
% Adquiridos	18,0	27,9	30,0	—
Compradores	4	12	12	34

Fonte: U.E.Z. - S.A.
Adaptado pelo Depto. Técnico da COTRIJUI.

Na foto ao alto, à direita, Terneiros comercializados na primeira Feira realizada em Carazinho no ano de 1973.



POR TRATOR OU POR AVIÃO, LAÇO É A SOLUÇÃO.



LAÇO na soja, aplicado por trator, economiza tempo, mão-de-obra e dinheiro. Não precisando ser incorporado, permite a aplicação

juntamente com o plantio da soja, em uma só operação, acoplado-se ao pulverizador à plantadeira. LAÇO pode também ser aplicado com pulverizadores comuns acoplados ao trator, após o plantio, antes da emergência das ervas.

Aplicado por avião, LAÇO na soja economiza

tempo, equipamento, mão-de-obra e dinheiro.



LAÇO controla ervas de folha larga e de folha estreita, oferecendo absoluta segurança para o seu investimento.

LAÇO é o resultado de pesquisas e testes conduzidos com os recursos da mais avançada tecnologia. É o herbicida ideal para a soja brasileira.

LAÇO NA SOJA, DIVISAS PARA O BRASIL.

Laço
UM HERBICIDA **Monsanto**

Comercialização e Serviços Técnicos no Brasil, pela Divisão Agrícola de

Indústrias Monsanto S.A.
01301 Rua da Consolação, 881 - 1º andar
C Postal 8341 - Tel 257-7966
Telex 011-21883 - São Paulo - SP

LAÇO® é marca registrada da Monsanto Co.

MILHO: UM BOM INVESTIMENTO

A COTRIJUI tem incentivado os associados a plantar milho, não somente como medida de diversificação de culturas, como também optando por uma fonte de renda segura, se observados certos critérios. Faz parte dessa conscientização, a nível de Secretaria da Agricultura do Estado, o Programa do Milho, atingindo inicialmente duas regiões. No entanto, já agora se observa a utilidade dos conselhos feitos pelos técnicos também para a área abrangida pela COTRIJUI, notadamente na região de Tenente Portela. Segundo o programa, tomando-se por base o tripé Fertilidade, Semente e Adubação de Manutenção, é viável alcançar uma produção de 3 mil quilos por hectare. Agrônomos da COTRIJUI, mercê de um acompanhamento já feito na safra anterior junto a lavouras demonstrativas, asseguram poder se alcançar índices de produtividade superior a 100 sacos de milho por hectare. Na safra de milho 75/76, dentre outros, foram anotados os seguintes índices de produção, entre associados da cooperativa em Tenente Portela: Hélio Fauro, 115 sacos por hectare; Afonso Ritter, 97 scs/ha; Clarimundo Becker, 88 scs/ha e ou-

tros, com índices inferiores. Invariavelmente, todos eles, depois de dobrado o milho, ainda plantaram uma carreira de soja intercalada.

Um aspecto a considerar, e para o qual o Departamento Técnico da COTRIJUI tem chamado a atenção dos associados, é que no geral os agricultores só corrigem o solo para plantio de soja. Além disso, a adubação específica para o milho, pelo que se constata, é fraca, pois a maioria aplica um saco de adubo por um de semente, ou seja, em cada três hectares de planta, apenas um saco de adubo. É óbvio que tal lavoura, pelo seu baixo rendimento, ainda que de custos reduzidos, não poderá apresentar produtividade que compense. Há que se considerar igualmente, junto a correção do solo e uma boa adubação, o emprego de semente adequada, o espaçamento e a época para o plantio. O quadro demonstrativo a seguir é fruto de um trabalho desenvolvido pelo engenheiro agrônomo Ênio Siqueira, do Departamento Técnico da COTRIJUI em Tenente Portela, e faz parte do programa que a cooperativa desenvolve junto aos associados, de conscientização para o investimento válido que se constitui hoje plantar milho.

ço mínimo, quer a COTRIJUI incentivar seus associados ao

plantio de milho, de forma a baixar os custos da lavoura e fazer

crescer os índices de produtividade.



O minifúndio em Tenente Portela, aliado a irregularidade da topografia, impõe uma agricultura a base da tração animal.

Associados que farão lavoura experimental de milho-safra 76/77.

NOME	LOCALIDADE	ÁREA
Dorvalino Tolotti	Derrubadas	10,0 ha
Natanael Rigo	Derrubadas	0,5 ha
Luiz Rafaelli	São Pedro	3,5 ha
Afonso Pinno	Tronqueiras	3,0 ha
Aldomar Lüdke	São Pedro	1,0 ha
Nelson Coldbella	Esquina Pedreira	1,0 ha

Em todas essas lavouras experimentais, a equipe do Departamento Técnico da COTRIJUI fará levantamentos de custos, épocas de plantio, colheita, ataque de pragas, além de um levantamento fotográfico para posterior divulgação do trabalho junto aos demais associados da cooperativa, para efeitos de comparação. As médias alcançadas nas lavouras demonstrativas a partir desse acompanhamento minucioso, poderão ser confrontadas com os índices de produtividade das lavouras tradicionais. Será possível observar também detalhes sobre o sistema de colheita, se mecanizada ou manual, isto dependendo da topo-

grafia do terreno. A propósito, um associado da COTRIJUI também de Tenente Portela se dispôs a fazer uma lavoura experimental de milho em sua propriedade, de terreno fortemente ondulado e solo pedregoso. Como tais particularidades são comuns em tantas outras lavouras do município, também nesse caso o departamento técnico da COTRIJUI acompanhará os tratamentos culturais e colheita, sempre de forma manual, para posterior aconselhamento aos demais associados.

Portanto, desde o fornecimento da semente até os tratamentos culturais e a posterior comercialização pela política do prê-

Eis a marca da Herbitécnica: duas mãos defendendo uma planta em perfeito equilíbrio. Na realidade, a Herbitécnica é isso: agrônomos sempre à disposição da lavoura, com herbicidas, fungicidas e inseticidas para dar a mão quando a planta precisa. Mas com equilíbrio, para não prejudicar a planta, a ecologia e o bolso de quem planta.



PORTO ALEGRE - LONDRINA - MARINGÁ - CASCAVEL - BAURU - RIBEIRÃO PRETO - DOURADOS

PROTEÇÃO NA DOSE CERTA

BNCC QUER COOPERATIVISMO PUJANTE E IRREVERSIVEL

Dirigindo-se a empresários e líderes cooperativistas do Rio Grande do Norte, em Natal, o presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo conclamou as lideranças rurais a se engajarem com decisão no movimento cooperativista e, "sem amorismo ou paternalismo torná-lo pujante e irreversível". Marcos Duarte disse que o BNCC está aproveitando a opção dada pelo seu fortalecimento, procurando "através de um trabalho intenso e participativo atingir seu objetivo

principal, qual seja o de fomentar o cooperativismo sob todas as formas". Afirmou que no primeiro semestre deste ano o montante de aplicações do BNCC foi superior a Cr\$ 2 milhões, obtendo o banco em 1975 o primeiro lugar em crescimento no país.

PARTICIPAÇÃO

O momento histórico vivido pelo cooperativismo, na opinião de Marcos Duarte, exige uma maior concentração de esforços com vistas à consolidação do mo-

vimento. Assim, segundo ele, o Ministério da Agricultura coordena a ação integrada do INCRA, EMBRATER, BNCC e Organização das Cooperativas Brasileiras para execução de três importantes programas: diagnóstico sócio-econômico das cooperativas; intercâmbio de cooperativas e o Pronacoop - Programa Nacional de Cooperativismo, recentemente lançado pelo ministro Alysson Paulinelli. O "diagnóstico", quando conhecidas as primeiras informações no mês de outu-

bro, permitirá um melhor direcionamento da política governamental para o setor; o "intercâmbio" visa a diversificação de atividades das cooperativas; enquanto o Pronacoop, com Cr\$ 606 milhões para o quadriênio 76/79, abrange 35 grandes metas em relação a pesquisas, educação, organização, administração, comercialização e integração cooperativistas.

Segundo o presidente do BNCC, "não há mais lugar para amorismo ou paternalismo" e as coopera-

tivas devem ser administradas em bases empresariais, com as decisões apoiadas pelos cooperativados. Por último, destacando a importância do cooperativismo na economia nacional, Marcos Duarte citou os seguintes dados da produção cooperativa no país: soja - 76 por cento; trigo - 85 por cento; lã - 90 por cento; carne - 51 por cento no Rio Grande do Sul e leite - 52 por cento, sendo que 72 por cento da distribuição desse produto é feita através das cooperativas.

PALÁCIO DO COOPERATIVISMO

A construção de um edifício onde se reunissem todas as federações cooperativistas, BNCC, OCERGS, e que pudessem dispor de salas para reuniões, restaurante e estacionamento, foi a proposição apresentada pelo vice-presidente da OCERGS, sr. Seno Dreyer, na última reunião da OCERGS - Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul - do dia 10 de agosto, em Porto Alegre e da qual participaram representantes da FECOLAN, FEARROZ, COTRIJUI, CCGL, BNCC, COTRISA, COOJORNAL e FECOVINHO.

A proposição foi muito bem aceita pelos dirigentes que participavam da referida reunião. Para o

vice-presidente da OCERGS, sr. Seno Dreyer, a construção deste edifício resultará numa maior integração das cooperativas e do próprio sistema cooperativista, em todo o Estado.

INSTALADA NO RGS COMISSÃO ESTADUAL DO COOPERATIVISMO

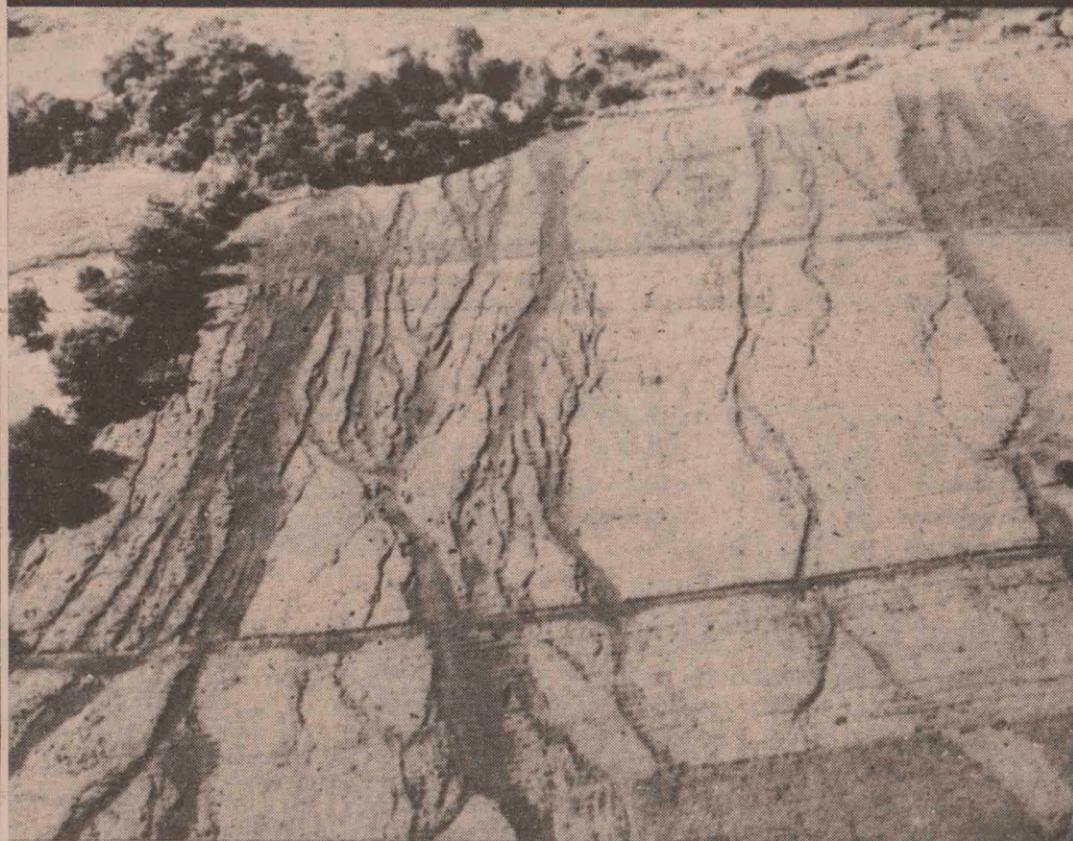
Foi instalada no dia 10 último na sede da OCERGS, a comissão estadual do 1º PRONACOOP - Programa Nacional de Cooperativismo. Nessa ocasião estiveram presentes, representantes da OCB, BNCC, EMBRATER, INCRA, ASCAR, Secretaria da Agricultura, IRGA, OCERGS, além de diversos dirigentes de cooperativas gaúchas.

FORRAGEIRAS DE VERÃO

Sementes de Forrageiras de Estação Quente a Disposição do Nosso Quadro Social.

ESPÉCIE DE FORRAGEIRA	ÉPOCA DE SEMEADURA	DENSIDADE Kg/ha
Pasto Italiano	set - jan	15 - 20
Sorgo p/Silagem NK - 326	set - jan	10
Feijão Miúdo	set - jan	30
Panicum Gatton	set - out	6
Setária Kasungula	set - out	6
Rhodes Callid	set - out	10
Desmódio intortun	set - out	2
Siratro	set - out	3
Alfafa Crioula	abr - set	15
Pensacola	jun - out	20

CONTINUE ARANDO E GRADEANDO SUA TERRA ANTES DE PLANTAR SOJA E TRIGO, CONTINUE. DEPOIS, NÃO VENHA RECLAMAR DA EROSÃO.



PLANTIO DIRETO COM GRAMOXONE É A SOLUÇÃO.

Continue tendo que replantar sua cultura. Continue desperdiçando semente, fertilizante, adubo, tempo e mão-de-obra. Continue usando plantio convencional. O dia que você estiver cansado de ver seu lucro indo por água abaixo, comece a usar Plantio Direto com Gramoxone.

Plantio Direto com Gramoxone é a solução. Mais do que isso: permite plantio de mais hectares na época certa, economizando tempo, combustível e mão-de-obra. A plantação germina melhor e se desenvolve com mais vigor porque Plantio Direto com Gramoxone favorece a conservação da umidade e a fertilidade natural do solo.

É só querer. Nada mais. O resto deixe por conta dos agrônomos da Imperial. Eles estão à sua disposição para prestar a mais perfeita assistência técnica já oferecida em prol da sua terra e do seu bolso. Chame-os.



CIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL

Rua Conselheiro Crispiniano, 72-7.º andar - Tel.: 239-1111
Caixa Postal, 30377 - 01000 - São Paulo - SP.

CENTROS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO SOBRE PLANTIO DIRETO:

Rolândia, PR - Fazenda Vesperoda, C.P. 408.
Passo Fundo, RS - Av. Gal. Neto, 407, 2.º, s/212, C.P. 206.

MANTENHA O ALFAFAL PRODUTIVO

Eng. Agr. Renato Borges de Medeiros

Em solo profundo, bem drenado e convenientemente adubado é possível estabelecer um bom alfafal. Entretanto, para mantê-lo com altos níveis de produção é necessário realizar adubações anuais equilibradas e um correto manejo de cortes.

A alfafa, assim como as demais plantas, à medida que vai

produzindo vai determinando uma contínua redução na disponibilidade dos elementos fertilizantes do solo. Conforme resultados obtidos em Madison, para produzir 12,35 t/ha de feno, a cada ano são removidas as quantidades nutrientes expressas na tabela abaixo.

Quantidade de Nutrientes Removidos por 12,5 t de feno de alfafa por ano (1)

Elementos	N	P	K	Ca	Mg	S
Removidos Kg/ha	280,2	28,2	280,2	196,2	32,2	28,0

Como se observa, o nitrogênio (N) e o potássio (K) são os elementos utilizados em maiores quantidades. Em termos de adubos as quantidades de nitrogênio (280,2 Kg/ha) e potássio (280,2 Kg/ha) removidos, correspondem a uma reaplicação de 626,69 Kg/ha e 470,01 Kg/ha de Uréia e Cloreto de Potássio, respectivamente.

Com relação as adubações potássicas, possivelmente as pesadas aplicações de Cloreto de Potássio (KCl) tem sido responsáveis por efeitos tóxicos da alta concentração de cloro (Cl) que permanece no solo (2). Por isto é recomendável realizar parte das adubações potássicas com sulfato de Potássio (K₂SO₄).

No caso do nitrogênio, se o alfafal for eficientemente modulado com bactérias fixadoras de nitrogênio (Rhizobium), as necessidades das plantas em nitrogênio poderão ser atendidas, dispensando as adubações nitrogenadas. Entretanto, em nossas condições, não se tem conseguido nodulações eficientes, principalmente em alfafa crioula. Este problema tem sido evidente, principalmente pela alta resposta que se obtém no aumento de rendimento de feno em áreas que recebem adubações nitrogenadas com sulfato de amônia na razão de 30 Kg/ha. Em trabalho realizado com alfafa na Estação Experimental de São Gabriel, para produzir 9,16 t/ha de matéria seca, de setembro e março de 1969 (seis cortes) foram removidos do solo 24,7 Kg/ha de fósforo e 174 Kg/ha de potássio (3). Estes dados confirmam, em parte, os dados apresentados na tabela anterior. Estas informações, no caso de alfafa utilizada para feno, são extremamente importantes, pois geralmente toda a parte aérea das plantas são removidas pelos cortes, não retornando nenhum resíduo para o solo.

pós os cortes, além da energia consumida para os seus processos vegetativos normais, as reservas de açúcares das raízes também são utilizadas pela planta para realizar o rebrote.

Quando o novo crescimento inicia na primavera (em algumas regiões quentes do Estado áreas de alfafa Crioula bem adubadas têm produzido a ano todo) ou depois que as plantas tenham sido cortadas, as reservas são utilizadas até que as plantas alcancem o crescimento máximo (estádio suculento). Após alcançar este estágio são formadas quantidades suficientes de açúcares pela fotossíntese, de tal sorte, que as reservas das raízes comecem a ser reestabelecidas. O máximo de reserva de açúcares disponíveis nas raízes é alcançado quando as plantas atingem o estágio de completa floração. E coincidentemente, quando a alfafa é cortada neste estágio (completa floração) com as raízes apresentando um alto nível de reservas, ela consegue realizar o rebrote mais rápido. Neste caso a produtividade e a persistência das plantas são mais facilmente mantidas.

Embora as plantas sejam beneficiadas pelo corte em plena floração, o feno que é produzido apresenta qualidade inferior em relação ao feno que é produzido quando o corte é realizado em estágio anterior à completa floração.

A pesquisa tem demonstrado que é possível realizar o corte com as plantas a 1/10 de floração sem prejudicar a persis-

tência e a produtividade da alfafa (ver gráfico). Embora as raízes não apresentem o nível mais alto de reservas, elas são suficientes a ponto de não debilitar as plantas. E neste estágio é possível colher além de uma alta quantidade de energia, também altas quantidades de proteína e minerais.

Embora a alfafa dependa basicamente das reservas de glúcidos acumulados em suas raízes, ela poderá realizar um rebrote mais rápido e vigoroso se após o corte permanecer uma certa área foliar. Trabalhos realizados pelo Setor de Plantas Forrageiras da Faculdade de Agronomia da UFRGS, tem demonstrado que a permanência de uma resteva superior a 8 cm favorece substancialmente a velocidade do rebrote. Neste caso, com a permanência de uma área ver-

de (tecido efetivo), menores quantidades de reservas são mobilizadas para a realização do rebrote. Além disto, realizando o corte a 8 cm do nível do solo as gemas responsáveis pelos sucessivos rebrotes são pouco ou quase nada danificadas.

Bibliografia:

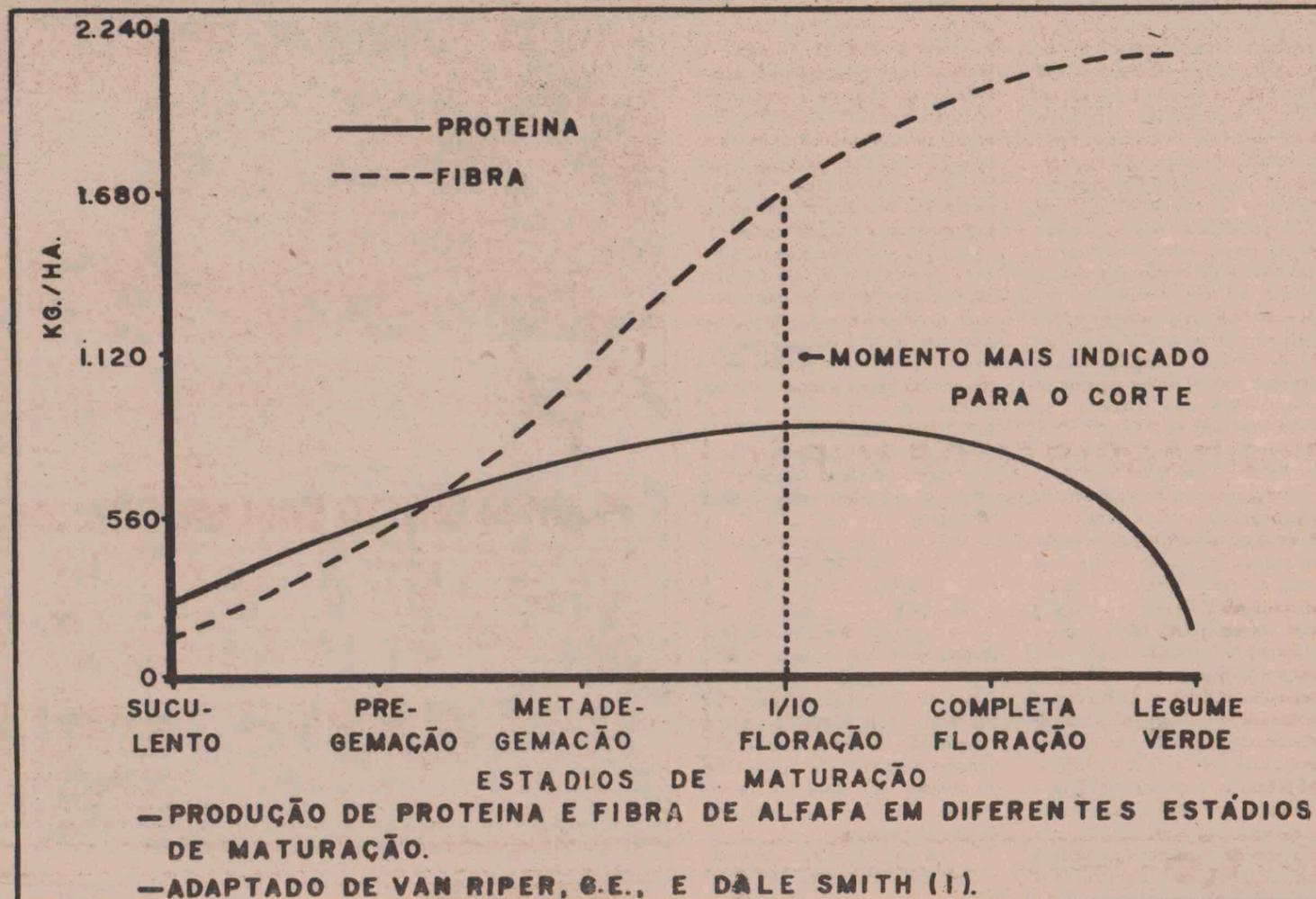
(1) Murphy, W.M. & Johnson, M. J. The establishment and management of Alfafa in Central Oregon. Agricultural Experimental Station, Oregon State University Corvallis. Special Report - 456, mar. 1976.

(2) Boletim Informativo. Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório. Secretaria da Agricultura (1), mar. 1976.

(3) Smith, D. Experiments with the potassium fertilization of Alfafa for maximum production. Revista da Soc. Bras. de Zootecnia. Vol. I, nº 2, 1974.



Aspecto de alfafal que vem recebendo adubação equilibrada e correto manejo de cortes (adubação anual 1/ha, 500 Kg de cloreto de potássio, 300 Kg de sulfeto de amônia, 150 Kg superfosfato simples e 40 Kg de borax).



REGIÃO NO PLANO DE CONSERVAÇÃO DO SOLO

O Programa Nacional de Conservação de Solos, que abrangerá 118 municípios em 8 Estados, numa área total de 4,6 milhões de hectares, foi lançado no dia 3, pelo ministro Alysson Paulinelli, durante visita que fez ao município paranaense de Campo Mourão. A execução do Programa está prevista para um período de três anos, com recursos de Cr\$ 92,6 milhões, sem contar as linhas de crédito normais. Criado desde outubro de 1975, o Programa Nacional de Conservação de Solos atenderá aos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Amazonas. A estratégia de atuação do PNCS orientar-se-á de uma parte pela recuperação gradativa de áreas que apresentam alta ocorrência de erosão e, de outra, evitando a repetição predatória de agricultura naquelas áreas a serem incorporadas às fronteiras de expansão agrícola. O Programa deverá atuar durante os exercícios de 76 a 78, com os objetivos de disciplinar a ocupação e uso dos solos, visando a conservação e restauração dos recursos naturais, aumentar o potencial de produtividade, elevar a renda do setor agropecuário e o nível de renda no meio rural, através da racionalização do uso dos fatores de produção. Para tanto, o PNCS baseou-se nos seguintes critérios: importância da produção agrícola Estadual na economia nacional; grau de aproveitamento do solo agricultável, a nível Estadual; e intensidade do uso do solo agrícola.

RECURSOS

Os recursos para o Programa Nacional de Conservação de Solos serão distribuídos entre as seguintes áreas: pesquisa (a cargo da EMBRAPA), assistência técnica (compreendendo educação e conscientização por meio de campanhas a nível nacional), instalação e manutenção de escritórios e treinamento com reciclagem de pessoal (a cargo da EMBRATER), e, ainda, concessão de crédito a juros normais, com prazos de até 10 anos e até quatro de carência, com juros capitalizados durante a carência. A Lei prevê que quaisquer pedidos de financiamentos de lavouras ou pecuária, destinados à aplicação em propriedades localizadas em áreas onde a elaboração de planos de proteção ao solo é obrigatório, somente poderão ser concedidos por estabelecimentos de crédito, oficiais ou não, se estiverem acompanhados dos referidos planos e/ou certificados comprobatórios dessa execução. Segundo a Lei, em seu artigo 4º, o certificado comprobatório da execução dos trabalhos será passado por engenheiro-agrônomo do Ministério da Agricultura, ou de outro órgão federal, estadual ou municipal, de iniciativa privada, através de competência outorgada pelo referido Ministério. Tal certificado, segundo o parágrafo único, deverá conter especificações do sistema de proteção ao solo e de combate à erosão, empregado pelo interessado. Caberá ao Departamento Nacional de Engenharia Rural do MA, através de sua Divisão de Conservação do Solo e da Água (DICO-SA) promover, supervisionar e orientar a política nacional de conservação do solo. A Lei prevê ainda que o Ministério da Agricultura enviará ao Banco Central, para distribuição à

rede bancária nacional, instruções sobre as medidas exigidas nas áreas específicas, através das carteiras de crédito rural, aos agricultores que delas se utilizem.

DISTRIBUIÇÃO

O Programa, numa primeira etapa, abrangerá apenas os municípios incluídos no esquema de regionalização previsto, sem prejuízo da inclusão de outros nos termos em que especifica a Lei. Os trabalhos ficarão, em todo o País, sob direta supervisão do Ministério da Agricultura e sob orientação da Embrater e rede de Empresas Estaduais associadas. Para a execução do Programa nos Estados serão mobilizados todos os recursos disponíveis, prevendo-se a colaboração dos estabelecimentos creditícios, de cooperativas, sindicatos, e diversos serviços técnicos, devendo contar-se com o concurso de profissionais liberais (engenheiros-agrônomos). Pela Lei nº 6.225 os proprietários de terras localizadas na área regionalizada, que as explorem diretamente, terão o prazo de seis meses para dar início aos trabalhos de proteção ao solo e de combate à erosão, e de dois anos para concluí-las, contados da data em que a medida for tornada obrigatória. Quando se tratar de arrendatário, o prazo de conclusão dos trabalhos será de um ano, mantidas as demais condições.

Em sua primeira fase, o Programa abrangerá uma área de 632 mil hectares e contará com recursos de Cr\$ 11,7 milhões, dos quais Cr\$ 3 milhões serão destinados à pesquisa e os restantes Cr\$ 8,7 milhões para assistência técnica. A distribuição de áreas incluídas no Programa é a seguinte: Rio Grande do Sul - 950.052 hectares; Santa Catarina - 494.330 hectares; Paraná - 857.164 hectares; Minas Gerais - 701.229 hectares; Rio de Janeiro - 161.153 hectares; Espírito Santo - 110.652 hectares; e Amazonas - 187.427 hectares. Na primeira fase, o Amazonas não será incluído só iniciando a implantação do Programa em 1977. Serão abrangidos 42 municípios do Rio Grande do Sul, 22 em Santa Catarina, 15 no Paraná, 17 em São Paulo, 10 em Minas Gerais, 4 no Rio de Janeiro, 6 no Espírito Santo e 2 no Amazonas.

É de se lembrar que em países como os Estados Unidos, a recuperação dos solos vem sendo realizada há mais de 40 anos, e no Brasil, cuja economia ainda é basicamente agrícola, somente no ano passado procurou-se oficializar a preocupação nesse sentido, com a aprovação da Lei nº 6.225, que determina a discriminação pelo Ministério da Agricultura, de regras para a execução obrigatória de planos de proteção ao solo e combate à erosão.

MUNICÍPIOS PRIORITÁRIOS NO RS

De acordo com a nota divulgada pela Secretaria da Agricultura do Estado, seis municípios gaúchos figuram como áreas prioritárias para a implantação do Programa Nacional de Conservação do Solo, lançado pelo ministro Alysson Paulinelli, em Campo Mourão, no Paraná no ato que também contou com a presença de Getúlio Marcantônio.

Os seis municípios escolhidos - Carazinho, Cruz Alta, Ijuí, Santo

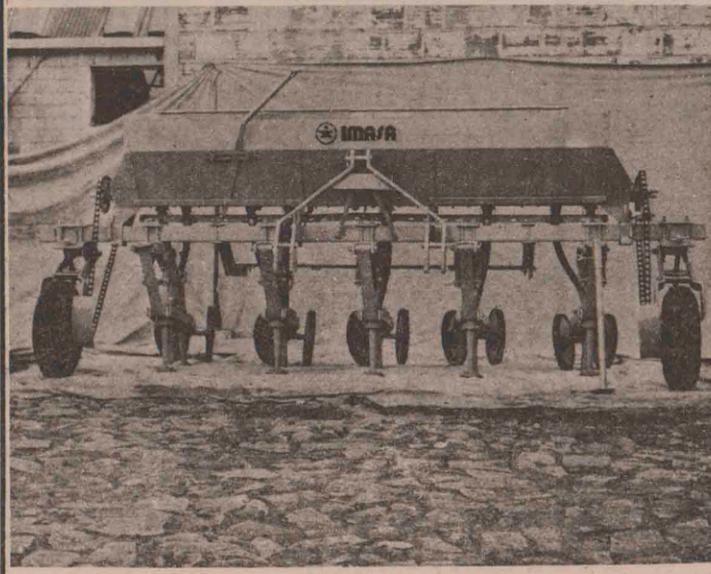
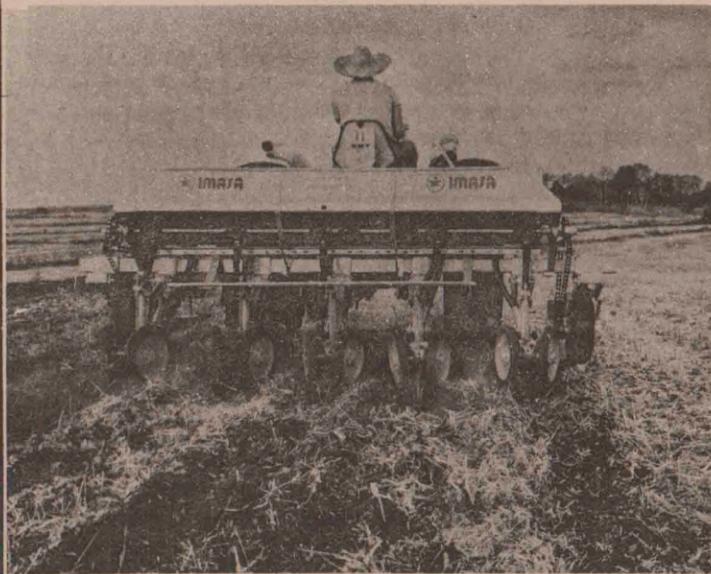
Ângelo, São Borja e Ibirubá - foram selecionados com base em trabalho realizado pela Unidade de Extensão e Promoção de Recursos Naturais Renováveis, da Secretaria de Agricultura. Nesse trabalho, realizado no ano passado pela Secretaria da Agricultura, foram escolhidos como primeira área prioritária vários municípios da grande região tritícola do Estado, onde o solo é usado intensamente com a sucessão trigo-soja. Na área onde se encontram os seis municípios estão concentrados 85 por cento da área plantada com trigo no Estado. No estudo foram considerados vários fatores, entre os quais, o tipo de solo e sua suscetibilidade à erosão e a própria ocorrência de erosão. Foram levantadas as condições topográficas representadas pelas formas de relevo, classes de declives e continuidade das glebas e uso atual do solo, especialmente quanto a sucessão do plantio trigo-soja. A capacidade do uso da terra, conforme classes, indicando a possibilidade de expansão de área com agricultura anual, o incremento da agricultura pelo acréscimo de novas áreas e a concentração das lavouras, foram outros fatores considera-

dos no estudo. Com a implantação do Programa de Conservação do Solo, pelo Ministério da Agricultura, os seis primeiros municípios indicados pela Secretaria da Agricultura serão beneficiados, iniciando-se a recuperação das terras atualmente inaproveitadas. Especialmente convidado pelo ministro da Agricultura, o secretário Getúlio Marcantônio que, em maio de 1975, levantou o problema em

reunião em Brasília, esteve presente ao lançamento do PNCS. Preocupado com esse grave problema, o secretário Getúlio Marcantônio já determinou o início do combate à erosão este ano no município de São Francisco de Assis. Com os recursos do programa federal, outras áreas poderão ser atendidas, iniciando-se um combate afetivo à erosão que atinge extensas áreas agrícolas e pecuárias do Estado.



PLANTIO DIRETO IMASA



— Em novembro de 1972, por ocasião do 1º ENCONTRO INTERESTADUAL DE PRÁTICAS MECANIZADAS para conservação do solo, promoção: IMASA E COTRIJUI, nasceu a idéia do plantio direto no Rio Grande do Sul, como medida fundamental para conservação do nosso solo. VALEU A PENA ESPERAR. Está no mercado a MÁQUINA IMASA DE PLANTIO. E ELA custa muito menos do que você imagina. Evite o empobrecimento de sua terra utilizando a MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO.

MAIS UM SUPERMERCADO NA COTRIJUI

Dentro de um programa que visa dotar os municípios da área de ação da COTRIJUI, e algumas localidades-chaves, de supermercados, entrou em funcionamento dia 23 de agosto último o mais novo auto-serviço da cooperativa em Coronel Bicaco. Os associados, que já dispunham no local de uma unidade de abastecimento contam agora com instalações amplas e maior sortimento de mercadorias. No dia da entrada em funcionamento, estiveram no mais novo supermercado COTRIJUI, o diretor-vice presidente Arnaldo Oscar Drews, Alceu Carlos Hickembick, Dr. Nedy Borges e Leo Miron, respectivamente diretor-comercial, diretor-técnico e diretor de patrimônio da cooperativa. Percorreram as instalações juntamente com o gerente local da COTRIJUI, José Dornelles de Carvalho.

Nas fotos ao lado diretores da cooperativa com funcionários e associados e uma vista parcial do interior da nova unidade de auto-serviço.



AGRÔNOMOS PERNAMBUCANOS APLAUDEM A COTRIJUI

A Associação dos Engenheiros-Agrônomos de Pernambuco se congratulou com a COTRIJUI e em especial seu diretor-presidente, engenheiro-agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva, pela administração dinâmica que realiza, de "repercussão nacional e internacional".

A correspondência da AEAP, assinada por seu presidente, eng. agr. Antonio Jovino da Fonseca, com data de 29 de julho, tem a seguinte redação:

Recife, 29-7-1976. Senhor presidente. A Associação dos Engenheiros Agrônomos de Pernambuco se congratula com V.S. pela eficiente e dinâmica administração na presidência da COTRIJUI, hoje de repercussão nacional e internacional.

Nossas congratulações se revestem de maior significação,

considerando serem dirigidas a um colega de profissão, que desassombadamente, juntamente com seus companheiros de diretoria, vem expandindo expressivamente as atividades da COTRIJUI até aos confins do Oriente Médio.

Fazemos votos de que continue brilhantemente nessa trilha de progresso, possibilitando, pelo exemplo, incutir nas atividades agro-pecuárias de todo o país a salutar e imprescindível semente do cooperativismo, atividade incontestavelmente privada privada e beneficentemente distribuíva, sem se constituir monopólio ou motivo de odiosidade.

Sem outro assunto para o momento, aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de elevada estima e consideração. Atenciosamente, eng. agr. Antonio Jovino da Fonseca, presidente.

NOVA DIRETORIA DA FECOAGRO

A Federação das Cooperativas do Estado de Santa Catarina - FECOAGRO - sediada em Florianópolis, tem nova diretoria desde o dia 2 de agosto que passou. Segundo ofício nº 36, enviado à redação do COTRIJORNAL, é a seguinte a nominata de dirigentes da FECOAGRO.

Diretor-presidente, Aury Luiz Bodanese; diretor-técnico, João Francisco de Mattos; diretor-comercial, economista Moisés Pollak; diretor-administrativo, Ivan Ramos; assessor administrativo, Clebi Renato Dias e secretário, Lêda Maria Rosa.

TESTEMUNHO DE PRODUTIVIDADE

HIPERGRAN

Lavoura de SOJA
do Sr. BENTO COSTA
130 ha - Catuípe (RS)
Variedade: Hardee

Adubação: 150 kg/ha de HIPERGRAN 3-23-15*
Produção: 2.520 kg/ha (42 sacos/ha)

* HIPERGRAN 3-23-15 corresponde ao produto
HIPERGRAN nº 33015 Reg. Min. da Agric.: RS 0127
e PR 0562

Garantias: N - 3%; P₂O₅ sol. ác. cítrico 2% - 1:100 - 23%;
K₂O sol. - 15%; P₂O₅ sol. água - 15%



companhia riograndense de adubos

Porto Alegre/Rio Grande/Passo Fundo/Curitiba/Paranaguá



EM BUSCA DE UM PROCESSO RACIONAL DE PRODUÇÃO

A agricultura, hoje, diante das condições criadas pelo mercado, sente sempre mais a necessidade de adaptar-se a um esquema empresarial capaz de competir e fazer frente às exigências de uma maior eficiência e competência na produção. Necessita a empresa agrícola estruturar-se e aparelhar-se dentro das exigências da economia de escala, da economia de mercado. Não é possível fazer frente aos novos fatores deste mercado de competência com uma produção de economia familiar, produzindo para a subsistência, com critérios de índole afetiva ou tradicional comandando o processo deve imperar o critério de racionalidade dentro das organizações empresariais agrícolas de hoje.

O excedente econômico produzido numa empresa agrícola racional, permitindo uma acumulação de capital e consequente aumento da capacidade de produzir, deve-se dar muito mais como fruto da capacidade operacional do que pela habilidade comercial.

Num primeiro estágio, diria eu, pelo menos a nível local e regional, a atenção em nossa produção agrícola volta-se bem mais para o processo de comercialização do que propriamente para o processo de obtenção da produção. A produção, seu volume e expansão, era diretamente determinada pelo aumento da área plantada.

Na chamada antiga "zona da mata" de nosso Estado, ocupada em grande parte pelo colono minifundiário, este estágio coincide com uma aglomeração de áreas divididas, cuja função era garantir a ocupação e subsistência do agente multipli-

Walter Frantz

cadador de mão-de-obra, permitindo, assim, a acumulação de um capital fundamental representado pelo fator terra.

Como dizia, a obtenção de lucro, determinado mais pela habilidade comercial, torna-se maior na proporção que houver maior volume e expansão da produção. Embora não fosse totalmente estranho neste estágio, pouco cuidado se dava à racionalidade operacional da empresa agrícola. Pelo menos pela minha vivência do dia-a-dia e observação empírica, não parece se revelar este dado como o núcleo central da preocupação do empresário.

Foi preciso mergulhar mais profundamente num mercado de competência e haver um desenvolvimento maior para que o agricultor o empresário agrícola, passasse a considerar seriamente a ordem dos novos fatores. Sob o ponto de vista da produção havia eficiência, mas não a competência necessária para a nova realidade.

Assim, num segundo estágio, o lucro passou a ser determinado muito mais pela habilidade operacional, pelo refinamento do aumento da produtividade, pelos métodos mais competentes, baixando os custos da produção. Entre o lucro e a tecnologia empregada se estabeleceu uma estreita relação vinculada a uma série de outros elementos. Todos sabemos que o âmbito deste processo racional não coincide com o âmbito das técnicas agronômicas. Daí a necessidade, hoje, de sistematizar-se a busca dos demais conhecimentos e instrumentos que permitam uma programação, execução e avaliação da produção agrícola de forma racional e eficaz.

CUSTO DE LAVOURAS DE TRIGO E SOJA

Está sendo desenvolvido no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, a partir deste ano, um estudo econômico de planejamento e custos das lavouras de trigo e soja. Para isto serão feitos levantamentos socio-econômicos das lavouras do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, através de questionários, que serão respondidos pelos agricultores. As informações que serão obtidas possibilitarão que se alcance um diagnóstico correto dos tipos de propriedades agrícolas da região, visando a solução de seus problemas, por intermédio de estudos dos atuais sistemas de produção e apontando-se os custos para cada tipo de propriedade.

Este trabalho de pesquisa de propriedades agrícolas, coor-

denado pela EMBRAPA, através do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, recebe apoio da FAO. Recentemente, foram mantidos contatos em Buenos Aires pelo Dr. Roque Tomasini, do CNP-TRIGO, e Dr. Miguel Peretti, da FAO, com o Dr. Juan Nocetti, chefe do Departamento de Desenvolvimento Agropecuário do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária da Argentina - INTA, no sentido de que possa o Dr. Nocetti vir prestar assessoramento aos economistas agrícolas do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. O Dr. Juan Nocetti tem grande experiência profissional em planejamento de propriedades agrícolas na Argentina e sua vinda ao Brasil é esperada para este mês de setembro.

MINAS GERAIS SEDIARÁ I CONGRESSO ESTADUAL DE COOPERATIVISMO

O diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, será um dos palestrantes do I Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas Gerais, a realizar-se entre 27 e 30 de outubro vindouro, na cidade hidromineral de Poços de Caldas.

A programação do conclave, que é promovido pela Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais - OCEMG, tem a seguinte programação:

"O programa cooperativista no Estado de Minas Gerais", proferida pelo sr. Agripino A. Viana, Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais; "O crédito rural e as cooperativas", pelo sr. Antônio Ferreira Ávila da Silva, diretor do Banco do Brasil S/A; "O desenvolvimento das Cooperativas de grãos no Rio Grande do Sul", pelo eng. agr.

Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da Cooperativa Triticola Serrana de Ijuí (RS); "A formação de técnicos em cooperativismo no Rio Grande do Sul", pelo professor Mário Osório Marques, da FIDENE - Fundação Integrada do Desenvolvimento de Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; "A necessidade e as vantagens das Cooperativas de Produtores de Leite", pelo sr. Willem de Geus, da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná; "O desenvolvimento das Cooperativas de eletrificação rural nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul", pelos senhores Dagoberto de Oliveira (SP), Seno Dreyer (RS) e Delson Nascimento (MG); "A diversificação de atividades nas cooperativas paulistas", pelo sr. Antonio Carlos de Arruda Camargo, da Cooperativa Central

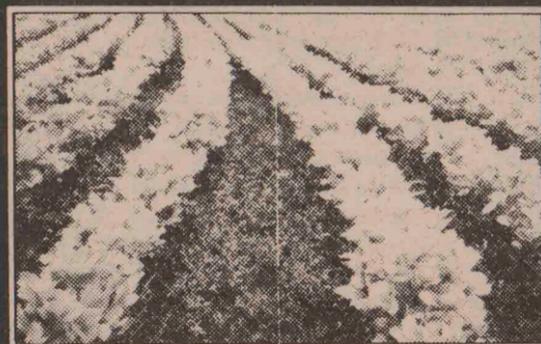
Agrícola de Campinas (SP); "As atividades e o crescimento das Cooperativas de carne do Rio Grande do Sul", pelo sr. Teruliano Boffil, da Federação das Cooperativas de Carne do Rio Grande do Sul - FECOCARNE; "As diversas atividades da Cooperativa Agropecuária de Languiru, do Rio Grande do Sul" pelo sr. Elton Klepker, presidente da mesma.

Paralelamente a estas conferências do mais alto interesse para a dinamização do cooperativismo, não só mineiro como nacional, será realizada uma exposição de produtos cooperativos.

A abertura do Congresso contará com a presença do Ministro Alysson Paulinelli, que se pronunciará sobre o Plano Nacional de Cooperativismo.

Basagran®

Nunca houve um herbicida para soja igual a este.



Basagran é o último estágio de evolução tecnológica na cultura da soja. 10 anos de experiências em laboratórios e campos de pesquisas permitiram a criação do herbicida definitivo para a soja.

Basagran, o único herbicida post-emergência para soja. Isso quer dizer segurança.

Você aplica apenas onde aparecem as invasoras de folhas largas. Não precisa aplicar em toda a lavoura.

Basagran não depende do tipo de solo, nem da ativação pela água da chuva. Basagran é único.

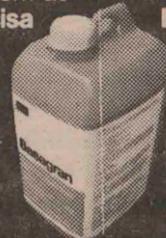
Basagran é a solução definitiva contra o Picão Preto, Guanxuma, Nabo, Corriola, Chifre de Veado,

Erva de Bicho, Picão Branco, Quinquilho e a Trapoeraba. E contra muitas outras mais.

Consulte sua cooperativa, seu agrônomo ou diretamente o corpo técnico da Basf sobre a utilização e aplicação correta de Basagran.

Basagran é econômico. Você resolve o problema e ganha muito mais na colheita final da soja.

Basagran - nunca houve um herbicida para soja igual a este.



BASF

INOCULAÇÃO EM SEMENTE DE SOJA

As leguminosas em geral e mais especialmente a soja, possuem a condição de conviver em mútua cooperação (simbiose) com certas bactérias, rhizobios, que formam estruturas conhecidas como nódulos em suas raízes. No caso da soja, estes nódulos são relativamente grandes e redondos. A inoculação é a prática de se agregar as bactérias específicas às sementes. Como resultados desta mútua coope-

ração natural, as bactérias convertem o nitrogênio atmosférico em formas assimiláveis pela planta. Ao mesmo tempo, a planta proporciona alimento e um meio adequado para o desenvolvimento dos rhizobios. Para que o agricultor consiga a inoculação das sementes uma boa modulação nas raízes é preciso atentar para as dosagens de inoculante, maneiras corretas de realizar esta prática e nunca es-

quecer os rhizobios exigem solos corrigidos para um bom desenvolvimento.

Pela fixação através dos nódulos, pode se alcançar níveis de nitrogênio economicamente importantes e que muitas vezes ultrapassam a quantidade de 70 kg/ha.

Um método clássico de se fazer a inoculação é derramar a semente sobre um piso de cimento, sobre uma

lona ou dentro de uma caixa de madeira e umedecer a semente com um pouco d'água com açúcar para uma melhor aderência do pó. A dosagem de inoculante neste caso é um pacote de 200 gr. para cada saco de semente. É importante ter o cuidado de realizar este trabalho à sombra, e ao fazer a mistura não provocar danos mecânicos à semente. Uma outra maneira também já empre-

gada nas médias e grandes lavouras é fazer a inoculação diretamente na sementeira, para uma melhor aderência do inoculante à semente. Também se recomenda umedecer a semente antes da mistura com uma calda d'água e açúcar. A dosagem neste caso é de dois pacotes de 200 gr para cada saco de semente, cuidando sempre para não deixar os saquinhos de inoculantes na lavoura, exposto ao sol.

GRUPO DE TRABALHO FOMENTA CRIAÇÃO SUINA

Por ato do Governador do Estado, foi criado em janeiro do corrente ano, um Grupo de Trabalho com a finalidade de elaborar plano de ação com vistas a aconselhar condições para o fomento de criação de porco tipo carne, no Estado, visando à exportação do produto.

O Grupo de Trabalho foi criado na Secretaria da Agricultura, integrado por Sérgio Müller, zootecnista da Secretaria; Hélio Miguel de Rose, zootecnista da Associação Brasileira de Criadores de Suínos; Gelindo Zulmiro Ferre, representante da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do

Rio Grande do Sul — FE-TAG; Pedro Carpenedo, representante do Sindicato da Indústria de Produtos Suínos no Rio Grande do Sul; Kurt Wehr, representante da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul — FARSUL. A coordenação dos trabalhos ficou entregue ao zootecnista Sérgio Müller

da Secretaria da Agricultura.

Concluído o relatório, sob o título geral de Suínos para a Exportação, os técnicos sugerem uma série de medidas que devem ser tomadas a curto ou a longo prazo, a fim de se chegar ao objetivo final do programa.

Dada a importância do

referido trabalho para a economia de largas parcelas de populações em diversas regiões do nosso Estado, principalmente quando se pensa partir para a diversificação de atividades econômicas no interior, focalizaremos em nossa próxima edição um resumo detalhado do trabalho daqueles técnicos.

PERDAS DE TRIGO POR AMASSAMENTO

Calcula-se entre 6 a 12% o percentual de perdas por amassamento nas lavouras de trigo. Até o presente ainda não existem no Brasil resultados de pesquisas que determinem o valor exato destas perdas, ocasionadas pelas rodas dos tratores. As perdas por amassamento nas lavouras tritícolas variam seu percentual conforme a umidade do solo, isto é, solos mais úmidos provocam maior prejuízo e também a acentuada declividade do terreno faz com que o trator provoque o amassamento de mais de uma linha plantada. Outro fator que pode aumentar o percentual das per-

das por amassamento é o desenvolvimento da planta, visto que quanto mais desenvolvida estiver a planta maior será o dano.

Os prejuízos causados às lavouras pelo amassamento de linhas, ocasionado pelas rodas dos tratores, quando da realização de tratamentos fitossanitários nas lavouras está sendo pesquisado, este ano, pelos economistas agrícolas do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Esta pesquisa deverá mostrar quais os reais percentuais dos prejuízos causados pelo amassamento e a sua importância econômica para o custo dos cultivos de trigo.

MANEJO E PRODUÇÃO DE FORRAGEIRAS

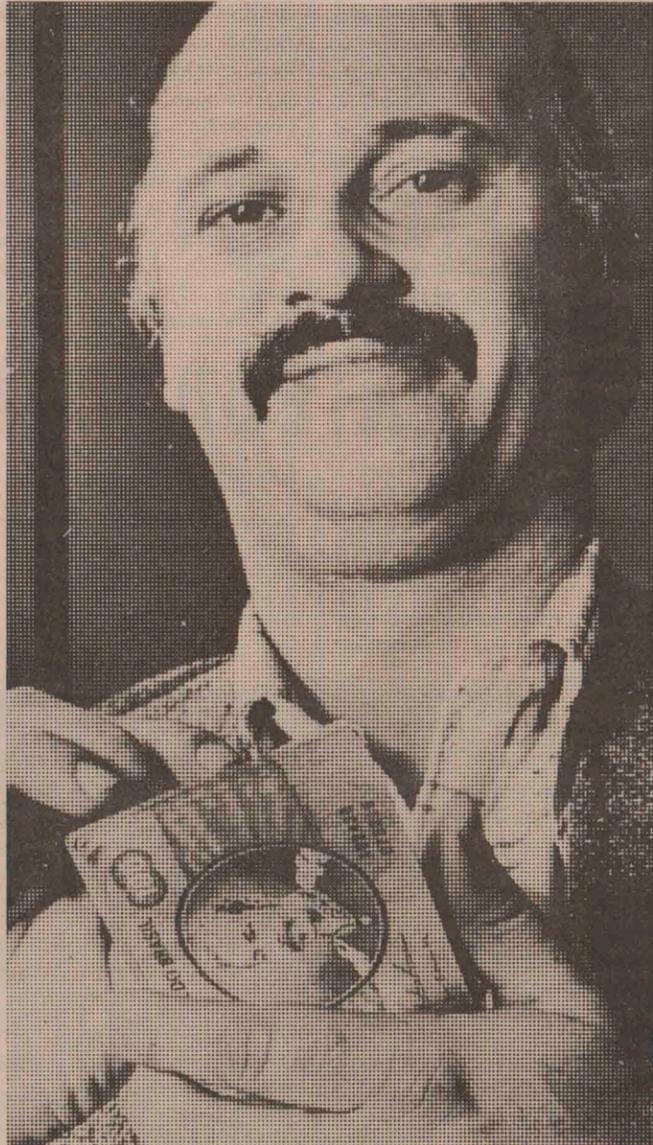
Esteve em visita a COTRIJUI, tendo se demorado em observações no Centro de Treinamento, localizado no município de Augusto Pestana, o eng. agr. João Carlos de Saibro, da Universidade do Rio Grande do Sul — Faculdade de Agronomia.

O técnico, que é PhD em Forrageiras, com curso de extensão na Auburn University, estado do Alabama, nos Estados Unidos, veio observar o trabalho que se desenvolve na área de ação da COTRIJUI no setor forrageiro.

PASTO ITALIANO

A COTRIJUI dispõe de sementes fiscalizadas de Pasto Italiano (Milheto) para comerciali-

zação a terceiros. Os interessados podem se dirigir ao Departamento Técnico da cooperativa.



A soja está lançada

Prepare hoje a sua grande safra de amanhã. Só os Adubos Complexos Ipiranga oferecem todos os nutrientes para a soja na dosagem exata: granulação uniforme, seca, solta e livre de pó, para adubação mais eficaz e econômica.

A alta técnica de produção e ensacamento da Fertisul torna isto possível.

E a grande rede de distribuição se encarrega de levar o fertilizante até você, sem demora, sem interrupção. E nem por isso Ipiranga custa mais.

Não confie na sorte. Confie em Ipiranga.

ADUBOS IPIRANGA 
PRODUZIDO PELA FERTISUL

LUIZ FOGLIATTO É NOME DE RUA EM CHIAPETTA

A cidade de Chiapetta homenageou o desaparecido líder cooperativista, Luiz Fogliatto, batizando uma rua com seu nome. A via pública que passou a ostentar o nome do ex-presidente da COTRIJUI, é a antiga rua São Luiz, em toda a sua extensão.

O decreto Executivo, de nº 7, datado de 10 de agosto último, que foi chancelado pelo prefeito Júlio Kronbauer, teve origem de caráter Legislativo, através de proposição do vereador Herbert Hintz, que na sessão de 2 de agosto leu ao plenário a seguinte exposição de motivos justificativa:

"Luiz Fogliatto, nascido em 3 de janeiro de 1924, na Xarqueada São João, município de Júlio de Castilhos, Rio Grande do Sul, filho do pecuarista Bortolo Fogliatto e de dona Maria Dreon Fogliatto, era o mais novo dos filhos do casal. Desde a sua infância demonstrou raros predicados de comportamento, aplicação e vivacidade.

Fez os estudos no Ginásio Estadual de Santa Maria, onde posteriormente se formou Contador, quando ainda contava 17 anos.

A partir de então passou a demonstrar grande amor ao trabalho. Tal foi desde o início sua dedicação às responsabilidades profissionais que em face de responsabilidades assumidas, não pode comparecer ao baile de sua formatura.

Consociou-se a 25 de julho de 1950 com dona Lais Fosati Heinz, de cujo matrimônio deixou quatro filhos.

Integrando-se na batalha pela produção de trigo, Luiz Fogliatto tornou-se um dos pioneiros pela lavoura mecanizada e racionalmente trabalhada. Sentindo as dificuldades de comercialização para os produtos primários, passou a alimentar o desejo de fundar uma cooperativa tritícola. Do desejo à realidade, o passo foi curto.

Em princípios de 1957 manteve reuniões com agricultores de Ijuí para esquematizar e fundar aquela que viria a ser, anos mais tarde a razão de sua vida de administrador.

A 20 de julho daquele ano era fundada a Cooperativa Tritícola Serrana Ltda, da qual passou a ser membro do Conselho de Administração.

Conclamado pelos associados para assumir a presidência da cooperativa, quando esta se encontrava na mais séria crise financeira de sua história e diante dos incessantes apelos dos colegas associados, Luiz Fogliatto aceitou a sua candidatura em 2 de junho de 1966, em assembléia que contou com a presença de mais de mil associados. Viu seu nome sufragado por esmagadora maioria.

Aí começou a sua grande batalha. Esse novo campo, verdadeiro desafio à sua capacidade de administrador, acabou transformando-o em autêntico líder cooperativista.

Foi durante a sua gestão que foram criados dois departamentos de vital importância para a agricultura: o Departamento Técnico e o Departamento de Crédito. O primeiro, que através de seus engenheiros agrô-

nomos e técnicos rurais propiciam aos agricultores uma assistência técnica permanente e de alto nível. Na área da pecuária foi introduzida a assistência veterinária e a inseminação artificial.

A segunda fase do esquema, armazenagem, ressentia-se de uma maior capacidade para uma cooperativa que, abrangendo já, 16 municípios, tornara-se regional. Atacando o problema de frente, foi ampliada a capacidade estática dos armazéns da sede e construídos os armazéns de Santo Augusto, Tenente Portela, Coronel Bicaco, Vila Jóia e Chiapetta.

A capacidade de armazenamento, que era no início da gestão de Luiz Fogliatto, de apenas 18 mil toneladas, passou a ser de 245 mil toneladas. Era a concretização da segunda parte do esquema planejado por Luiz Fogliatto, que nunca fora sonhador. Começou seriamente numa solução ideal para o escoamento da produção agrícola e foi então que surgiu a idéia de um Terminal Marítimo próprio em Rio Grande. Convocou uma assembléia a 27 de dezembro de 1969, quando reuniram-se 1.355 associados.

Exposta a idéia e o plano para o levantamento dos recursos iniciais necessários, através da retenção de 3% sobre o valor da safra de trigo daquele ano, foi a proposta aprovada e aclamada entusiasticamente pelo quadro social presente. Tal era a confiança que Fogliatto inspirava nos colegas associados. Estava lançada a base para a construção da maior obra de infra-estrutura já iniciada por

uma empresa privada, no gênero, em toda a América Latina. A partir daquele dia a vida de Luiz Fogliatto transformou-se em intensa atividade.

Iniciada a construção do Terminal em novembro de 1970, verdadeiro desafio à capacidade administrativa de Luiz Fogliatto, o idealizador da imponente obra, que dedicava cada dia mais horas ao trabalho do Terminal, viu-se aos poucos a obra crescer diante de seus olhos. E foi em junho de 1972, menos de dois anos do início das obras, que atracou o primeiro navio no Terminal da COTRIJUI, para um carregamento experimental. Todo o esquema funcionou a contento. Luiz Fogliatto viveu ali talvez o dia mais feliz de sua curta existência. Estava concretizado mais um objetivo de sua vida.

Argumentando que o tempo era escasso, e o final da primeira etapa estava próximo, descurava de seu bem-estar e da própria saúde, para legar à posteridade uma obra de vital importância.

Foi marcada então, a data em que o Presidente da República faria sua visita ao Terminal da COTRIJUI: outubro de 1972. Urgia, portanto deixar a obra em condições de receber tão ilustre visita.

No entanto, quis a marcha inexorável do tempo e da história, que aquele grande cooperativista não estivesse presente aos atos que marcaria a presença do general Emilio Garrastazu Médici naquele Terminal. Aos 14 dias de outubro de 1972, portanto, apenas dois dias antes da visita do Presidente, falecia.

Após rápida enfermidade, Luiz Fogliatto deixava este mundo de lutas e sacrifícios para juntar-se ao Criador, no mundo dos justos. Mas a sua presença aqui em Chiapetta também está marcada por uma obra imponente, que são as instalações da COTRIJUI, em nosso município.

Com a construção do graneleiro, recebendo a produção agrícola na zona de produção; trazendo inestimáveis benefícios para esta região, quer através do seu Departamento de Assistência Técnica, prestando assistência técnica diretamente ao agricultor, onde já temos um aumento considerável de produção agrícola, quer através do repasse de financiamento à formação de lavouras, quer através de seu Departamento Veterinário, que instalou um Posto de Inseminação Artificial para melhoria do rebanho bovino; quer através da Assistência Social que zela pela saúde de seus associados, somados aos esforços do corpo social de Chiapetta, com a chegada da COTRIJUI, em nosso meio, o município deu um passo marcante para a sua expressão econômica.

Por isso, senhor Presidente e nobres Vereadores, é o nosso desejo em tributar uma homenagem a Luiz Fogliatto denominando de "Rua Luiz Fogliatto" a atual rua "São Luiz", em toda a sua extensão.

Consideramos que é pouco o que Chiapetta pode fazer, pelo muito que esse grande líder cooperativista fez por Chiapetta. Sala das Sessões, Chiapetta, em 2 de agosto de 1976. Assinado, Herbert Hintz, vereador".

PRESIDENTE DA CCGTEL VISITOU COOPERATIVA PAULISTA

O diretor vice-presidente da COTRIJUI, sr. Arnaldo Oscar Drews, eleito presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Telefonia Rural, esteve na cidade paulista de Mogi das Cruzes, de 24 a 27 de agosto último, observando o funcionamento da Cooperativa Rural de Telecomunica-

ções daquele município. O dirigente cooperativista gaúcho estava acompanhado pelo diretor do Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo, engenheiro Luiz Lúcio Costabile Izzo, sendo recebido em Mogi das Cruzes pela diretoria da coopera-

tiva local, que tem na presidência o sr. Massaro Nakasato.

A Cooperativa de Mogi das Cruzes, a primeira a funcionar no país, apesar de nova - está operando há cerca de três anos - já estendeu 260 quilômetros de cabos-linha subterrâneo, funcionando com duas

centrais de 600 e 250 linhas, respectivamente.

O sistema operacional é cem por cento automático, o que requer o mínimo de participação do homem. Segundo o sr. Arnaldo Drews, é o sistema que convém a novíssima cooperativa gaúcha, em fase de

organização. Na foto o sr. Arnaldo Oscar Drews ao lado de sua esposa, tendo à esquerda o dr. Luiz L. C. Izzo, o presidente da congênere paulista, sr. Massaro Nakasato e outros dirigentes e funcionários da CRTMCL, de Mogi das Cruzes.

